

O SAGRADO CORAÇÃO DA CIDADE



DIRETRIZES PARA CONDUTA DE INTERVENÇÃO NA CATEDRAL DE PETROLINA, PE

Jade Felizola de Brito

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE TECNOLOGIA E RECURSOS NATURAIS
UNIDADE ACADÊMICA DE ENGENHARIA CIVIL
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

O Sagrado Coração da Cidade - Diretrizes para condução de
intervenção na Catedral de Petrolina, PE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Graduação em
Arquitetura e Urbanismo da Universidade
Federal de Campina Grande, como
requisito para obtenção do título de
Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientação: Profa. Dra. Alcília Afonso de
Albuquerque e Melo

Campina Grande, Julho de 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE TECNOLOGIA E RECURSOS NATURAIS
UNIDADE ACADÊMICA DE ENGENHARIA CIVIL
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Trabalho de conclusão de curso “O Sagrado Coração da Cidade - Diretrizes para conduta de intervenção na Catedral de Petrolina, PE”, apresentado por Jade Felizola de Brito, como parte dos requisitos para a obtenção do título em Bacharel em Arquitetura e Urbanismo outorgado pela Universidade Federal de Campina Grande – PB

APROVADO EM:

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Alcília Afonso de Albuquerque e Melo
Orientadora

Profa. Dra. Kainara Lira dos Anjos
Examinadora interna

Giovanna Aquino
Examinadora externa

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, necessito agradecer à Divindade, a Deus Pai, a Mãe Divina e a todos os seres de luz que me guiam e não me permitem esmorecer, mesmo nas horas mais difíceis, obrigada pela vida que me foi dada e pela oportunidade de me dedicar à essa temática, através da qual minha essência vibra e se engrandece.

Minha profunda gratidão a meus pais, Crisógomo e Suzienne, por todo o amor, apoio, dedicação e sacrifício, obrigada por sempre serem meus exemplos de vida, espero um dia poder retribuir ao menos uma parcela de tudo que fizeram e fazem por mim; À minha melhor amiga de toda a vida, minha irmã Sophia, também pelo amor, apoio e compreensão, por estar comigo nos momentos bons e ruins, por me ajudar a lidar com os problemas, mesmo que fosse só me fazendo rir, obrigada.

À minha família em geral, avôs Zé Eduardo e Fernando, avós Neusa e Amélia, além de todos os tios e tias, por toda a ajuda desde o início da graduação, por nunca permitirem me sentir desamparada por estar fora de casa, obrigada.

À minha orientadora, Kaki, pelos incentivos, ensinamentos, por sempre nos impulsar a superar nossos limites e barreiras e sonhar cada vez mais alto; A todos os professores da graduação, pelas contribuições de cada um para minha formação acadêmica e também amadurecimento pessoal.

E por último, mas não menos importante, agradeço às pessoas que conheci durante a graduação e que se tornaram tão importantes na minha vida. Felipe, obrigada por toda sua ajuda e apoio, carinho e compreensão, pela sua presença nos momentos mais delicados e por sempre me fazer acreditar em mim mesma; Às minhas meninas, Beatriz, Clarice, Dayanne, Fernanda e Isabella, obrigada por terem se tornado minha segunda família, por todos os momentos, risos, choros, brincadeiras, reuniões e alegrias, por me ajudarem a lidar com as dificuldades, superarem (alguns dos) meus medos, obrigada por terem feito esses anos tão especiais; por fim agradeço à toda a turma por toda a trajetória vivida e compartilhada nesses 5 anos de graduação. Obrigada.

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo o conjunto arquitetônico formado pela Igreja do Sagrado Coração de Jesus, junto à Praça Dom Malan, onde a mesma se encontra. O conjunto se localiza no centro da cidade de Petrolina, no estado de Pernambuco. A Igreja, em estilo neogótico, é uma das construções mais antigas da cidade e, juntamente à Praça onde está inserida, constitui um marco histórico e arquitetônico de extrema relevância local. Entretanto, devido à ausência de legislação de proteção, como também uma adequada orientação projetual de intervenção em local histórico, o conjunto ao longo do tempo ficou à mercê de diversas reformas que acarretaram descaracterizações. Além disso, também apresenta sinais de abandono e má conservação, especialmente no que se refere à Praça. O objetivo geral deste trabalho é propor diretrizes de conduta para conservação e intervenção no patrimônio edificado. Justifica-se a realização desta pesquisa por considerar que a conservação deste conjunto histórico é importante para contribuir com a preservação da memória histórica e coletiva do local. Foram utilizadas quatro metodologias para realizar esta pesquisa: a primeira foi um diagrama com uma proposta de pesquisa para projetos de intervenção elaborada pela arquiteta e professora Rosina Ribeiro (2016); a segunda é baseada numa metodologia de análise do objeto arquitetônico, proposta pela arquiteta e professora Alcília Afonso (2018), elaborada com base em Serra (2006), Ribeiro (2008), e Tinoco (2009); a terceira foi baseada em um boletim técnico intitulado “Patologia das Construções: procedimento para diagnóstico e recuperação”, elaborado pelo engenheiro civil Norberto Blumenfeld Lichtenstein (1985); e a quarta foi baseada na metodologia descrita por Tinoco (2009), elaborada com base em Lichtenstein (1985), e que aprofunda sobre os meios de diagnóstico e definição de conduta para intervenções em patrimônio. Como resultado deste trabalho, obteve-se o diagnóstico da situação atual dos objetos de estudo no que se refere à conservação dos mesmos, assim como as diretrizes para a conservação e preservação do conjunto estudado.

ABSTRACT

The present work has as object of study the architectural group formed by the Church of the Sacred Heart of Jesus, along with Dom Malan Square, where the church is situated. The complex is located in the center of Petrolina city, in the state of Pernambuco. The Neogothic Church is one of the oldest buildings in the city and, along with the square where it is located, constitutes a historical and architectural landmark of extreme local relevance. However, due to the absence of protection legislation, as well as an adequate project orientation of intervention in historical place, the set over time was at the mercy of several remakings, that led to decharacterization. In addition, it also shows signs of abandonment and poor conservation, especially regarding the Square. The general aim of this work is to propose guidelines for conservation and intervention in the built heritage. The realization of this research is justified considering that the conservation of this historical set is important to the preservation of the historical and collective memory of the place. Four methodologies were used to carry out this research: the first one was a diagram with a research proposal for intervention projects, elaborated by the architect and teacher Rosina Ribeiro (2016); the second one is based on a methodology of analysis of the architectural object, proposed by the architect and professor Alcília Afonso (2018), elaborated based on Serra (2006), Ribeiro (2008), and Tinoco (2009); the third was based on a technical bulletin entitled "Pathology of Constructions: procedure for diagnosis and recovery", prepared by the civil engineer Norberto Blumenfeld Lichtenstein (1985); and the fourth one was based on the methodology described by Tinoco (2009), elaborated based on Lichtenstein (1985), which deepens on the means of diagnosis and definition of conduct for interventions in heritage. As a result of this work, it was obtained the diagnosis of the current situation of the objects of study, regarding their conservation, as well as the guidelines for the complex's conservation and preservation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Templo Xintoísta (Japão); Fonte: História Ilustrada da Arquitetura, 2014; editado por Felizola, 2018.

Figura 2: As pirâmides de Gizé (Egito); Fonte: História Ilustrada da Arquitetura, 2014; editado por Felizola, 2018.

Figura 3: Templo de Palenque (México); Fonte: História Ilustrada da Arquitetura, 2014; editado por Felizola, 2018.

Figura 4: Parthenon (Grécia); Fonte: História Ilustrada da Arquitetura, 2014; editado por Felizola, 2018.

Figura 5: Templo do céu (China); Fonte: História Ilustrada da Arquitetura, 2014; editado por Felizola, 2018.

Figura 6: Panteão (Roma); Fonte: História Ilustrada da Arquitetura, 2014; editado por Felizola, 2018.

Figura 7: Basílica de Santa Sophia - Bizantino (Turquia); Fonte: História Ilustrada da Arquitetura, 2014; editado por Felizola, 2018.

Figura 8: Basílica de Saint-Sernim - Românico (França); Fonte: História Ilustrada da Arquitetura, 2014; editado por Felizola, 2018.

Figura 9: Igreja de São Pancrácio - Neoclássico (Inglaterra); Fonte: História Ilustrada da Arquitetura, 2014; editado por Felizola, 2018.

Figura 10: Catedral de Chartres; Fonte: História Ilustrada da Arquitetura, 2014; editado por Felizola, 2018.

Figura 11: Rosácea da Igreja de Saint-Ouen; Fonte: História Ilustrada da Arquitetura, 2014; editado por Felizola, 2018.

Figura 12: Palácio da Justiça de Rouen - Gótico (França); Fonte: História Ilustrada da Arquitetura, 2014; editado por Felizola, 2018.

Figura 13: Catedral da Boa Viagem (Belo Horizonte - MG); Fonte: Arquivo Pessoal/Felipe Araújo, 2017.

Figura 14: Capela de Santo Amaro (Recife - PE); Fonte: Andrea Rego Barros/Diário de Pernambuco, 2015.

Figura 15: Casa de Henry Gibson (Recife - PE); Fonte: Leonardo Dantas Silva/ antesquesuma.com.br, 2016.

Figura 16: Localização do estado e da cidade; Fonte: Elaborado por Felizola, 2018.

Figura 17: Localização do bairro Centro, juntamente com o objeto de estudo; Fonte: Google Earth, 2017; Editado por Felizola, 2018.

Figura 18: Mapa da relação entre a malha do centro e as igrejas; Fonte: Google Earth, 2017; Editado por Felizola, 2018.

Figura 19: Palácio Episcopal de Petrolina; Fonte: Arquivo Pessoal/ Jade Felizola, 2017.

Figura 20: Localização e perímetro da ZPH; Fonte: Google Earth, 2017; Editado por Felizola, 2018.

Figura 21: Imagem de 1970 de uma placa próxima a uma das entradas da cidade (BR 428), com o Monumento da Encruzilhada do Progresso ao fundo; Fonte: IBGE/ Editado por Felizola, 2018.

Figura 22: Igreja Matriz de Nossa Senhora Rainha dos Anjos (192?); Fonte: Arquivo/ Museu do Sertão; Editado por Felizola, 2018.

Figura 23: Registro da população petrolinense auxiliando no transporte das pedras, da pedreira próxima à orla até o local de obra; Fonte: CAVALCANTI, 1999; Editada por Felizola, 2018.

Figura 24: Construção da fachada frontal da Catedral; Fonte: CAVALCANTI, 1999; Editada por Felizola, 2018.

Figura 25: Fachada da Catedral elaborada pelo engenheiro Manoel Da Rin; Fonte: CAVALCANTI, 1999; Editada por Felizola, 2018.

Figura 26: Fachada posterior da Catedral em construção (1928); Fonte: CAVALCANTI, 1999; Editada por Felizola, 2018

Figura 27: Construção da estrutura interna; Fonte: CAVALCANTI, 1999; Editada por Felizola, 2018.

Figura 28: Igreja já próxima da conclusão; Fonte: CAVALCANTI, 1999; Editada por Felizola, 2018.

Figura 29: Primeiro registro fotográfico feito após a conclusão das obras na Catedral (1929); Fonte: CAVALCANTI, 1999; Editada por Felizola, 2018.

Figura 30: Inauguração da Catedral (1929); Fonte: Arquivo/ Museu do Sertão; Editada por Felizola, 2018.

Figura 31: Pórticos colocados em celebração à Inauguração da Catedral (1929); Fonte: Arquivo/ Museu do Sertão; Editada por Felizola, 2018.

Figura 32: Livro do Pe. Francisco José Cavalcanti; Fonte: Arquivo Pessoal/ Jade Felizola.

Figura 33: Primeiro Congresso Eucarístico; Imagem da Praça Dom Malan reformada (1948); Fonte: Arquivo Pessoal/ Carlos Malan; Editado por Felizola, 2018.

Figura 34: Estátua de Dom Malan (1970); Fonte: IBGE; Editada por Felizola, 2018.

Figura 35: Colégio Maria Auxiliadora, com terreno da praça ainda não ocupado (19--); Fonte: IBGE; Editada por Felizola, 2018.

Figura 36: Imagem do Colégio Auxiliadora, já com a Praça à frente (1970); Fonte: IBGE; Editado por Felizola, 2018.

Figura 37: Vista da Catedral e Igreja Matriz (1960); Fonte: Acervo/ Museu do Sertão; editado por Felizola, 2018.

Figura 38: Vista da Praça Dom Malan (19--); Fonte: IBGE; Editado por Felizola, 2018.

Figura 39: Concha Acústica de Petrolina (2017); Fonte: Arquivo Pessoal/ Jade Felizola.

Figura 40: Via que passava em frente à Catedral (19--); Fonte: Acervo/ Museu do Sertão; editado por Felizola, 2018.

Figura 41: Inclinação dos assentos da Concha Acústica (2017); Fonte: Arquivo Pessoal/ Jade Felizola.

Figura 42: Implantação da Catedral na Praça Dom Malan, esquematizando Insolação e Ventilação; Fonte: Elaborado por Felizola, 2018.

Figura 43: Planta baixa da Catedral, esquematizando as áreas por acesso; Fonte: Elaborado por Felizola, 2018.

Figura 44: Imagem do interior da Catedral; Fonte: CAVALCANTI, 1999; Editado por Felizola, 2018.

Figura 45: Peitoril da área das Absidíolas, semelhante à mesa de comunhão que antes existia no Altar (2017); Fonte: Arquivo Pessoal/ Jade Felizola.

Figura 46: Elemento decorativo de madeira nas Naves laterais, ilustrando o processo da *Via Crucis*; Fonte: Arquivo Pessoal/ Jade Felizola, 2018.

Figura 47: Pia batismal original feita de mármore; Fonte: Arquivo Pessoal/ Jade Felizola, 2018.

Figura 48: Detalhe dos nichos e tímpano da fachada frontal (2017); Fonte: Arquivo Pessoal/ Jade Felizola; Editado, 2018.

Figura 49: Relógio da torre doado por Padre Cícero; Fonte: Arquivo Pessoal/ Jade Felizola; Editado, 2018.

Figura 50: Fachada lateral norte da Catedral (2018); Fonte: Arquivo Pessoal/ Pedro Salinas.

Figura 51: Teto da Nave central (2017); Fonte: Arquivo Pessoal/ Jade Felizola; Editado, 2018.

Figura 52: Vista da Nave lateral (2017); Fonte: Arquivo Pessoal/ Jade Felizola; Editado, 2018.

Figura 53: Detalhe do fuste dos pilares, com arremate do capitel coríntio (2017); Fonte: Arquivo Pessoal/ Jade Felizola; Editado, 2018.

Figura 54: Exemplo de um dos vitrais da Catedral (2017); Fonte: Arquivo Pessoal/ Jade Felizola; Editado, 2018.

ÍNDICE

Introdução	17
1 Metodologia	19
2 Conceituação	29
3 Evolução da tipologia religiosa	37
3.1 No Mundo	39
3.2 No Brasil	48
3.3 Em Pernambuco	51
4 Estudo Preliminar sobre a Obra	53
4.1 Contextualização	55
4.1.1 Dimensão Geográfica	55
4.1.2 Dimensão Normativa	58
4.1.3 Dimensão Histórica	62
4.2 Caracterização	84
4.2.1 Dimensão Funcional	84
4.2.2 Dimensão Espacial	85
4.2.3 Dimensão Formal	93
4.2.4 Dimensão Tectônica	98
5. Estudo da Conservação da Obra	103
5.1 Vistoria	105
5.2 Fichas de Inventário de Danos	107
5.3 Mapa de Danos	121
6. Proposta de Intervenção	127
6.1 Aspectos Legais	129
6.2 Educação Patrimonial	130
6.3 Conservação Física	131
7. Considerações Finais	135
Referências Bibliográficas	139

INTRODUÇÃO

As discussões sobre a importância do patrimônio histórico e arquitetônico vêm nos últimos anos tomando cada vez mais força, pois está sendo cada vez mais difundido e corroborado o papel essencial que esse patrimônio material tem, além de fonte de pesquisa, como registro edificado da história e cultura.

A Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe) define o patrimônio material como “bens culturais de natureza tangível existentes no território do Estado, tomados socialmente como referência às identidades e memórias de uma população, seja por seu valor arqueológico, etnográfico, histórico, artístico, bibliográfico ou paisagístico”.

Entretanto, existem ainda muitos bens materiais no mesmo estado de Pernambuco que, apesar de corresponderem a todas as características citadas anteriormente, ainda não são oficialmente reconhecidos como “Patrimônio” em si, aqui com significado de bem passível de conservação e proteção.

Petrolina, no interior de Pernambuco, pode ser considerada uma cidade que possui muitos desses casos de bens conhecidos, mas não protegidos, e por conta disso, vulneráveis a descaracterizações, degradações e por fim demolições. Já no centro da cidade é perceptível este sintoma, que faz com que o local vá cada vez mais perdendo partes importantes da sua memória. Apesar disso, ainda existem exemplares materiais essenciais, também localizados no próprio centro urbano, que conservam em si parte da identidade local, pelo importante papel que exerceram e ainda exercem na vida da população petrolinense. Um destes, que se destaca não só visualmente pelo seu porte e estética, mas também em importância histórica e arquitetônica, é a Catedral da cidade.

Portanto, o presente trabalho propõe-se a analisar o edifício da Igreja do Sagrado Coração de Jesus (Catedral), localizada no centro da cidade de Petrolina (PE), juntamente com a Praça Dom Malan, na qual a edificação se encontra, pela compreensão da relevância de tal conjunto para a preservação da memória histórica e arquitetônica da cidade.

Como objetivo geral, a pesquisa se propõe a fazer um levantamento abrangente sobre o conjunto, destacando os aspectos de preservação e conservação deste patrimônio; como objetivos específicos, a pesquisa se propõe a: caracterizar o conjunto arquitetônica e tectonicamente (desenhos técnicos, fotografias e/ou outros tipos de materiais e documentos); diagnosticar as principais alterações já sofridas pelo conjunto desde sua origem, assim como analisar a situação atual dos objetos; corroborar a necessidade de preservação legal da Catedral Sagrado Coração de Jesus e Praça Dom Malan, além de definir condutas e diretrizes de conservação e intervenção.

Sentiu-se a necessidade de abordar o objeto de estudo escolhido pela percepção de que o conjunto em questão representa uma parte essencial da memória da cidade. A Catedral mais especificamente, se constitui hoje como um dos mais importantes marcos históricos da cidade, símbolo de desenvolvimento e crescimento.

Também essa necessidade se fortalece pela percepção de que esse patrimônio atualmente se encontra tombado apenas em nível municipal, o que infelizmente não o impediu de estar à mercê de reformas e modificações sem orientação apropriada ou fiscalização. Tal situação acarreta sérias consequências como a descaracterização gradativa da edificação (que já passou por duas grandes reformas), o que pode prejudicar tanto seu papel documental como sua relação com a memória da população.

Portanto, tal estudo se faz indispensável para abalizar o risco a que esse conjunto tão importante está submetido, e a necessidade de medidas mais concretas que protejam esse patrimônio histórico e arquitetônico da cidade de Petrolina.

CAPÍTULO 1

METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido com base nas metodologias de RIBEIRO¹ (2008) e AFONSO² (2017), complementadas pelos métodos de análise de LICHTENSTEIN (1986)³ e TINOCO⁴ (2009). O método desenvolvido por Rosina Ribeiro e seu grupo de pesquisa da FAU/RJ (gráfico 1), diz respeito ao estudo para projetos de restauro do patrimônio edificado; porém, mesmo o propósito do trabalho não correspondendo a uma intervenção física, a metodologia neste caso será adaptada. O estudo da edificação proposto por Ribeiro é constituído por três componentes:

LEGISLAÇÃO – levantamento de todos os aspectos legais referentes ao patrimônio;

OBJETO HISTÓRICO – levantamento da história do patrimônio, assim como do contexto histórico e artístico no qual o mesmo se insere;

OBJETO FÍSICO – levantamento dos aspectos arquitetônicos, artísticos, estruturais, arqueológicos, junto ao estado de conservação no qual este se encontra.

Por sua vez, a metodologia desenvolvida por AFONSO (2017), trabalhada pelo Grupo de Pesquisa Arquitetura e Lugar (GRUPAL), o qual é vinculado à Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), propõe a análise do objeto arquitetônico através de cinco dimensões:

DIMENSÃO HISTÓRICA – Resgate dos fatos históricos que envolveram o processo de projeto, a obra, o cliente, etc, abordando também o contexto histórico, cultural e social que envolveu a produção da obra (SERRA, 2006);

1 RIBEIRO, Rosina Trevisan: Arquiteta, atualmente professora do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e do Mestrado profissional em Projeto e Patrimônio da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

2 AFONSO, Alcília: Arquiteta, atualmente professora do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande, do Programa de Pós-graduação em Design/UFCG, e do Mestrado em História/UFPI.

3 LICHTENSTEIN, B. Norberto: Mestre em Engenharia, ex-professor da Escola Politécnica de São Paulo.

4 TINOCO, José Eduardo: Arquiteto e Urbanista, especialista em Conservação, responsável técnico do Centro de Estudos Avançados de Conservação Integrada.

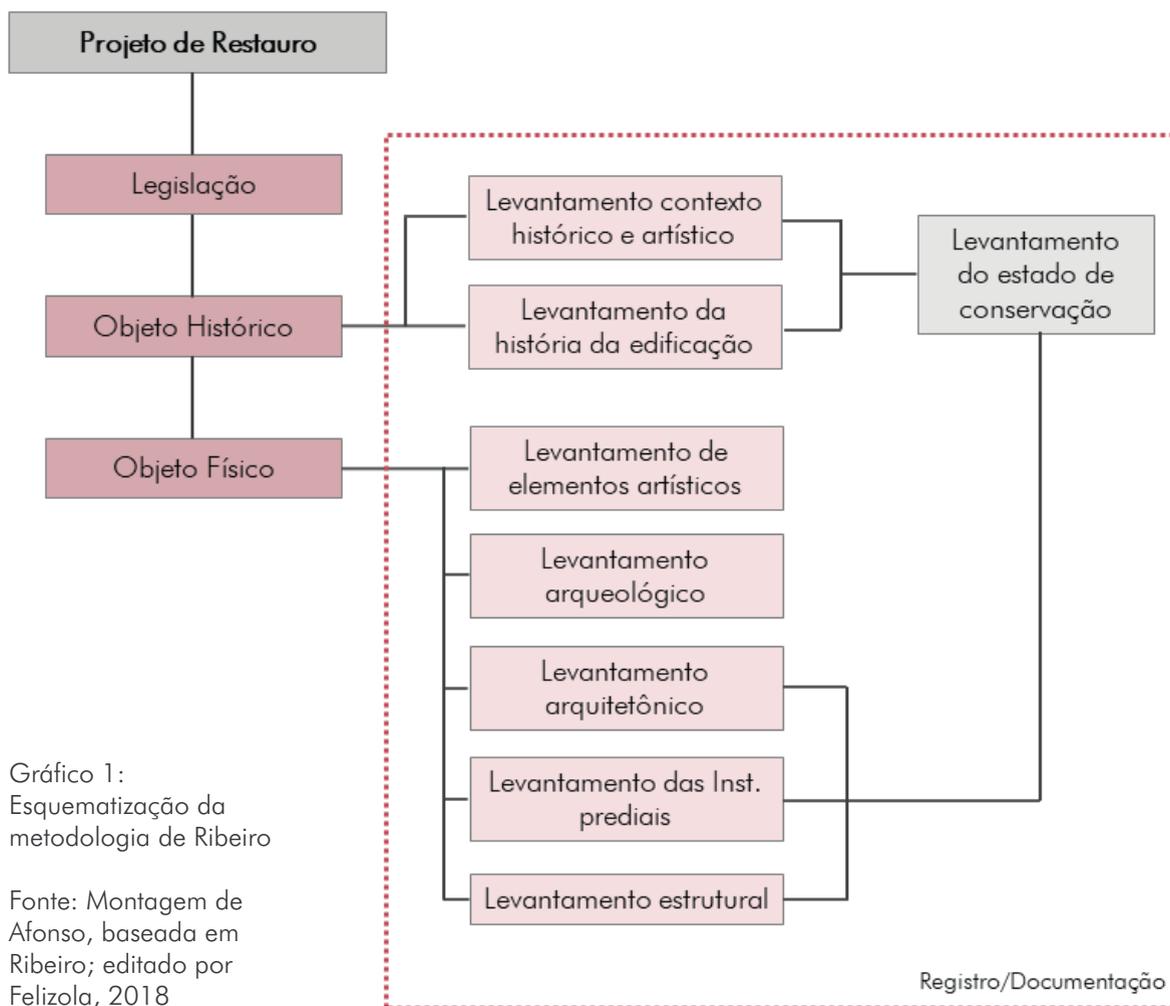


Gráfico 1:
Esquematização da
metodologia de Ribeiro

Fonte: Montagem de
Afonso, baseada em
Ribeiro; editado por
Felizola, 2018

DIMENSÃO ESPACIAL – Apreensão das características do espaço externo (localização, implantação, entorno, gabarito, zona urbana) e do espaço interno (programa de necessidades, zoneamentos, fluxogramas, etc);

DIMENSÃO TECTÔNICA – Análise construtiva da obra, abordando o sistema estrutural, os materiais utilizados, e os detalhes construtivos;

DIMENSÃO FUNCIONAL – Comparação entre uso original e atual

DIMENSÃO FORMAL – Estudo do estilo adotado, análise da volumetria da edificação (fachadas frontal, posterior, laterais e cobertura).

Já no método proposto por Lichtenstein (1986) (gráfico 2), no Boletim Técnico da Escola Politécnica da USP intitulado “Patologia das Construções”, para estudo das falhas dos edifícios, existem três grandes etapas:

LEVANTAMENTO DE SUBSÍDIOS – Acumulação e organização de informações necessárias para análise da edificação, que pode ser feito através de: vistorias do local, levantamento do histórico do problema e do edifício (Anamnese), e ensaios e análises complementares;

DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO – Entendimento das informações levantadas e busca das causas e efeitos que geraram os problemas patológicos identificados;

DEFINIÇÃO DE CONDUTA – Descrição de ações necessárias para resolução dos problemas encontrados, incluindo os meios e a previsão de consequências das ações determinadas.

Por fim, o método de Tinoco (2009) (gráfico 3), baseia-se no de Lichtenstein, porém adiciona elementos às fases de diagnóstico e definição de condutas. Segundo o autor, a fase de análise dos danos deve obter respostas para as origens, causas, natureza, mecanismos e agentes relativos aos problemas da edificação. Após essas análises, segue a etapa de prognóstico, ou busca de alternativas; em seguida a definição de uma conduta de intervenção, para, finalmente, executar a intervenção em si.

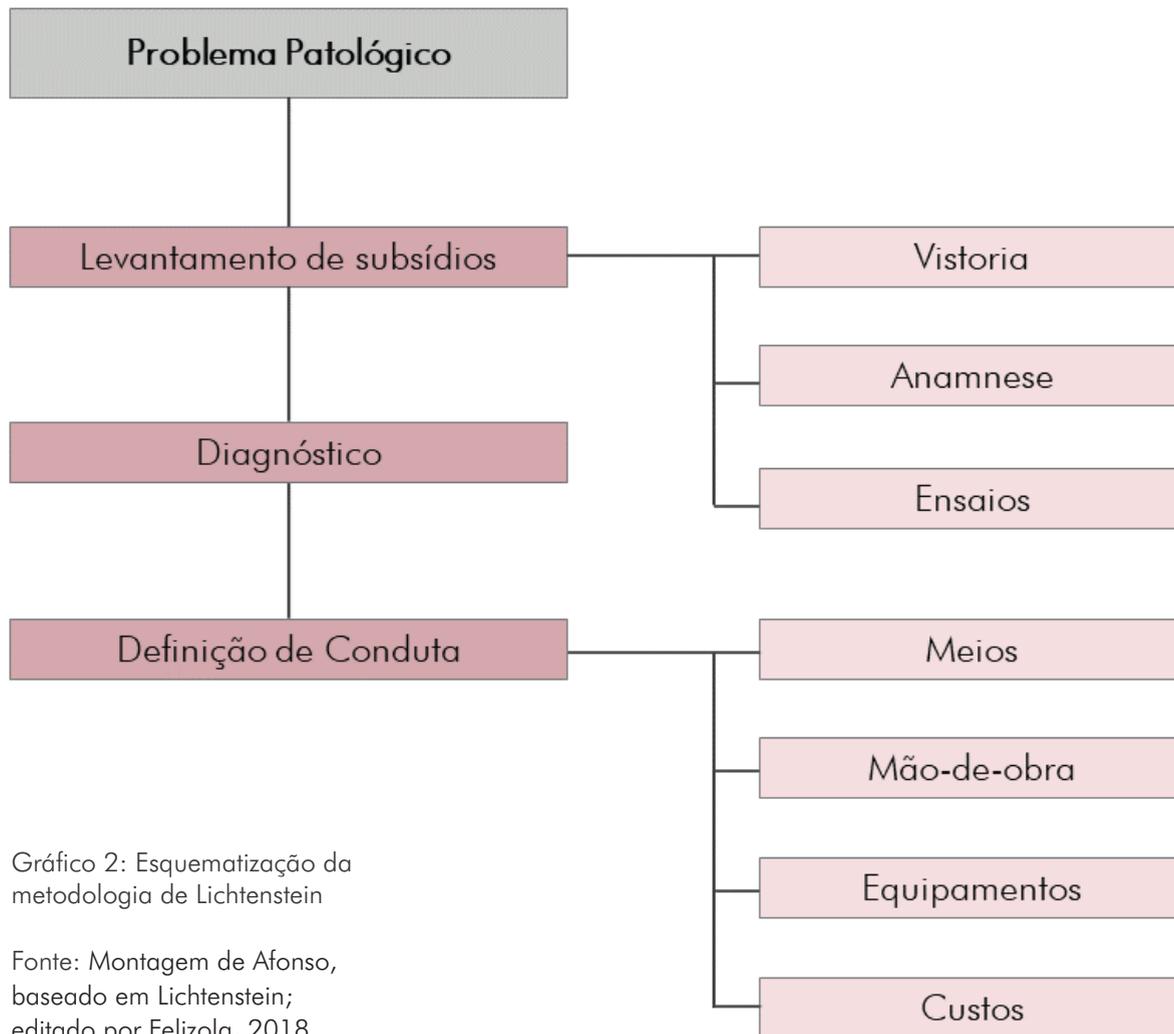


Gráfico 2: Esquemática da metodologia de Lichtenstein

Fonte: Montagem de Afonso, baseado em Lichtenstein; editado por Felizola, 2018

Mais uma vez, como o trabalho não se trata de uma intervenção a nível físico, as metodologias aqui apresentadas foram adaptadas para permitir uma análise mais completa do objeto de estudo. Da metodologia anteriormente exposta, serão utilizados elementos presentes nas etapas de compreensão de danos e de alternativas. Para complementação da fase da pesquisa correspondente ao Estudo da Conservação da Obra, serão elaboradas as Fichas de Identificação de Danos (FIDs), para posterior elaboração do Mapa de Danos (TINOCO, 2009).

Tinoco define o Mapa de Danos como uma “representação gráfico-fotográfica sinóptica, onde são discriminados rigorosa e minuciosamente todos os danos ou deteriorações da edificação”. Ou seja, se trata precisamente de um documento que reúne todas as informações sobre o estado de conservação da edificação, adquiridas através das investigações realizadas. Já as FIDs se tratam de formulários que sistematizam as informações para a elaboração do Mapa de Danos; elas sistematizam as informações, contendo registros gráficos e/ou fotográficos, além de outros dados como denominação ou caracterização do dano, manifestação ou sintoma, causa, natureza, origem, agentes, etc (TINOCO, 2009).

Já as FIDs se tratam de formulários contendo os registros principais para auxiliar a elaboração do Mapa de Danos; elas sistematizam as informações, contendo registros gráficos e/ou fotográficos, além de outros dados como denominação ou caracterização do dano, manifestação ou sintoma, causa, natureza, origem, agentes, etc (TINOCO, 2009).

Portanto, analisando as metodologias dos quatro autores citados, e vendo a necessidade de ampliar e adicionar alguns outros aspectos imprescindíveis ao estudo em questão, foi elaborada uma metodologia geral para realização deste trabalho, composta de três etapas (gráfico 4):

1) ESTUDO PRELIMINAR SOBRE A OBRA: etapa composta de duas subetapas: Contextualização e Caracterização do objeto:

CONTEXTUALIZAÇÃO: Engloba aspectos mais gerais compostos pelas Dimensões Geográfica (lugar), Normativa (legislação), e Histórica;

CARACTERIZAÇÃO: Engloba aspectos mais específicos sobre o objeto compostos pelas Dimensões Funcional (uso), (espaço externo e interno), Tectônica, Funcional (uso) e Formal.

2) ESTUDO DA CONSERVAÇÃO DA OBRA: se trata da elaboração do Diagnóstico do objeto, para tal serão considerados a Vistoria, assim como as FIDs e o Mapa de Danos;

3) PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: se trata da etapa final, na qual, após a apreensão dos dados e do diagnóstico, é elaborada uma conduta a ser tomada acerca do objeto em estudo. Essa conduta pode corresponder tanto a um projeto arquitetônico de intervenção no patrimônio (caso a intenção fosse uma intervenção a nível físico), quanto a indicação de diretrizes para proteção/conservação (no caso deste trabalho em concreto), ou para futuras intervenções no patrimônio.

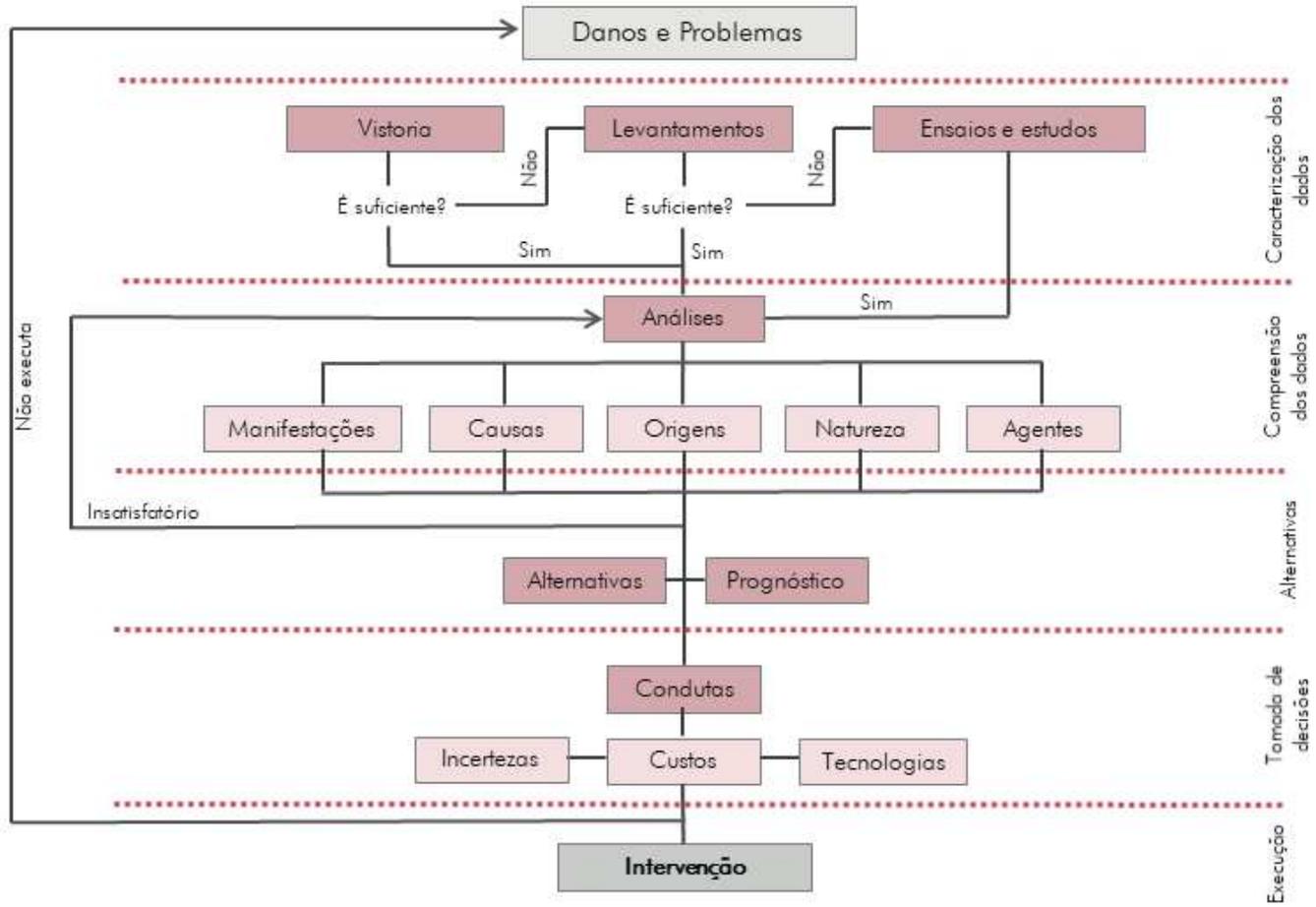


Gráfico 3: Esquemática da metodologia de Tinoco

Fonte: TINOCO, 2009; editado por Felizola, 2018

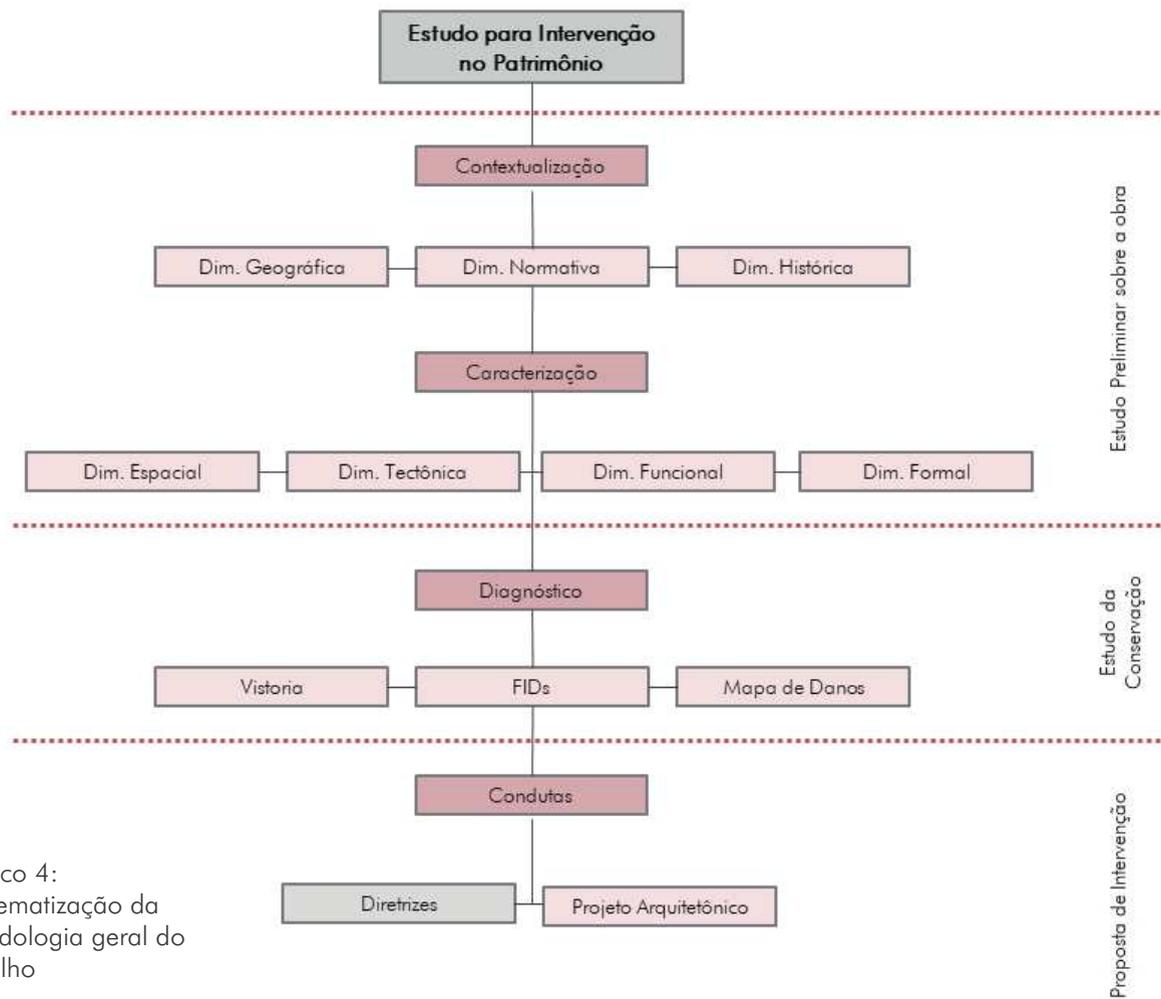


Gráfico 4:
Esquematização da
metodologia geral do
trabalho

Fonte: Elaborado por
Felizola, 2018

CAPÍTULO 2

CONCEITUAÇÃO

Vê-se necessário, antes de nos aprofundarmos no estudo do objeto em si, abranger certos conceitos referentes ao estudo do patrimônio histórico-arquitetônico, para melhor compreensão da análise do objeto em questão. Um desses conceitos é o de **conservação**.

Como define a Carta de Burra, carta internacional do ICOMOS adotada em 1999, a conservação corresponde aos cuidados voltados para um bem, na intenção de preservar neste as características que lhe conferem uma significação cultural, implicando, ou não, em preservação, restauro e manutenção; em alguns casos também pequenas reconstruções e adaptações, para melhor atender às exigências e necessidades de uso do bem.

Já a **preservação** é definida no documento como a prática de manutenção e desaceleração do processo de degradação do patrimônio. Em outras palavras, a preservação pode ser entendida como uma ferramenta da conservação, e não um sinônimo da mesma.

Por fim, a Carta de Burra define a **restauração** como o *“restabelecimento da substância de um bem em um estado anterior conhecido”*, ou seja, é uma espécie de reconstituição da obra a uma fase anterior à degradação, a qual só deve ser realizada se existirem dados e documentos que comprovem efetivamente esta fase.

Desde o início dos estudos e processos que visavam evitar a perda e deterioração dos patrimônios históricos, esses três conceitos supracitados eram discutidos e por vezes confundidos e mesclados.

As primeiras discussões em torno das práticas mencionadas têm como maiores representantes o teórico inglês John Ruskin, e o arquiteto francês Eugène Viollet-le-Duc. Segundo Choay (2001, p. 141), Ruskin (1819-1900) foi um dos pioneiros a atribuir ao monumento histórico a noção de memória afetiva e valores como a identidade. Ele, juntamente com William Morris, o qual era ferrenho seguidor seu, foram também os primeiros a considerar os “conjuntos urbanos” tão dignos de preservação quanto os edifícios isolados.

Também os dois teóricos foram os primeiros a pensar na proteção de monumentos históricos em escala internacional (CHOAY, 2001, p. 142), militando e mobilizando-se pessoalmente por tal causa.

O pensamento de John Ruskin emergiu das transformações acarretadas pela Revolução Industrial; o escritor defendia o total respeito às construções do passado, assim como ao material original dos quais elas eram compostas; também era contra modificações que pudessem de alguma forma, prejudicar ou interferir no caráter significativo da edificação, assim como criticava duramente as restaurações (OLIVEIRA, 2008).

Em contrapartida, seguindo uma linha de raciocínio diametralmente oposta à Ruskin, o arquiteto Viollet-le-Duc (1814-1879) não só defendia como praticava em seus projetos a intervenção em edifícios históricos, intervenções estas que por vezes resultavam em projetos totalmente diferentes do original. Ao contrário do teórico e historiador inglês, que exaltava o passado, Le-Duc buscava em suas intervenções adaptar as obras ao presente (OLIVEIRA, 2009).

Segundo Rogério Dias de Oliveira¹ (2009), o francês também era contra a prática comum na época de “cópias fiéis”, defendendo a diferenciação do antigo e do novo e o destaque dos traços das intervenções, ao invés de tentar disfarçá-las, o que pode ser considerado como uma de suas grandes contribuições. Também tinha uma polêmica prática de se colocar no lugar do projetista original da obra, na tentativa de deduzir o que o mesmo faria na situação em questão.

Considerado por muitos teóricos como o “mediador” entre as ideologias de Ruskin e Le-Duc, o italiano Camillo Boito (1834-1914) em sua obra “Os Restauradores”, pontua alguns aspectos relativos à prática de conservação e restauração. Define que as duas práticas não são sinônimas, mais bem antônimas, e que por respeito à obra original, a conservação deve ser priorizada em detrimento da restauração, e esta deve ser utilizada apenas em casos altamente necessários (ARAÚJO, 2005)².

Ribeiro (2008) destaca ainda que nesta mesma obra do teórico italiano, o mesmo define um conjunto

1 OLIVEIRA, Rogério Pinto Dias de: Arquiteto formado pela Universidade Federal de Pelotas; especialista em Arquitetura e Patrimônio Arquitetônico no Brasil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; atualmente trabalha na Secretaria do Patrimônio Histórico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

2 ARAÚJO, Denise Puertas de: Arquiteta e urbanista formada pela FAUUSP; atualmente, na área de História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo, na mesma faculdade.

de princípios básicos para projetos de intervenção, os quais são: a distinguibilidade (diferenciação do novo e do existente), a reversibilidade (capacidade de reverter as intervenções feitas visando facilitar intervenções futuras), e a mínima intervenção (respeito máximo à obra original e ao existente). A partir desses três princípios, já se nota a fusão ideológica dos dois pensamentos antagônicos anteriormente mencionados.

Também o arquiteto se destaca por determinar em sua ideologia, formas diferentes de intervir em campos artísticos diferentes. Em relação à arquitetura, Denise Araújo (2005) nos conta que Boito “distanciava-se de Ruskin e de Le-Duc: do primeiro, à medida que não aceitava a morte certa dos monumentos e, do segundo, não aceitando levá-los a um estado que poderia nunca ter existido antes”.

O trabalho de Camillo Boito foi essencial para a evolução dos conceitos e práticas contemporâneas referentes à conservação e à restauração, destacando a distinção entre as duas, assim como a importância que o mesmo deu ao embasamento em documentações e o respeito às obras. Além disso, o fato de seus trabalhos abordarem uma revisão dos trabalhos de Ruskin e Le-Duc influenciou uma retomada dos pensamentos desses autores na elaboração da Carta de Atenas de 1931 (ARAÚJO, 2005).

A Carta, elaborada em 1931 pelo Escritório Internacional dos Museus Sociedade das Nações, dá início à sequência de Cartas Patrimoniais, as quais são documentos internacionais resultantes de discussões, contendo conceitos, orientações e diretrizes referentes ao Patrimônio histórico, artístico e cultural em geral. Houveram outras Cartas extremamente relevantes, inclusive em relação aos métodos de conservação e restauro dos bens culturais, entre as quais merecem destaque neste estudo:

CARTA DE VENEZA: elaborada em 1964 no II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos, pelo Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS). Salienta a ausência de um plano internacional de restauração e conservação dos bens culturais; também define o conceito de monumento histórico, incluindo neste não só as construções isoladas, como também os sítios urbanos ou rurais; também determina que conservação e restauro dos monumentos tenham foco não só em preservar o teor artístico dos mesmos, mas também seu valor documental, como um registro

histórico (ressaltando que a conservação necessita de manutenção constante, porém o restauro tem caráter excepcional);

CARTA DE BURRA: elaborada em 1980 pelo Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS). Como já citado no início deste capítulo, esse documento abarca definições dos termos relacionados à conservação, também com indicações sobre como proceder em relação à cada prática; foca também no aspecto da significação cultural e determina que toda e qualquer intervenção prevista em um bem deve ser precedida de um profundo estudo dos dados materiais, documentais, etc.

CONFERÊNCIA DE NARA (ou Conferência sobre autenticidade em relação a convenção do Patrimônio Mundial): realizada em 1994, pela UNESCO, ICCROM e ICOMOS. O documento em questão se trata de uma revisão e ampliação do conteúdo da Carta de Veneza; destaca a valorização da diversidade cultural e patrimonial, também retomando o conceito de autenticidade, aqui definido como o principal fator de atribuição de valores ao patrimônio; defende que a autenticidade seja pesquisada no processo de entendimento da valorização patrimonial.

CARTA DE CRACÓVIA (ou Princípios para a Conservação e o Restauro do Patrimônio construído): elaborada em 2000 na Conferência Internacional sobre Conservação. Também retomando a Carta de Veneza, o documento aborda, além dos métodos e instrumentos de conservação, os diferentes tipos de patrimônio construídos, como o arqueológico, os monumentos, a decoração arquitetônica, as cidades, paisagens, etc; além disso, também salienta a importância da participação da sociedade através da educação patrimonial, assim como destaca a relevância da formação de profissionais e especialistas em conservação, bem como a qualidade da mão-de-obra para execução de projetos deste âmbito.

As cartas tiveram e têm até hoje um papel extremamente significativo, pois através delas foi possível estabelecer recomendações que viabilizaram ações mais acertadas, cautelosas e conscientes acerca da intervenção no patrimônio histórico (para aqueles que souberam interpretar e seguir corretamente suas indicações). Até se chegar na evolução destes conceitos e normas, tanto em relação a como se conservar quanto em relação ao que se conservar, foram anos de discussões e diálogos. Entretanto, no que se refere aos objetos arquitetônicos, a arquitetura religiosa quase sempre figurou entre o hall

de monumentos passíveis de conservação e proteção legal, desde o início deste debate.

Como afirma Choay (2001, pg. 172): “[...] até a década de 1960, o trabalho de conservação dos monumentos históricos visa essencialmente aos grandes edifícios religiosos e civis [...]”. Talvez pela monumentalidade das grandes construções religiosas e civis das civilizações antigas, ou também, em relação ao cristianismo mais especificamente, pelo poder e influência que tanto a religião quanto seus líderes exerceram e ainda exercem nas sociedades; ou ainda pela forte relação de identidade que estas construções criaram com suas comunidades, o fato é que as edificações religiosas estiveram desde o princípio entre as prioridades na conservação do patrimônio histórico-arquitetônico.

CAPÍTULO 3

EVOLUÇÃO DA TIPOLOGIA RELIGIOSA

3.1. No Mundo

Desde a antiguidade, a arte é utilizada pela humanidade, entre outras coisas, como uma ferramenta de expressão da espiritualidade. Ao analisarmos as civilizações antigas, como por exemplo a Egípcia e Mesopotâmica, vemos que na grande maioria das vezes, toda a estrutura social desses povos era guiada através de seus princípios religiosos.

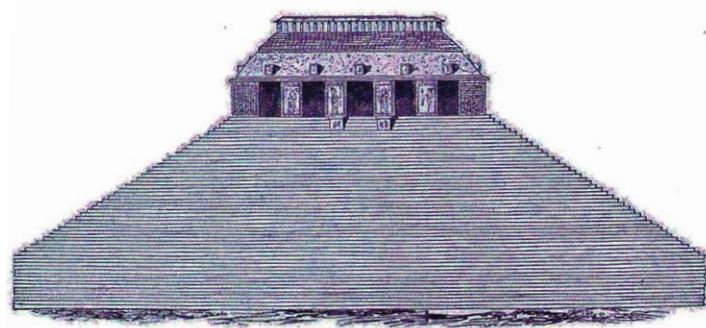
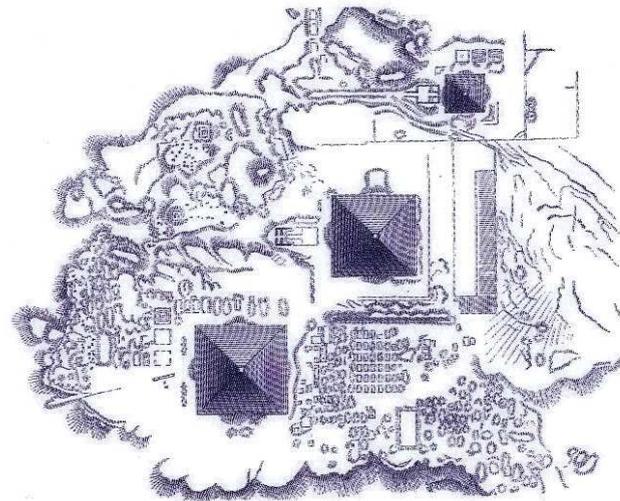
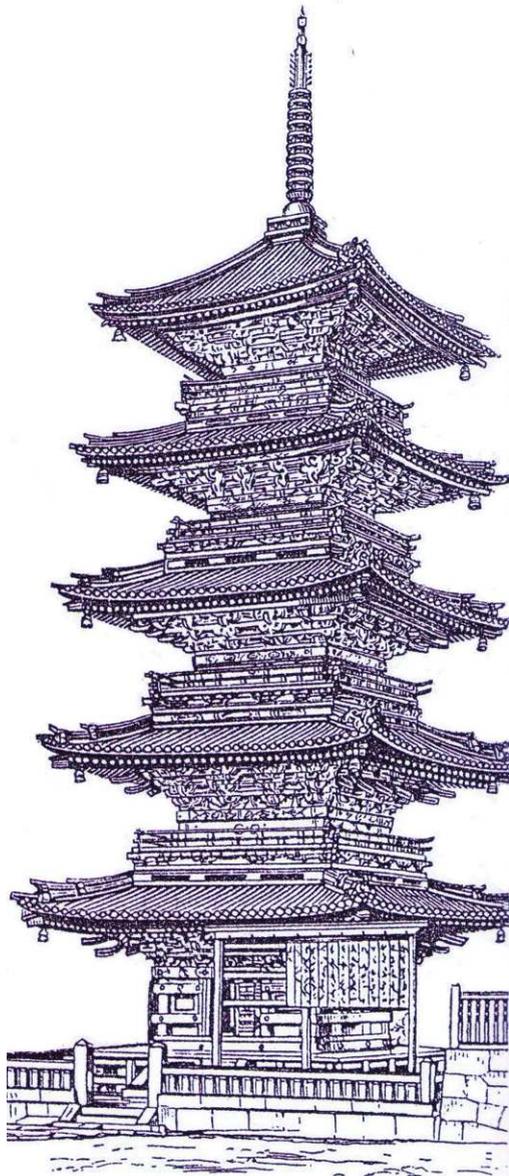
Neste caso em concreto, a arquitetura continha um papel fundamental na transmissão da grandiosidade destas civilizações antigas, assim como de seus princípios espirituais. Retomando mais uma vez ao Egito, temos como exemplo edificações que, de tão monumentais, geraram o termo “faraônicas”, derivado de seus regentes. Entre estas edificações, impossível não recordar das pirâmides de Gizé¹, que são as grandes representantes desta civilização.

Porém não só no Egito, como também na Ásia temos a antiga China dinástica, com seus templos de oração e ornamentos sagrados; o Japão também com seus templos xintoístas e budistas; nas Américas temos as civilizações Pré-Colombianas, com suas escadarias íngremes representando o caminho até os céus; na Europa temos a Grécia e Roma antiga, também com seus templos em homenagem a seus deuses (como o Parthenon grego ou o Panteão romano), entre outros muitos os exemplos. Portanto, através disso, se pode corroborar mais uma vez a intrínseca relação entre a arquitetura e a religiosidade, antes mesmo do surgimento do Cristianismo.

Em relação à arquitetura cristã mais especificamente, os primeiros exemplares de Igrejas e construções relacionadas à doutrina só começam a aparecer após cerca de 300 anos da morte de Jesus, o Cristo, quando o Cristianismo é oficialmente reconhecido como religião por Constantino I, Imperador de Roma, através do Édito de Milão (COLE et al, 2014)².

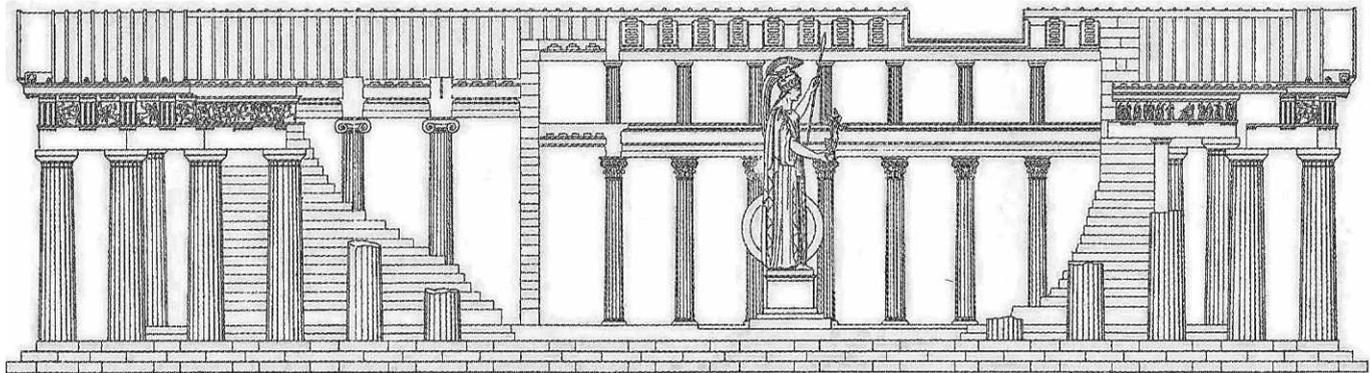
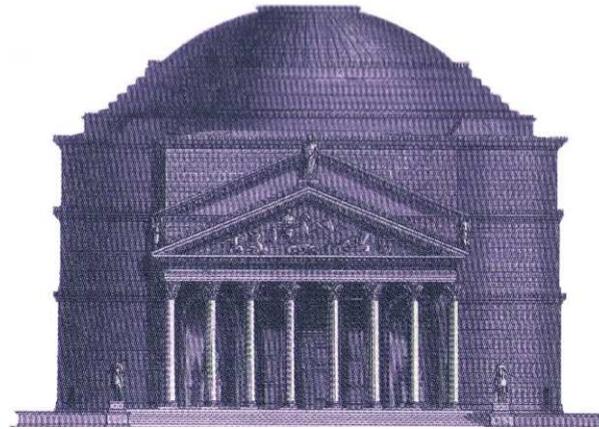
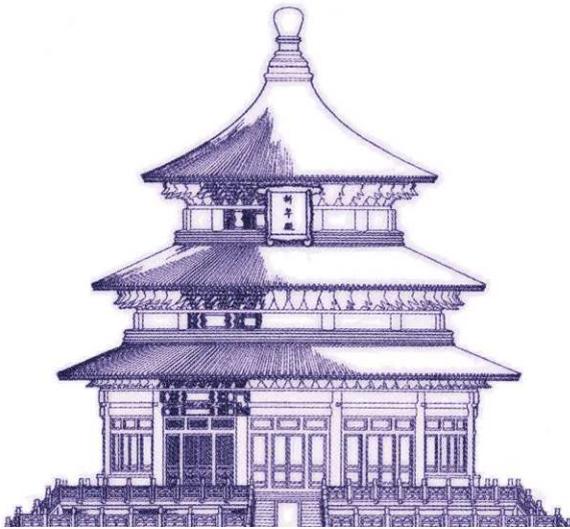
1 As pirâmides são um forte exemplo da espiritualidade do povo egípcio, pois este baseava fortemente suas crenças na vida após a morte, por esse motivo essas construções eram os túmulos dos grandes governantes, com salas que continham alimentos e oferendas aos mortos.

2 COLE, Emily: Editora geral do livro "História Ilustrada da Arquitetura", publicado no Brasil pela Publifolha (2014).



Em sentido horário - Figura 1:Templo Xintoísta (Japão);
Figura 2: As pirâmides de Gizé (Egito);
Figura 3: Templo de Palenque (México)

Fonte: História Ilustrada da Arquitetura, 2014; editado por Felizola,
2018



Em sentido horário - Figura 4: Parthenon (Grécia);
Figura 5: Templo do céu (China);
Figura 6: Panteão (Roma)

Fonte: História Ilustrada da Arquitetura, 2014; editado por Felizola,
2018

Com a definição da capital do Império Romano em Constantinopla, as primeiras arquiteturas tipicamente cristãs começaram a surgir. A princípio foi adaptada a tipologia romana da Basílica, por corresponder a edifícios públicos que serviam a vários usos diferentes. Com plantas inicialmente centralizadas, em formato circular, de cruz ou polígono (inspiradas pela arquitetura romana), a arquitetura cristã foi tomando forma e se consolidando (COLE et al, 2014).

Quando, por volta de 395 d.C., o Império Romano novamente se dividiu entre Ocidente e Oriente, também essa nova arquitetura seguiu rumos diferentes. No ocidente continuava a se inspirar nas basílicas romanas, prezando por mais simplicidade; já no oriente o estilo bizantino começava a florescer, priorizando cada vez mais a complexidade e riqueza de detalhes (COLE et al, 2014).

O Império Bizantino alcançou sua consolidação e apogeu no reinado do imperador Justiniano (527-562), o qual em um ímpeto de realização de obras, incentivou as construções e inovações no novo estilo arquitetônico em desenvolvimento, o que colaborou para a consolidação do estilo bizantino (COLE et al, 2014). Foi nesse contexto que se iniciou a construção do monumento mais representativo do estilo bizantino, a Basílica de Santa Sofia. A edificação, com sua complexa coberta composta de várias cúpulas, marcou o apogeu deste império, assim como da arquitetura nele desenvolvida.

Após a era Justiniana, houve o declínio do Império Romano do Oriente e posterior retomada do controle pelo Império do Ocidente, acompanhado da fase "Iconoclasta", fomentada pelo Papa Leão III. O pontífice alegava que havia, nas construções bizantinas, a idolatria de símbolos pagãos, por isso, apoiou a substituição de diversos elementos decorativos por elementos mais simplistas e discretos (COLE et al, 2014). Tal fase impactou diretamente o surgimento das novas construções religiosas do período, gerando edificações mais austeras, discretas e simplistas, assim como de menor porte.

Já por volta do fim do século X até início do XIII, começa a surgir na França um outro estilo arquitetônico muito difundido e característico das arquiteturas cristãs: o Românico. Seu nome deriva do fato de também se basear em formas e elementos da arquitetura romana (como a abóbada de berço). É a partir desse período que se inicia a consolidação das plantas das igrejas em formato de cruz (também grega, porém mais comumente romana).

Apesar de ter surgido na França e ter se baseado em elementos romanos, este estilo, como já dito, espalhou-se por toda a Europa, tendo destaque em países como, além da França, a Alemanha, a Espanha, a Inglaterra e Itália. Em cada um desses países, o estilo foi ganhando aspectos locais próprios, com diferenciações e inovações construtivas (COLE et al, 2014).

Concomitantemente ao desenvolvimento e difusão da arquitetura românica, por volta do século XII, se iniciou o surgimento, também na França, de um novo estilo: o Gótico. Como traços característicos dessa arquitetura pode-se destacar a verticalidade, a luminosidade, os arcos ogivais, as abóbadas de cruzaria, além de uma das mais importantes inovações estruturais da época, o arcobotante (COLE et al, 2014). Assim como o românico, o gótico também foi sendo adaptado e recebendo diversos elementos e ornamentos ao longo do tempo, tanto na França como nos outros países europeus nos quais o estilo foi difundido (no geral, nos mesmos locais onde o românico também teve destaque).

Um fato de importância salientar é que, por serem contemporâneos, os estilos românico e gótico por vezes se influenciaram mutuamente, através de elementos específicos. Porém, uma grande diferença entre os dois estilos se encontra em que, por um lado, o românico no geral foi mais frequentemente utilizado nas construções de cunho religioso (exceto alguns poucos castelos e palácios); já o gótico transcendeu muito além da arquitetura religiosa, onde, particularmente na França e Inglaterra, foi incorporado às construções civis e inclusive residenciais (COLE et al, 2014).

Posteriormente à essa fase, surgiram outros estilos que contribuíram e influenciaram fortemente a arquitetura religiosa, como o movimento renascentista, surgido na Itália aproximadamente no início do século XV, o qual retomava elementos do período clássico da arquitetura, porém incorporava por vezes também elementos dos estilos antecessores. Assim como o gótico, não se restringiu às construções religiosas, sendo aplicado a outros usos.

Já no século XVII, cria-se um novo estilo, desta vez intrínseco à igreja Católica, como ferramenta auxiliar do movimento da Contrarreforma³: o Barroco. Rompendo com a racionalidade e cometimento

3 Conjunto de medidas criado pela Igreja Católica visando combater a Reforma Protestante de Martinho Lutero

do estilo renascentista, o barroco apela para a êxtase dos sentidos e para a emoção. Para isso utiliza-se de formas dinâmicas, curvas, por vezes distorcidas, além da profusão de ornamentação e uso de materiais como o mármore e o ouro. Também foi incorporado a usos civis e residenciais, sendo dois famosos exemplos o Museu do Louvre e o Palácio de Versalhes, ambos na França.

Por fim, em meados do século XIII, começa a surgir um estilo que tem como principal intenção contragestar os excessos da arquitetura barroca, buscando retomar a leveza das arquiteturas gregas e romanas. Neste contexto nasceu o estilo Neoclássico, o qual possui alguns exemplos de aplicação na arquitetura cristã (como a igreja de São Pancrácio, em Londres), porém no geral foi mais utilizado em edifícios públicos (COLE et al, 2014).

Além dos países europeus, este estilo particularmente também teve grande difusão pelas Américas, especialmente nos Estados Unidos. Na capital, Washington D.C., figuram vários exemplares arquitetônicos neoclássicos de grande relevância, entre eles destaca-se o Capitólio (COLE et al, 2014).

Já no final do século XVIII até o fim do século XIX, nasceu uma onda revivalista das artes medievais. Alguns historiadores e teóricos da arquitetura chamaram esse movimento de “Arquitetura Historicista”; já outros incluem esse título junto à Arquitetura Eclética; o fato é que esse novo estilo arquitetônico tinha como premissa o resgate de características de estilos anteriores (BÖHM, 2015)⁴.

De caráter controverso, a Arquitetura Historicista sofreu muitas críticas, especialmente por parte dos Modernistas, os quais alegavam que muitas obras se tratavam de “Pastiche”⁵. Porém essas críticas passaram recentemente a ser revisadas, visto que se percebeu que, apesar de realmente ocorrerem

4 BÖHM, Mauro Fernando Normberg: Arquiteto e Urbanista formado pela Universidade Federal de Pelotas; Especialista em Patrimônio Cultural, com ênfase em conservação e restauro de Patrimônio Edificado; Mestre em Arquitetura e Urbanismo; Professor do ensino profissional e superior no Instituto Federal de Ensino, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC).

5 PASTICHE: Obra de arte, música, literatura etc. que intencionalmente copie o estilo do trabalho de outra pessoa ou apresente intencionalmente vários estilos, ou a prática de fazer arte de uma destas formas.

casos de cópias sem criatividade, não se tratava necessariamente de uma regra geral que se via em todas as obras pertencentes ao estilo (BÖHM, 2015).

O Historicismo, apesar de se inspirar no passado, trouxe consigo diversas inovações e contribuições técnicas e também acadêmicas. Como destaca PATETTA⁶ (1935), os adeptos do estilo Neogótico (o qual buscava inspiração nas obras Góticas da antiguidade), foram pioneiros no estudo sobre os diversos estilos da Idade Média, diferenciando Românico e Gótico, assim como as especificações surgidas nesses estilos de acordo com o país em que se estabelecia.

Vê-se importante ressaltar um aspecto que caracterizou esse período chamado Eclético, que diz respeito a uma certa lógica de “divisão tipológico-estilística” das edificações. Segundo SILVA⁷ (1940), após o advento da Revolução Industrial, estabeleceu-se essa logística de que obras de grande porte de cunho comercial, como estufas, mercados, armazéns e fábricas, seriam construídas no estilo “metalúrgico Moderno” ; os edifícios religiosos levariam os estilos bizantino, românico e gótico; e os edifícios públicos em sua maioria no estilo clássico.

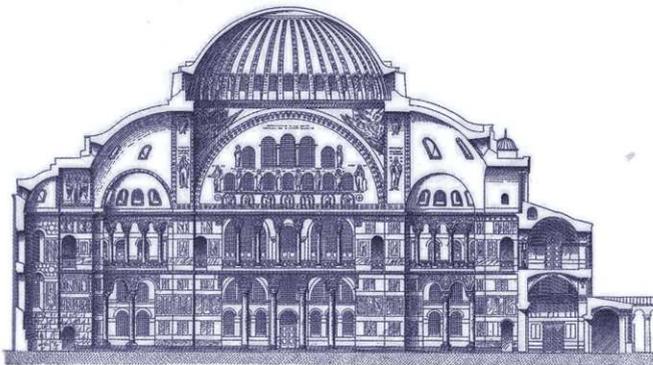
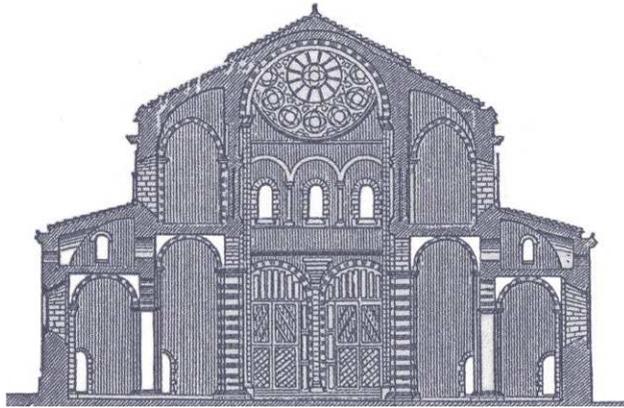
Mais especificamente sobre o Neogótico, BENÉVOLO⁹ (1960) afirma que esse movimento obteve seu êxito no ano de 1830, acompanhando as reformas sociais e urbanísticas iniciadas na Inglaterra e França, após o surgimento das consequências da Revolução Industrial. O aprofundamento nos estudos sobre o Gótico antigo ocasionados nesta época, trouxe à luz essencialmente as características construtivas e estruturais deste estilo, percebendo-se a relação entre a decoração e a estrutura, e trazendo inovações como a implementação de estruturas metálicas originadas da engenharia do ferro.

6 PATETTA, Luciano: Arquiteto e Professor de História da Arquitetura na Faculdade Politécnica de Milão, Itália.

7 SILVA, Geraldo Gomes: Arquiteto, Professor do Departamento de Arquitetura da Universidade Federal de Pernambuco.

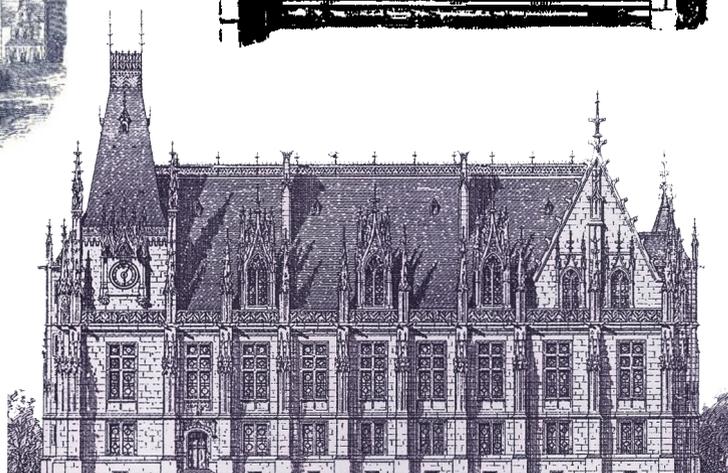
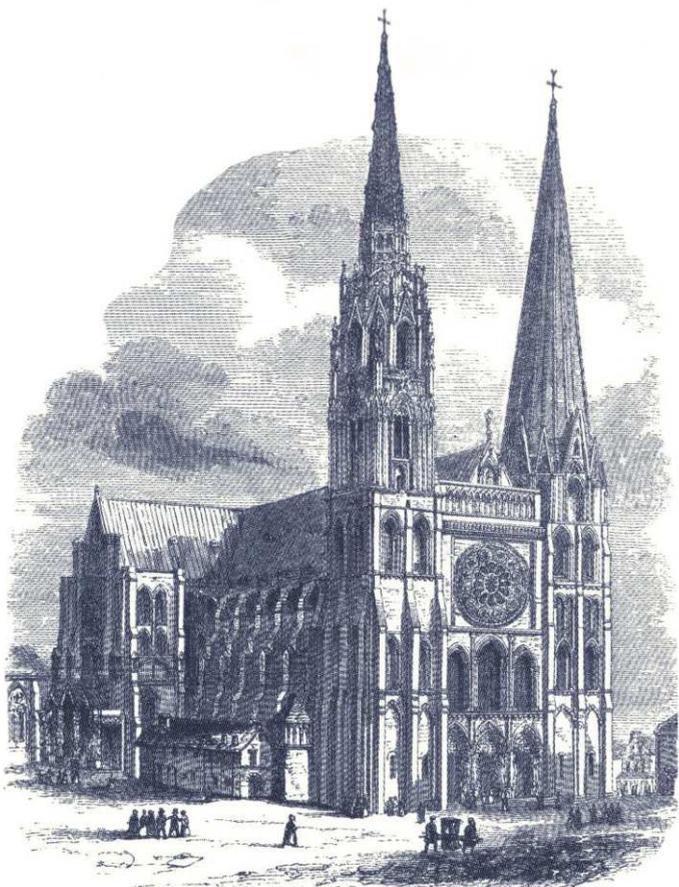
8 Denominação de MIGNOT (1983).

9 BENÉVOLO, Leonardo: Arquiteto e Urbanista, Historiador; Um dos principais historiadores da área da Arquitetura; ex-professor das Universidades de Florença, Palermo, Roma e Veneza, na Itália; falecido em 2017.



Em sentido horário - Figura 7: Basílica de Santa Sophia - Bizantino (Turquia);
Figura 8: Basílica de Saint-Sernin - Românico (França);
Figura 9: Igreja de São Pancrácio - Neoclássico (Inglaterra)

Fonte: História Ilustrada da Arquitetura, 2014; editado por Felizola, 2018



Em sentido horário: Figura 10: Catedral de Chartres;
Figura 11: Rosácea da Igreja de Saint-Ouen;
Figura 12: Palácio da Justiça de Rouen - Gótico (França)

Fonte: História Ilustrada da Arquitetura, 2014;
editado por Felizola, 2018

Logo, começou a surgir na Europa uma profusão de edificações em estilo Neogótico, em sua maioria igrejas; também surge o Neogótico metálico, muito utilizado por Viollet Le-Duc, o qual é considerado por muitos o antecessor ao estilo Art Nouveau. Assim, o movimento foi cada vez mais se estabelecendo na Europa, e, conseqüentemente, influenciando diversas outras nações que mantinham intrínsecas relações econômicas e comerciais com o Continente, dentre estas encontra-se na época como ferrenho importador, não só de produtos como de cultura europeia, o Brasil.

3.2. No Brasil

No Brasil, o Neogótico tem sua presença marcada a partir do século XIX, sendo associado a outros estilos predominantes na época. O estilo foi primeiramente introduzido no Rio de Janeiro, sendo a primeira construção Neogótica no Brasil datada de 1812-1816 (VASCONCELLOS, 2002 apud D'ÁVILA¹⁰, 2008).

Tal fato se deu devido à chegada da Família Real Portuguesa, se iniciou um profundo processo de reestruturação urbana e arquitetônica em várias partes do país, mas de maneira mais direta na cidade do Rio de Janeiro, que na época era capital. Por conta desse acontecimento, estabeleceu-se oficialmente primeiro o estilo Neoclássico para, mais adiante, surgir a presença do Neogótico.

Ainda sobre o Rio de Janeiro, se pode encontrar outros exemplos de manifestações do Neogótico na cidade, como a Capela da Piedade (1862), a Igreja da Imaculada Conceição (1886), e ainda o edifício da Ilha Fiscal (1889). No estado do Rio de Janeiro também se tem exemplares desse estilo, como a Catedral de São Pedro Alcântara (1925), em Petrópolis (ÁVILA, 2008).

10 D'ÁVILA, Pollyanna Gonçalves Dias: Formada em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Amazonas; Especialização em História da Cultura e da Arte pela Universidade Federal de Minas Gerais; Mestra em Letras e Artes pela Universidade do Estado do Amazonas, com pesquisa sobre a arquitetura neogótica em Manaus no Período da Borracha.

Após se estabelecer na capital, o estilo foi se propagando gradativamente, com presença mais marcada - na região Sudeste - nos estados de São Paulo e, posteriormente, Minas Gerais. Alguns exemplos que podem ser citados são, em São Paulo, a Igreja da Consolação (1909), e a Catedral da Sé (1954), porém existem muitas outras amostras por todo o estado, inclusive aplicadas a tipologias diferentes da religiosa (D'ÁVILA, 2008).

Importante destacar uma construção que é considerada por muitos a primeira obra projetada em estilo neogótico do estado, que é a Igreja Evangélica Luterana de São Paulo (1908), a qual, infelizmente, foi grandemente afetada e destruída por conta da tragédia do incêndio seguido de desabamento do Edifício Wilton Paes de Almeida, em maio deste ano.

Já em Minas, temos como exemplo a Basílica de Nossa Senhora de Lourdes (1923) e a Catedral da Boa Viagem (1932) (Figura 13), além de encontrarmos referências neogóticas na Maternidade Hilda Brandão (1916) (D'ÁVILA, 2008). Por sua vez, o Rio Grande do Sul é um dos estados onde mais podemos perceber a adoção do Neogótico em construções de tipologias religiosas entre o fim do século XIX e o início do século XX, tendo alguns exemplares na capital, Porto Alegre, mas especialmente no interior do estado, em regiões de colonização italiana e alemã (A REPRESENTAÇÃO..., 2014, pg 2). Na cidade de Porto Alegre temos representantes do estilo a Catedral da Santíssima Trindade (1903), e a Igreja do Santíssimo Sacramento e de Santa Teresinha (1931).

No Nordeste, os estados que apresentam mais destacadamente amostras de arquitetura neogótica são Ceará, Piauí e especialmente, Pernambuco. No Ceará, temos em Fortaleza a Igreja da Imaculada Conceição (1913) e, posteriormente, a Catedral Metropolitana de Fortaleza (início da construção em 1938); no Piauí, a Igreja de Nossa Senhora do Amparo (1852), e a Capela do Colégio das Irmãs (1920), em Teresina (JESUS; CARVALHO, 2015).

O caso de Pernambuco diferencia-se um pouco dos demais estados. As manifestações da arquitetura eclética e, por consequência neogótica, surgiram mais cedo nele que nos outros estados, ostentando edificações que figuram entre as mais antigas do país no estilo, por motivos que serão expostos em seguida.



Figura 13: Catedral da Boa Viagem (Belo Horizonte - MG)

Fonte: Arquivo Pessoal/Felipe Araújo, 2017

3.3 Em Pernambuco

Como dito anteriormente, no estado de Pernambuco houve uma inserção de maneira diferenciada, mais bem antecipada, da influência estilística europeia no local. Tal fato se deu, segundo SILVA (1940), devido à posição geográfica do porto do Recife, o que facilitou e viabilizou a chegada de tendências culturais europeias, especialmente no século XIX.

Assim como no Rio de Janeiro e posteriormente em outras regiões do país, a introdução do Neoclassicismo antecedeu o movimento eclético também no Recife. Isso pode ser evidenciado através das edificações de caráter público construídas nesta época (muitas por profissionais estrangeiros, como os franceses Boyer e Louis Vauthier) (SILVA, 1940).

Em relação ao Neogótico, uma edificação que é considerada uma das primeiras manifestações do estilo no país e no estado é a Capela do Cemitério de Santo Amaro (1855) (Figura 14), projetada pelo engenheiro pernambucano José Mamede Ferreira (SILVA, 1940). Mais uma vez, através dessa obra, confirma-se a estreita relação criada entre o Neogótico e as construções religiosas.

Apesar disso, essa relação não impediu que o estilo fosse aplicado em outras tipologias. Assim como ocorreu na Europa, em Pernambuco também existiram manifestações Neogóticas em construções residenciais, como por exemplo a casa do comerciante inglês Henry Gibson (Figura 15), datada de 1847, localizada no subúrbio de Recife (SILVA, 1940). Segundo o autor, o estilo aplicado em usos que não o religioso, como o caso desta residência, não atraía muito a simpatia da população da época, já acostumada à relação estilística-tipológica vigente.

Como pôde-se perceber, a disseminação do movimento neogótico, originado na Europa, principalmente França, teve muita força no Brasil nas regiões Sul, Sudeste, e também Nordeste, sendo Pernambuco privilegiado pelas relações comerciais de sua capital. No auge da utilização desse estilo, no interior do estado, surgiu a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Catedral de Petrolina, datada de 1925, se tornando mais um exemplar dessa arquitetura.



Figura 14: Capela de Santo Amaro (Recife - PE)

Fonte: Andrea Rego Barros/
Diário de Pernambuco, 2015



Figura 15: Casa de Henry Gibson (Recife - PE)

Fonte: Leonardo Dantas Silva/
antesquesuma.com.br, 2016

CAPÍTULO 4
ESTUDOS PRELIMINARES

4.1. Contextualização

4.1.2. Dimensão Geográfica

Sentiu-se a necessidade da adição deste tópico pela compreensão de que o contexto geográfico é essencialmente importante para melhor apreensão e familiarização com o objeto de estudo. Como já citado anteriormente, o conjunto arquitetônico se situa na cidade de Petrolina, a qual localiza-se na região semiárida do vale do São Francisco, interior do estado de Pernambuco (Figura 16). Situado na região nordeste do país, o estado tem como limites os estados da Paraíba, Ceará, Alagoas, Bahia e Piauí, e atualmente conta com o número de 185 municípios (IBGE, 2017).



Figura 16:
Localização do estado
e da cidade;

Fonte: Elaborado por
Felizola, 2018

Já o Vale do São Francisco corresponde às localidades que margeiam o Rio São Francisco, que corta, além de Pernambuco, os estados de Minas Gerais (onde se encontra sua nascente) e Bahia. Pela fertilidade apresentada pelo solo dessa região, tornou-se uma área próspera no cultivo de frutas e hortaliças, sendo a sub-região de Petrolina e Juazeiro a que mais se destaca quanto à ampla produção e exportação de vinho e frutas (principalmente de uva e manga), figurando atualmente entre os maiores exportadores de frutas do país (GUIA DO ESTUDANTE, 2017).

Em relação ao município, Petrolina é conhecida, além da exportação de frutas, por suas altas temperaturas e vegetação nativa de caatinga (bioma único, existente apenas no Brasil), por estar situada em uma região semiárida. Hoje em dia conta com uma população estimada de aproximadamente 343 mil habitantes, sendo o quinto maior município do estado, constituído de quatro distritos: Petrolina, Cristália, Curral Queimado e Rajada (IBGE, 2016).

Atualmente conta com cerca de 54 municípios, sendo o objeto de estudo localizado no Centro (Figura 17), área mais antiga da cidade, próxima à orla do rio. Está delimitada pelas ruas Joaquim Nabuco e Antônio Santana Filho, e pelas avenidas Guararapes e Coronel Amorim. Como será abordado adiante, o traçado urbano iniciou-se a partir dessa área, tendo como ponto de partida a Igreja Matriz da cidade (CARVALHO, 1993)¹.

Apesar da Igreja Matriz ter sido o ponto de partida do traçado inicial da cidade, é possível perceber que algumas das principais vias do bairro se encontram precisamente no entorno da Praça Dom Malan, fazendo a conexão desta área com o restante da cidade e com a Avenida Cardoso de Sá, localizada na orla da cidade (Figura 18).

Em relação ao bairro, além de ser o mais antigo da cidade, ainda é o que concentra a maior diversidade de serviços e equipamentos. Contém o centro comercial do município, também o centro médico, jurídico, o maior shopping da cidade, o estádio de futebol, várias escolas, as duas igrejas

1 CARVALHO, Cid: Personalidade Petrolinense; Jornalista e Escritor, escreveu cerca de 14 obras; devido à sua importância e à influência do seu trabalho, a Biblioteca Municipal da cidade recebeu seu nome em sua homenagem.

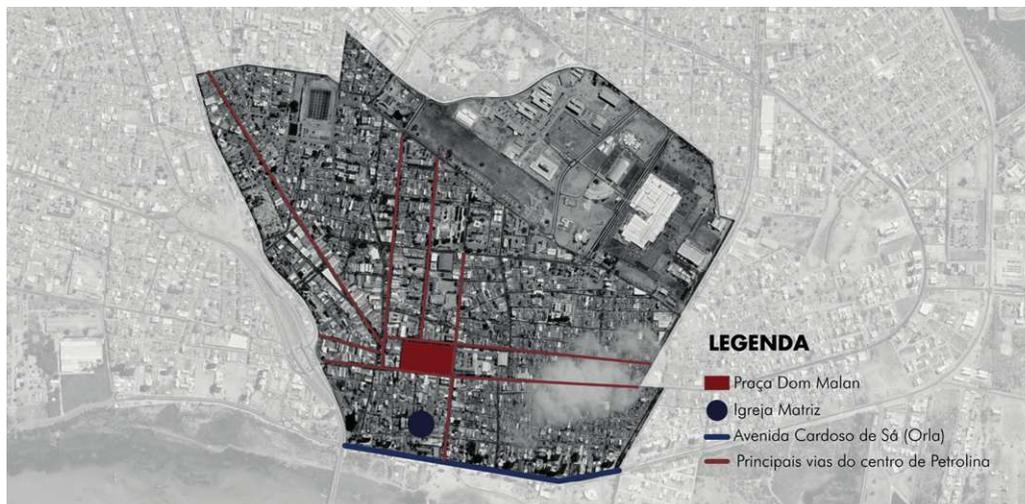
Figura 17: Localização do bairro Centro, juntamente com o objeto de estudo

Fonte: Google Earth, 2017; Editado por Felizola, 2018



Figura 18: Mapa da relação entre a malha do centro e as igrejas

Fonte: Google Earth, 2017; Editado por Felizola, 2018



4.1.2 Dimensão Normativa

No tocante à proteção dos bens históricos e arquitetônicos no estado de Pernambuco, em nível nacional, a superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) do estado possui uma relação dos bens protegidos por esse órgão, porém estes se encontram apenas nas cidades de Recife, Olinda, Igarassu e no Arquipélago Fernando de Noronha.

Em nível estadual, a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe), a qual é o órgão técnico de proteção do patrimônio, também possui uma lista com os bens protegidos. Da cidade de Petrolina, figuram nessa lista como bens tombados pelo estado apenas a **Igreja Matriz de Nossa Senhora Rainha dos Anjos**, e a **Estação Ferroviária** da cidade. Além desses bens, está atualmente em processo de tramitação o tombamento estadual do Palácio Episcopal da cidade (Figura 19).

A obra, uma edificação em estilo neoclássico datada de 1929 que pertence ao patrimônio da Diocese da cidade, estava correndo graves riscos de descaracterização total, já que havia um projeto (apoiado e aprovado pela administração da Diocese) para a transformação do edifício em questão em um shopping popular.

A importância desse bem para a história e memória da cidade é imensa, pois, como será abordado mais adiante, o Palácio foi construído contemporaneamente à Catedral da cidade, sendo uma das mais antigas e significativas construções que ainda restam no município. Infelizmente, são comuns casos onde os maiores responsáveis pelos danos sofridos por edificações históricas são os proprietários, e mais ainda quando o proprietário em questão é o Clero². Já sobre a legislação especificamente no município de Petrolina temos, segundo o Plano Diretor da cidade (2006), uma Zona de Patrimônio Histórico (ZPH) (Figura 20), definida como:

2 CHOAY, 2001, pg. 144. Segundo a autora, surgiram, na França e Inglaterra, dois tipos de “vandalismo” que podiam ocorrer aos edifícios antigos: o destruidor e o restaurador; o teórico Montalembert, citado pela autora, ainda ressalta que no que se refere ao vandalismo restaurador, o Clero encontra-se em primeiro lugar em relação à atuação, seguido dos governos, câmaras municipais e por fim, dos proprietários.

“[...] área do sítio histórico da cidade, caracterizada pela diversidade de usos e atividades urbanas, inclusive uso habitacional de diversos padrões construtivos, pelas significativas mudanças de tipologias e usos acarretando a desfiguração das construções, pelo adensamento excessivo dos lotes nas áreas comerciais, pela obstrução visual da área histórica com edificações verticais na orla, zona bem dotada de infra-estrutura e propícia a uma ocupação de densidade média-baixa que resguarde os valores do conjunto histórico.”

Como consta no trecho, são características da Zona: a descaracterização, o adensamento excessivo e a obstrução visual da área histórica. Importante destacar que o objeto de estudo se encontra na ZPH, o que reforça a preocupação com o descaso sofrido pelo patrimônio histórico da cidade.

Além do Plano Diretor, a Lei Orgânica Municipal de Petrolina, de 2001, define, no Artigo 11, algumas obras que são protegidas a nível municipal, porém neste não consta o conjunto arquitetônico da Praça + Catedral:

“Art. 11: O Poder Executivo Municipal promoverá, com o objetivo de preservar o patrimônio e a memória cultural e arquitetônica da cidade, nos termos da lei, o tombamento dos seguintes imóveis: Palácio Episcopal de Petrolina, Igreja Matriz, Antiga Estação da Leste, antigo Prédio da Prefeitura, Casa de Maria de Lourdes Athaíde - Rua Manoel Borba - 1985, antigo Açougue Municipal e o prédio onde funcionou o INCRA.”

Como se pode perceber, desde 2001 o Palácio Episcopal já era tombado em nível municipal, porém tal medida não foi suficiente para impedi-lo de estar à mercê de danos por parte dos proprietários, o que também corrobora em parte a ineficiência dos órgãos municipais de proteção patrimonial. Por conta precisamente dessa “polêmica” em torno do Palácio, foi lançado, em 31 de agosto de 2017, um decreto no Diário Oficial de Petrolina, o qual determina que:

“Art. 1º: Fica vedada a liberação de licenças ou quaisquer anuências pelo poder municipal que impliquem intervenção estrutural ou a realização de obras sobre a área do Palácio Episcopal de Petrolina e recuos, incluindo sua área remanescente total, da Igreja Matriz, da antiga Estação da Leste, do antigo Prédio da Prefeitura, da Casa de Maria de Lourdes Athaíde, Rua Manoel Borba, 1985,

do antigo açougue, do prédio que funcionou o INCRA, da Catedral e das edificações localizadas na “Petrolina Antiga”, até que sejam formalizados e concluídos os processos de tombamento por parte do órgão competente.”

O decreto é seguido por um Parágrafo Único que afirma que:

“Diante ao risco de dano irreversível e a supremacia do interesse público sobre o privado, ficam suspensas todas as licenças já concedidas que impliquem a intervenção estrutural ou a realização de obras sobre os imóveis descritos no caput.”

Segundo o que pode ser apreendido através deste documento, a partir do ano de 2017 foram proibidas as intervenções (estruturais) e obras nos bens já citados. Porém, como dito anteriormente, é possível que tal decreto apenas não seja suficiente para evitar danos e modificações no patrimônio descrito, incluindo o conjunto da Catedral + Praça, visto que até o presente momento não há fiscalização em relação à essas edificações, pois desde 2017 a prefeitura previu a elaboração de uma legislação municipal de preservação e fiscalização do patrimônio histórico e cultural da cidade, mas não se sabe ainda se a mesma já foi votada na Câmara de Vereadores e/ou quando será implementada.

Portanto, como se pôde perceber, o edifício da Catedral, assim como o seu entorno, a praça Dom Malan, são teoricamente protegidos apenas em nível municipal, o que em relação ao histórico da cidade, não garante o cuidado e atenção que tal conjunto demanda. A administração e manutenção da Catedral hoje em dia são de responsabilidade da Diocese local, o que sempre acarreta riscos, a partir do momento em que são feitas reformas por parte dessa organização, podendo levar a uma cada vez maior descaracterização do edifício.

Por sua vez, a administração da Praça se encontra sob responsabilidade da Prefeitura, o que tão pouco garante a conservação da mesma, pois, apesar do decreto estabelecido, o que inibe de certa forma a descaracterização da área, pode ser percebido, como mais adiante também será destacado, que o equipamento em questão se encontra em um estado de total abandono, justificando-se assim a necessidade de uma maior proteção legal relativa ao conjunto.

Figura 19: Palácio
Episcopal de
Petrolina

Fonte: Arquivo
Pessoal/
Jade
Felizola, 2017



Figura 20:
Localização e
perímetro da ZPH

Fonte: Google
Earth, 2017;
Editado por
Felizola, 2018



4.1.3. Dimensão Histórica

Breve História de Petrolina

O local tem sua origem por volta do ano de 1840, quando ainda era pertencente à freguesia³ de Santa Maria da Boa Vista, a cerca de 110 km de distância (CARVALHO, 1993). Na época era conhecido por “passagem do Juazeiro”, pois era um ponto de apoio para os viajantes e comerciantes, não só do Nordeste, como de vários lugares do país, que se dirigiam principalmente para a cidade vizinha, Juazeiro da Bahia - que na época era um dos principais pólos comerciais do Nordeste – como também para outras zonas estratégicas, como Piauí, Ceará, Bahia, e também Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Por conta disso, também recebeu o nome de “Encruzilhada do Progresso” (ROTA DO RIO SÃO FRANCISCO, 2014, p.15) (Figura 21) .

Assim como várias outras cidades fundadas no Brasil, Petrolina também iniciou seu processo de consolidação com a construção de uma Igreja (Figura 22). A Nossa Senhora Rainha dos Anjos (ou Matriz) teve sua construção iniciada por volta de 1858, por advento do capuchinho italiano Frei Henrique (LUZ, 1995). Como explica o escritor e jornalista Cid Carvalho em seu livro sobre Petrolina, a Matriz, com o nome de Capela de Nossa Sr^a Rainha dos Anjos, foi inaugurada no ano de 1860. A construção rapidamente atraiu pessoas e edificações começaram a se propagar ao seu redor, criando um pequeno povoado, porém ainda pertencente à freguesia de Santa Maria da Boa Vista.

Com o surgimento do novo povoado, foi solicitado ao Bispo D. João da Purificação que o local se tornasse uma nova freguesia, para que fosse possível dar melhor assistência à população do local. Com isso, no ano de 1862, o povoado foi elevado à categoria de freguesia, recebendo o nome de Petrolina (CARVALHO, 1993). Existem algumas versões da história por trás do nome da cidade, mas a mais aceita e difundida é que foi uma homenagem ao imperador D. Pedro II, regente da época. Na década de 70 do século em questão, Petrolina foi elevada ao status de vila, e já por volta de 1890, foi declarada município autônomo, para só em 21 de setembro de 1895, ser oficialmente declarada cidade.

3 Sinônimo de paróquia; pequeno povoado administrado por uma estrutura eclesiástica.

Entretanto, foi só no ano de 1924, com a instalação do Bispado de Petrolina e a posse do primeiro Bispo, o italiano de nascença Dom Antônio Maria Malan, que a cidade iniciou seu processo de modernização e progresso. Tendo morado boa parte da vida na França, vindo à América do Sul após ter tomado seus votos religiosos, Dom Malan veio à Petrolina por ordem do Vaticano, para coordenar a recém-criada Diocese da cidade (CARVALHO, 1993).

Por seu empenho e esforço para fazer o município avançar e se desenvolver, é até hoje considerado um dos maiores visionários que a região já teve, pois, como destaca Cid Carvalho, em seu curto período de sete anos de administração, foi responsável pela iniciativa de instalação do sistema de eletricidade, além de construções essenciais para o crescimento e a qualidade de vida na cidade, como o Palácio Episcopal (sede administrativa da Diocese), os colégios Nossa Sr^a Auxiliadora e Dom Bosco, o hospital Dom Malan, e evidentemente, a obra mais audaciosa e imponente idealizada pelo bispo, que futuramente se tornaria o maior símbolo da cidade: a Igreja do Sagrado Coração de Jesus.

A construção, por ser de grandes proporções e caráter desafiador para a população da época, tornou-se tanto a prova cabal da influência religiosa na região, quanto também um marco no desenvolvimento da cidade, além de carregar uma forte simbologia de que “[...] um povo que sonha e confia nas suas capacidades, e, sobretudo em Deus, torna-se capaz de vencer certos condicionamentos que a natureza e os erros ou omissões político-culturais originam e mantêm.” (CAVALCANTI, 1999)⁴.

4 CAVALCANTI, Francisco José: Padre e Historiador, responsável pela obra "Catedral de Petrolina: Profecia e Evocação" (1999).



Figura 21:
Imagem de 1970 de uma placa
próxima a uma das entradas
da cidade (BR 428), com o
Monumento da
Encruzilhada do Progresso ao
fundo.

Fonte: IBGE



Figura 22: Igreja Matriz de Nossa
Senhora Rainha dos Anjos (192?)

Fonte:
Arquivo/ Museu do Sertão

História da Catedral

A história da Catedral começa um ano antes do início de sua construção em si, mais precisamente, como já citado anteriormente, com a instauração da Diocese em Petrolina, em 15 de agosto de 1924, assumindo D. Malan o cargo de primeiro Bispo (CARVALHO, 1993).

Segundo registros compilados pelo Padre e historiador Francisco José Cavalcanti, ao chegar à cidade, o Bispo deparou-se com a carência, tanto na recém-criada Diocese, como no próprio município, o qual vivia à sombra da vizinha Juazeiro. Porém, conta-se D. Malan não se deixou intimidar pelas dificuldades e imediatamente pôs-se a trabalhar, pois ao ver a simplicidade arquitetônica da Igreja Matriz, assim como seu estado degradado e má conservação, o religioso decidiu por erguer a Igreja que seria a nova sede da Diocese, e, portanto, a Catedral da cidade.

É assim, um mês após sua chegada, organizou uma comissão para construção da nova Igreja da cidade, baseado no lema profético de que “construindo-se a Casa de Deus, todo o resto virá por acréscimo”. (CAVALCANTI, 1999). Em 2 de fevereiro de 1925, é lançada a pedra fundamental da obra (LUZ, 1995), em uma cerimônia religiosa que reuniu todas as possíveis camadas sociais que uma cidade de apenas 3 mil habitantes pode ter. Autoridades religiosas, políticas e militares, comerciantes e a população em geral, participaram da cerimônia de bênção da pedra fundamental, e em seguida da missa celebrada na Igreja Matriz.

O terreno onde antes se situava o cemitério paroquial da cidade foi cedido pela prefeitura para edificação da obra (BRITTO, 1995)⁵. A partir de um projeto de autoria do Padre Carlos Maximino Cottar⁶, vigário de Afogados de Ingazeira (PE), iniciou-se o processo construtivo oficialmente, contando já com a participação da eufórica população local, a qual colaborou no transporte das pedras que

5 BRITTO, Maria Creuza de Sá Y: Ex- professora da Universidade Estadual de Pernambuco; Autora do livro "Petrolina: origens, fatos, vida, uma história" (1995).

6 O Padre Cottar foi convidado por D. Malan para elaborar o desenho e acompanhar as obras da Igreja, pois era engenheiro e também construiu a Catedral de Afogados de Ingazeira em estilo neogótico.

compunham as paredes externas da Catedral, que em sua maioria foram retiradas de uma pedreira próxima à Igreja Matriz (CAVALCANTI, 1999) (Figura 23). Francisco Cavalcanti conta em sua obra que após início do andamento da obra, D. Malan foi à Europa, em busca de recursos para a construção, regressando apenas um ano depois (1926) e encontrando as obras da igreja paralisadas devido ao falecimento do Padre Cottar, encarregado de supervisionar e orientar a obra.

Por conta da enfermidade que posteriormente o levou a óbito, o processo de construção da edificação, que estava sob sua responsabilidade, foi altamente prejudicado, apresentando graves erros e não sendo possível aproveitar praticamente nada do que tinha sido construído até então; os erros encontrados foram admitidos em carta pelo próprio Padre, o qual em um esforço de se redimir, deixou registrado algumas orientações em relação à construção, assim como instruções para tentar corrigir alguns dos erros existentes, as quais foram levadas em conta posteriormente, na continuação da obra.

No seu retorno, além de se ocupar também de outras atividades e obras, como o Colégio Maria Auxiliadora, o Bispo dá continuidade à construção da Igreja após fechar contrato com a empresa construtora EMÍLIO ODEBRECHT & COMPANHIA, em 14 de março de 1927, em Salvador (BA), com previsão de 15 meses para conclusão da obra (CAVALCANTI, 1999).

Segundo Cavalcanti (1999), a empresa tomou como uma das primeiras atividades a construção de casas para os operários que viriam de fora para trabalhar. Essas casas foram construídas nas proximidades da Igreja Matriz, na rua Dr. José Mariano, e a maior delas foi designada para o engenheiro catarinense Curt Lungerhausen. O novo projeto da Igreja, elaborado pelo engenheiro italiano Dr. Da Rin (Figura 25), corroborou o fato de que nada do que tinha sido construído até então poderia ser aproveitado. Uma nova leva de materiais para recomeçar a construção desde os alicerces teve de vir de fora, transportados por trem.

Devido aos gastos, D. Malan resolveu fazer outra viagem à Europa em busca de mais recursos, partindo em 23 de março de 1928. Ao retornar, em 23 de outubro do mesmo ano, trouxe consigo 30 toneladas de material, assim como as imagens que compõem a fachada da Igreja, castiçais góticos e paramentos, além de um ostensório apresentado pelo Papa Pio XI, entre outros materiais (CAVALCANTI, 1999).

No dia 19 de fevereiro de 1929 houve a cerimônia de sagração dos sinos; em abril, determinou-se a data de inauguração da obra para 15 de agosto do mesmo ano, e em maio, D. Malan recebe uma bula com permissão para transladar a Catedral da Igreja Matriz para a nova Igreja (CAVALCANTI, 1999). Como nos conta Pe. Francisco, com a construção cada vez mais próxima da finalização, em junho a instalação elétrica foi feita, e já no dia 13 de agosto, começaram a chegar na cidade os convidados para as celebrações de inauguração da obra.

O Bispo convidou várias pessoas através de cartas, como por exemplo algumas famílias nobres, membros do clero e inclusive o próprio Papa (que infelizmente não pôde se fazer presente), e recebeu algumas respostas, aceitando o convite ou educadamente se desculpando por não poderem comparecer (CAVALCANTI, 1999).

Segundo a autora Marta Luz⁷ (1995), em sua obra cronológica lançada no centenário da cidade, os convidados chegavam para os festejos, em sua maioria pelas estações de trem de Petrolina e Juazeiro. Entre estes se encontravam autoridades religiosas, políticas e militares, assim como amigos de D. Malan. Um dia depois da chegada dos convidados, em 14 de agosto, foi celebrada a missão de inauguração do Palácio Episcopal, que foi construído concomitante à Catedral e seria o novo endereço residencial do Bispo. Por falta de lugares que acomodassem todos os convidados, o Palácio serviu também de local de estadia, principalmente para as autoridades religiosas presentes, durante esse pequeno período (LUZ, 1995).

Finalmente, às 7h da manhã de 15 de agosto de 1929, iniciou-se a cerimônia de sagração da Catedral. Ainda com alguns detalhes para serem finalizados, como a colocação de imagens nos altares, os ritos para inauguração da edificação começaram, seguidos de uma missa celebrada pelo Arcebispo de Olinda e Recife, que se encerrou às 15h da tarde (LUZ, 1995).

As celebrações continuaram, contando com uma parada onde desfilaram vários colégios de Petrolina

7 LUZ, Marta: Autora da obra "Petrolina, a terra dos impossíveis - Ano Cem, 1995 - Cronologia Histórico Cultural" (1995); A obra celebra o centenário de Petrolina, e reúne cronologicamente os principais fatos sobre a história e cultura da cidade.

e Juazeiro, também o lançamento da pedra fundamental do monumento em homenagem à Dom Malan, em frente à Catedral, e à noite houve um grande jantar no Palácio para as autoridades, enquanto barraquinhas instaladas no terreno em frente à recém-inaugurada obra faziam a festa do restante dos participantes e espectadores (CAVALCANTI, 1999).

As festividades e celebrações continuaram por mais dois dias, mesmo com a partida de boa parte das autoridades e convidados, havendo na ocasião a colocação dos sinos e da Via Sacra, e também as bênçãos das imagens do coração de Jesus, de São Pedro e São Paulo, que se encontram nos nichos da fachada frontal da Igreja (CAVALCANTI, 1999).

Para por fim marcar a conclusão da obra, Pe. Francisco nos conta que foi fixado na parte interna da Catedral um painel feito de mármore que, entre outras coisas, cita os nomes dos principais envolvidos na idealização, planejamento, financiamento e construção da obra, indicando assim que se concluía a concretização do que para muitos não passava de um sonho distante.

Logo, após essa rápida apreensão da história desse patrimônio, é possível começar a compreender o porquê de, mesmo antes de sua inauguração, em agosto de 1929, a Catedral já ser considerada pela população petrolinense como o símbolo maior da cidade. Além da sua imponência neogótica contrastante com o entorno, especialmente considerando o nível de desenvolvimento da cidade na época, também a trajetória envolvendo sua concepção e processo construtivo influenciou no fortalecimento da carga simbólica que o edifício gerou e ainda leva consigo até os dias de hoje.

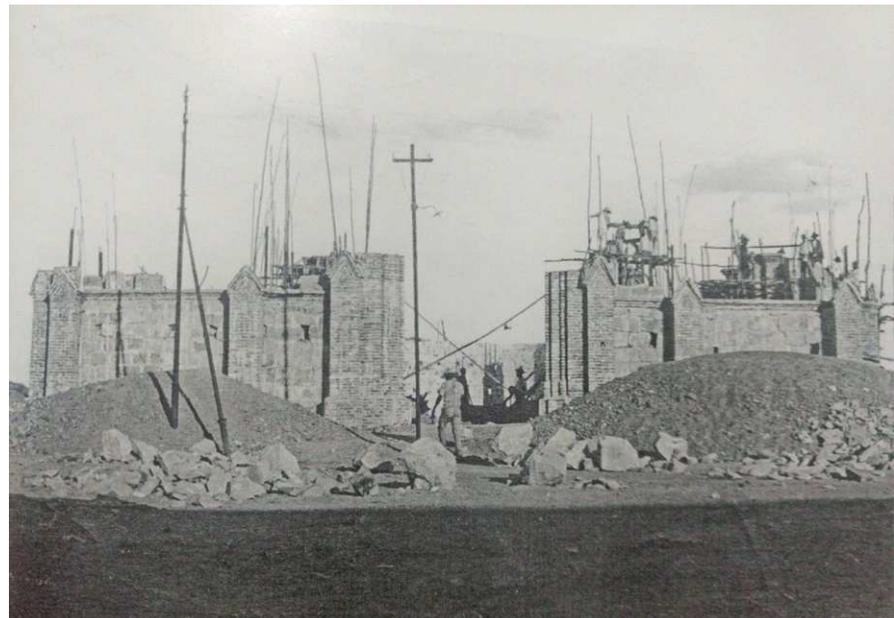
Figura 23: Registro da população petrolinense auxiliando no transporte das pedras, da pedreira próxima à orla até o local de obra. Segundo CAVALCANTI, Esta imagem foi impressa como cartão postal e enviada para pessoas de diversas partes do mundo

Fonte: CAVALCANTI, 1999;
Editada por Felizola, 2018



Figura 24: Construção da fachada frontal da Catedral

Fonte: CAVALCANTI, 1999;
Editada por Felizola, 2018



PROJETO DA CATEDRAL DE PETERÓPOLIS

Organizado por solicitação do Ex. e Rev. D. A. Malan D. Bispo da Diocese
pelo Eng. Manoel Da Rin

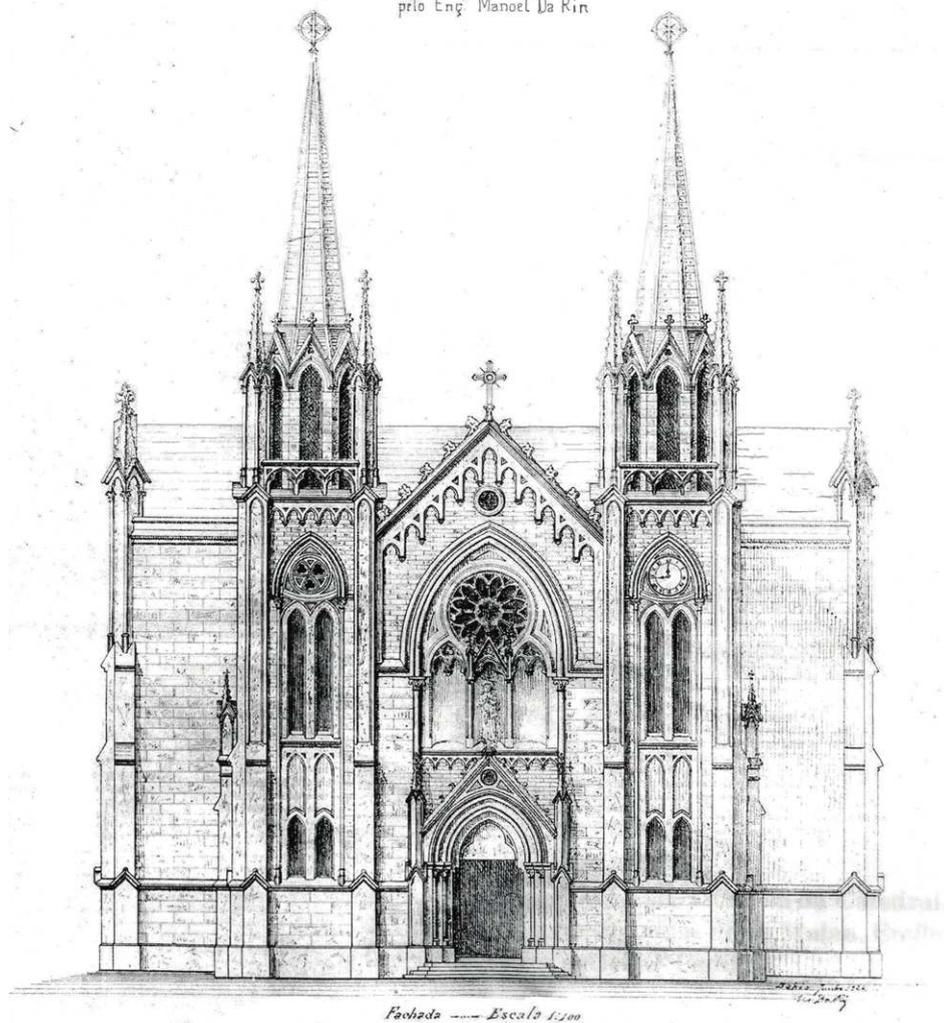


Figura 25: Fachada da Catedral elaborada pelo engenheiro Manoel Da Rin

Fonte: CAVALCANTI, 1999;
Editada por Felizola, 2018

Figura 26: Fachada posterior da Catedral em construção (1928)

Fonte: CAVALCANTI, 1999; Editada por Felizola, 2018

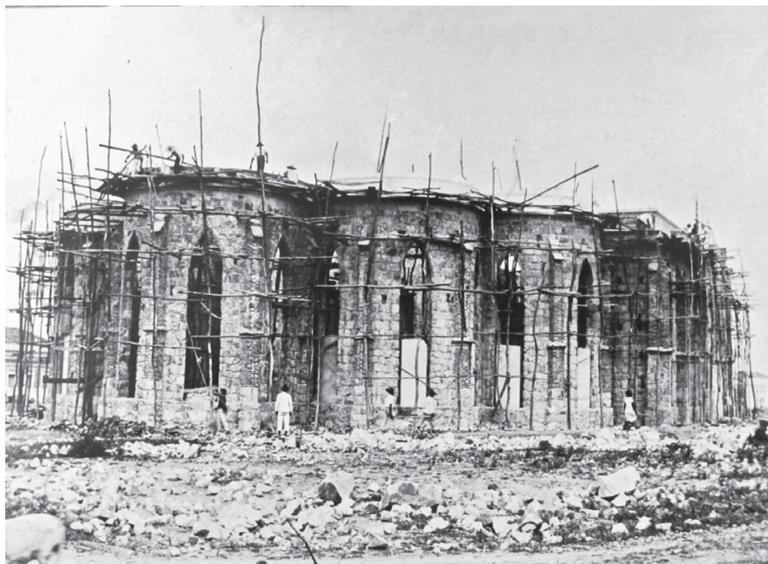
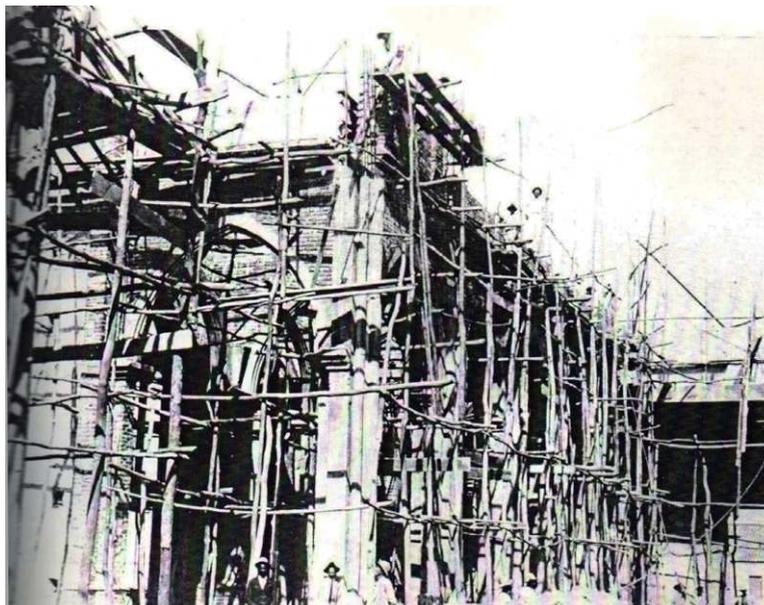


Figura 27: Construção da estrutura interna

Fonte: CAVALCANTI, 1999; Editada por Felizola, 2018



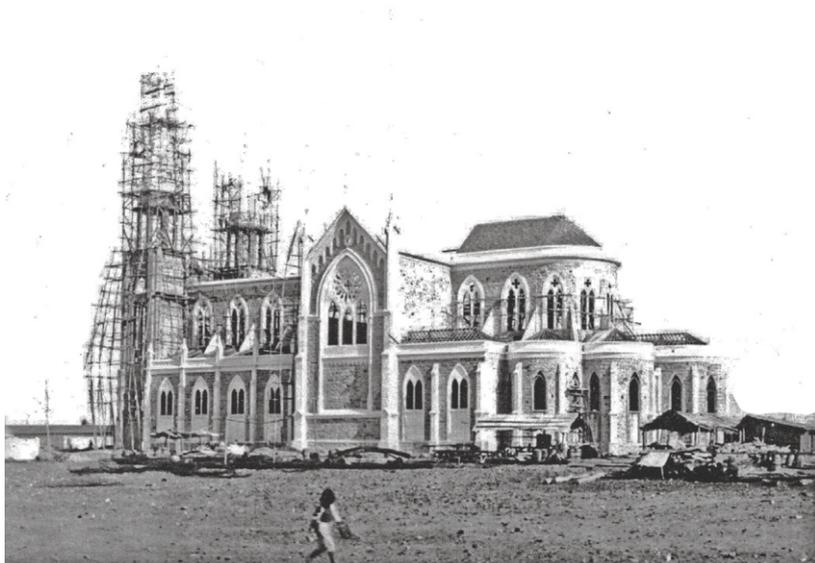


Figura 28: Igreja já próxima da conclusão

Fonte: CAVALCANTI, 1999;
Editada por Felizola, 2018

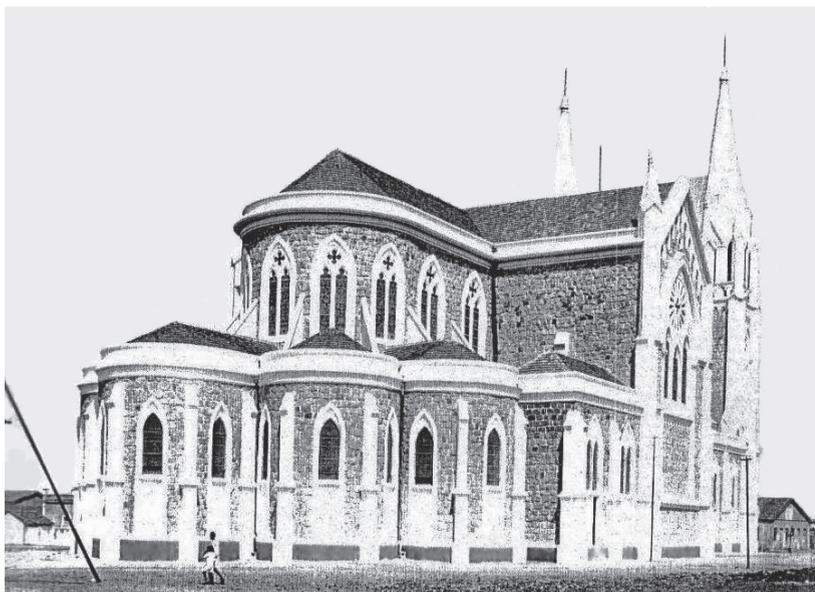


Figura 29: Primeiro registro fotográfico feito após a conclusão das obras na Catedral (1929)

Fonte: CAVALCANTI, 1999;
Editada por Felizola, 2018

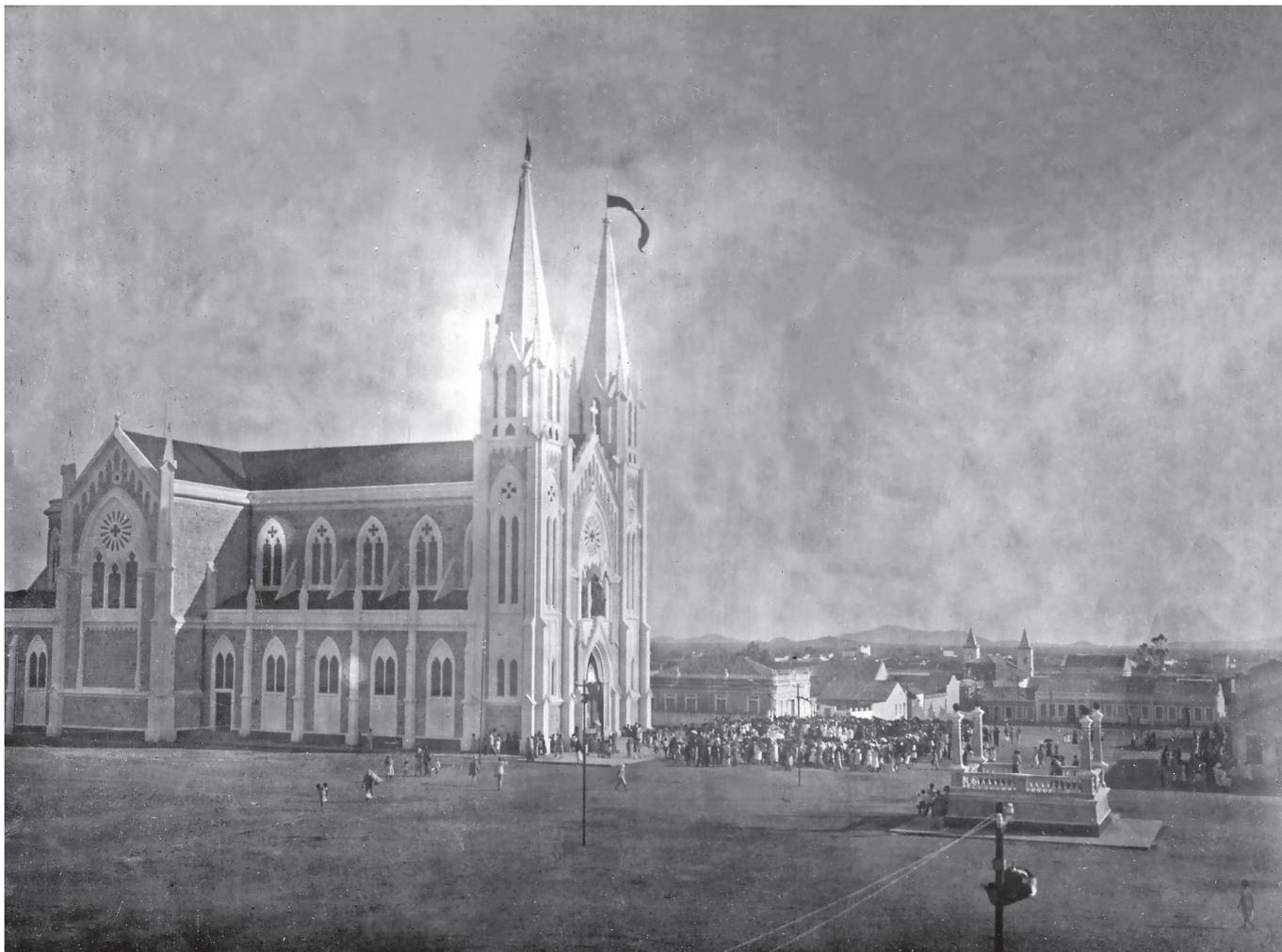


Figura 30: Inauguração da Catedral
(1929)

Fonte: Arquivo/ Museu do Sertão;
Editada por Felizola, 2018

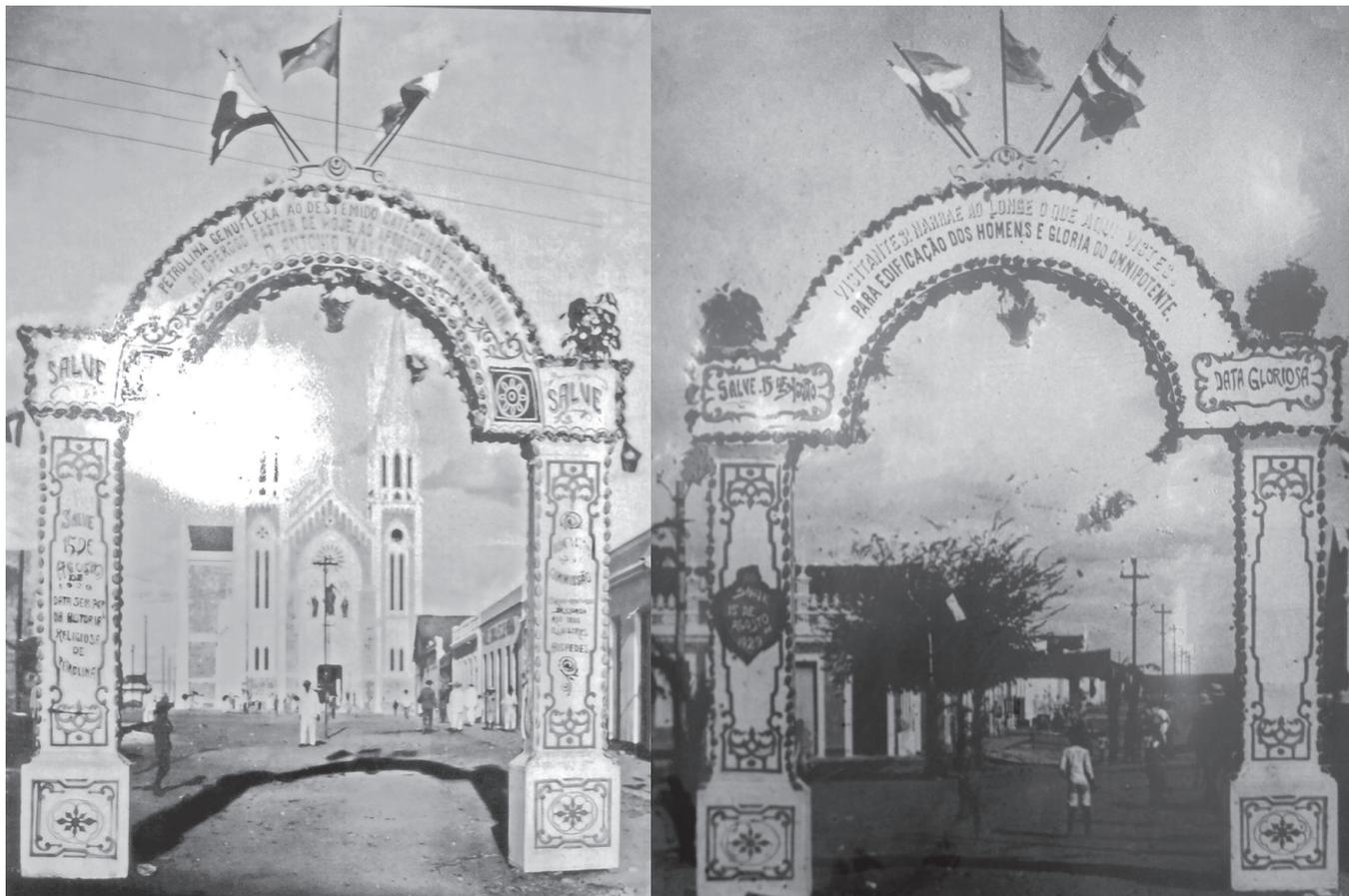


Figura 31: Pórticos colocados em celebração à Inauguração da Catedral (1929);
 Letreiro 1: "Petrolina genuflexa (ajoelhada) ao destemido catequizador de ontem, ao operoso pastor de hoje, ao apóstolo de sempre, D. Antônio Malan";
 Letreiro 2: Visitantes, narrai o que aqui vistes, para edificação dos homens e glória do Onipotente".

Fonte: Arquivo/ Museu do Sertão; Editada por Felizola, 2018

CATEDRAL DE PETROLINA

PROFECIA E EVOCAÇÃO



Pe. Francisco José Cavalcanti

Petrolina
1999

Figura 32: Livro do
Pe. Francisco José
Cavalcanti, base
essencial deste estudo

Fonte: Arquivo Pessoal/
Jade Felizola

História da Praça

Com o advento da construção da Igreja, inevitavelmente mudanças em seu entorno imediato foram surgindo. O terreno escolhido para edificar a nova “Casa de Deus”, como já dito, se tratava do antigo cemitério paroquial da cidade. Em frente a este, encontrava-se a já existente Praça Jardim, que posteriormente recebeu o nome de Praça Martins Pena, antes mesmo da chegada do bispado na cidade (CAVALCANTI, 1999).

Foi apenas em dois de fevereiro de 1925, no dia do lançamento da pedra fundamental da Catedral, que a Praça recebeu o nome de Dom Malan, ato que foi uma homenagem do Prefeito vigente, Major Alcides Padilha, ao Bispo pelos seus esforços em contribuir com o desenvolvimento da cidade (RTV CAATINGA).

No dia da inauguração da Igreja no ano de 1929, como já citado anteriormente, houve o lançamento da pedra fundamental de um monumento erguido na Praça em homenagem à D. Malan. O monumento consiste em uma estátua em tamanho real do Bispo, inteiramente de bronze, doada pela comissão do patrimônio do bronze (RTV CAATINGA).

No ano de 1948, por advento do primeiro Congresso Eucarístico de Petrolina, a Praça foi reformada, por ordem do terceiro Bispo da cidade, Dom Avelar Brandão Vilela. Na ocasião, foi adicionada uma base ao monumento, e ao redor desta foram inseridos no piso de pedra portuguesa o emblema do Congresso Eucarístico, assim como os brasões dos três primeiros Bispos da cidade, Dom Malan, Dom Idílio José Soares, e o próprio Dom Avelar Brandão (RTV CAATINGA) (Figuras 33 e 34).

Já na parte de trás do local, entre a Igreja e o Colégio Nossa Sr.^a Auxiliadora, havia apenas uma área abandonada, um terreno baldio. Após a construção e consolidação da Catedral na cidade, o terreno baldio em questão foi se tornando cada vez mais usado pela população. Segundo relatos, muitas crianças que moravam no entorno usavam a área como local de brincadeiras (RTV CAATINGA). Uma dessas brincadeiras frequentes era o conhecido “estilingue” ou “baladeira”, no qual se usa um elástico preso a um apoio, geralmente de madeira, e pequenas pedras para se atingir certos alvos.

A grande questão é que os alvos preferidos das crianças eram justamente os vitrais franceses da Catedral, o que trazia inúmeros transtornos à administração da igreja. Foi a partir desse fato que Dom Avelar também teve a ideia de construir uma outra praça neste local, na intenção de tanto proteger os vitrais como de também embelezar e valorizar os arredores da edificação (RTV CAATINGA).

Para isso também foi feita uma grande mobilização da população local, a qual mais uma vez participou direta e indiretamente, através de doações e/ou ajuda física mesmo (conta-se que até os alunos do colégio um dia se dispuseram a ajudar a obra, trazendo em fila indiana os ladrilhos para construção do local, de uma fábrica de ladrilhos da região). Depois de feitos todos os esforços, foi inaugurada a chamada Praça Maria Auxiliadora, em 27 de setembro de 1953 (RTV CAATINGA).

A Praça possui uma área de cerca de 4,151 m²; composta de formas circulares e semicirculares, possui duas fontes e no centro um monumento de base quadrada, contendo uma coluna granítica, e acima desta, a imagem de Nossa Sr.^a Auxiliadora (RTV CAATINGA), que foi escolhida, assim como o nome da praça, como uma homenagem às Irmãs Salesianas que administram o Colégio, já que a santa é padroeira da Congregação Salesiana.

O local passou por restauração em 1984, na administração do prefeito Augusto de Souza Coelho (RTV CAATINGA). Sendo um espaço público central, a área teve grande apropriação por parte da população, sempre sendo frequentada pelos mais diversos públicos, assim como também sendo palco das procissões e eventos religiosos importantes, se estabelecendo até hoje como um dos principais locais de convívio da cidade.

Antes da restauração da Praça Maria Auxiliadora, o local passou por outra grande mudança, no ano de 1971, durante a administração do prefeito Simão Amorim Durando. Este, já próximo ao fim do seu mandato, sentiu a necessidade de fornecer à cidade um local público que possibilitasse diversos usos, principalmente de cunho cultural, e que também fosse de usufruto de toda a população, e não um espaço restrito de públicos específicos (RTV CAATINGA).

Foi assim que, com o projeto do arquiteto Carlos Nascimento, iniciaram as obras da icônica Concha

Acústica de Petrolina (Figura 39), a qual foi inaugurada em 1972 (RTV CAATINGA). A Concha localiza-se do lado esquerdo da Catedral, compondo o entorno da mesma de forma sutil e poética, através da utilização da cor branca presente na edificação, assim como o uso de pedras na parte do equipamento que se eleva do chão para compor a arquibancada, estabelecendo um “diálogo” com o material de rochas graníticas que formam a parte externa da Igreja.

É indubitável que o propósito para o qual esta área foi projetada foi alcançado com grande maestria; até os dias atuais, a Concha Acústica é um dos mais utilizados locais para eventos na cidade, eventos estes que, como previu Simão Durando, não necessariamente são de cunho religioso, apesar da localização. De desfiles de moda a shows de heavy metal, a área de fato atende à todos os tipos de público, apesar de hoje em dia boa parte dos espectadores terem de ficar em pé, pois dependendo do evento, o local nem sempre consegue dar conta da quantidade de pessoas presente.

De acordo com os registros históricos e fotográficos, sabe-se que essas áreas supracitadas (as duas praças e a área da concha) que passaram a compor o entorno e a imagem da Catedral, no passado eram áreas separadas, delimitadas por ruas. Inclusive houve uma época em que existia uma via que passava bem em frente à Igreja, e desta surgia uma outra perpendicular, dividindo a praça Dom Malan em duas (Figura 40). Porém não se sabe ao certo como se deu o processo de unificação dessas áreas, e nem o ano em que esta unificação ocorreu; o fato é que hoje em dia o local é uma grande área livre, mas que apesar disso, ainda é conhecida e nomeada pela população por seus nomes individuais, mesmo que a delimitação física entre os espaços não mais exista.



Figura 33: Primeiro Congresso Eucarístico; Imagem da Praça Dom Malan reformada (1948)

Fonte: Arquivo Pessoal/ Carlos Malan; Editado por Felizola, 2018



Figura 34: Estátua
de Dom Malan
(1970)

Fonte: IBGE;
Editada por Felizola,
2018

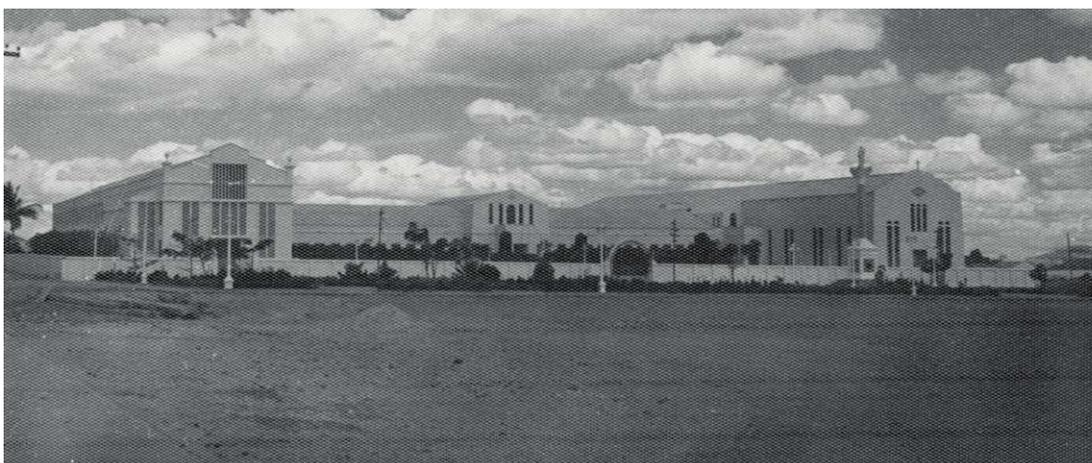


Figura 35: Colégio
Maria Auxiliadora,
com terreno da
praça ainda não
ocupado (19--)

Fonte: IBGE;
Editada por Felizola,
2018

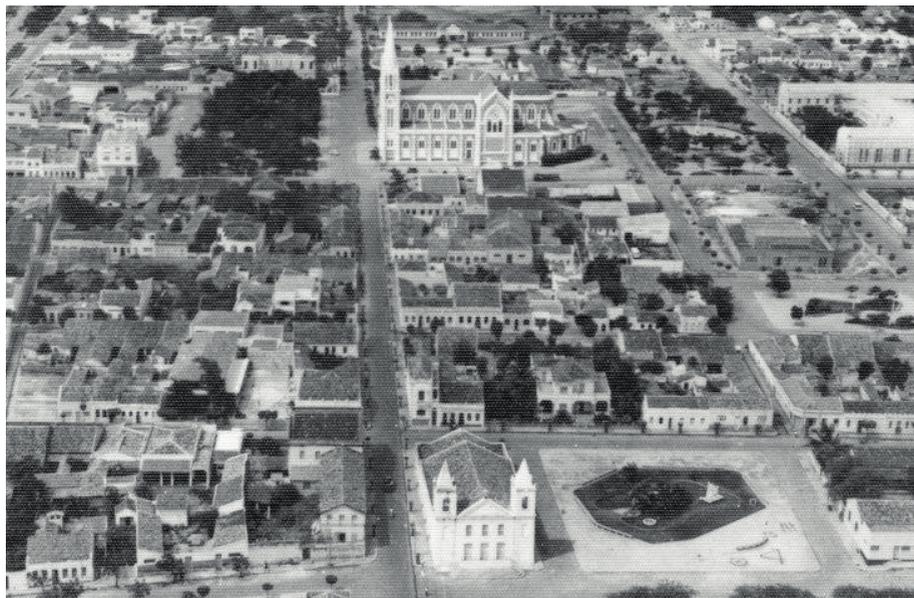
Figura 36: Imagem do Colégio Auxiliadora, já com a Praça à frente (1970)

Fonte: IBGE; Editado por Felizola, 2018



Figura 37: Vista da Catedral e Igreja Matriz (1960); Na imagem, pode-se observar as praças Dom Malan e Maria Auxiliadora.

Fonte: Acervo/ Museu do Sertão; editado por Felizola, 2018



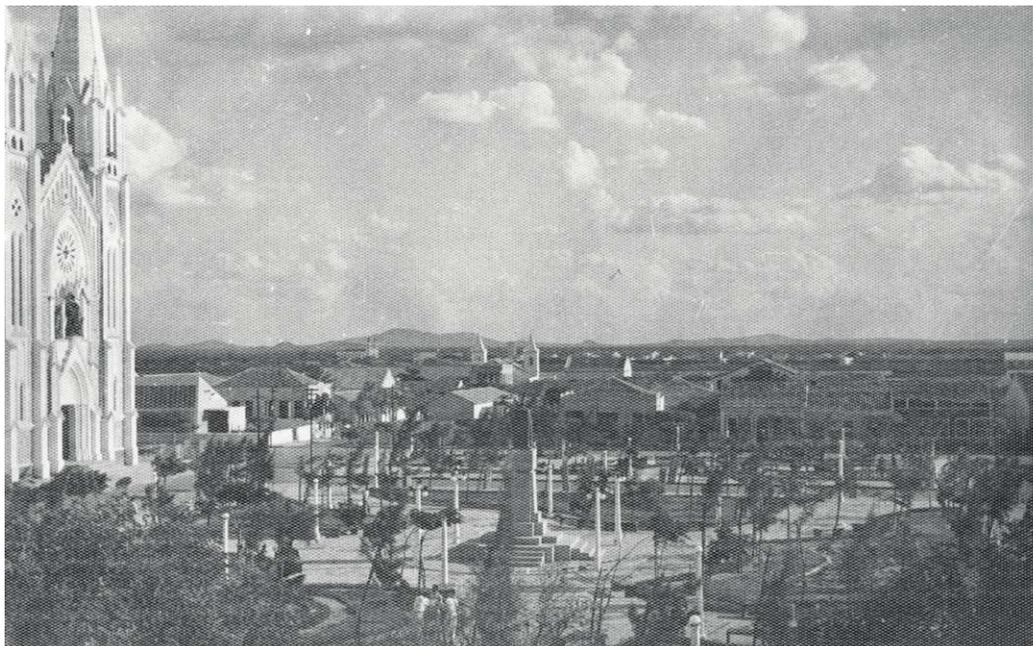


Figura 38: Vista da Praça
Dom Malan (19--)

Fonte: IBGE; Editado por
Felizola, 2018



Figura 39: Concha
Acústica de Petrolina
(2017)

Fonte: Arquivo Pessoal/
Jade Felizola



Figura 40: Via que passava em frente à Catedral (19--)

Fonte: Acervo/ Museu do Sertão

4.2 Caracterização

4.2.1 Dimensão Funcional

Como já antes citado, o objeto de estudo trata-se de um templo da religião Católica Apostólica Romana⁸, junto à Praça na qual este templo se encontra. Em relação à praça, foi dito que, antes do terreno ter sido cedido à Diocese para construção da igreja, o local era o antigo cemitério da cidade. Após a construção do espaço livre, a maior mudança no que se refere ao uso foi após a construção da Concha Acústica, fato que fez com que a área deixasse de ter apenas uso meramente contemplativo, e passasse a acomodar um uso mais artístico e participativo para a população.

No tocante à Catedral, desde sua idealização até os dias atuais, sempre manteve o mesmo uso, nunca se alterando nem por curtos períodos de tempo, como ocorre em alguns patrimônios históricos. Considerando que, tanto a edificação em si, quanto o espaço livre ao seu redor, nunca foram de nenhuma forma “abandonados”, no sentido de serem fechados e/ou permanecerem sem ocupação e apropriação pela população, podemos supor que este tenha sido um dos principais motivos do uso ter se mantido o mesmo desde a construção do conjunto.

A única alteração ocorrida na igreja, relacionada a este aspecto foi, como já mencionado, a transferência da sede da administração da diocese, que anteriormente se situava na igreja Matriz. Tal transferência, ao longo do tempo, foi desfeita e refeita algumas vezes, dependendo de quem assumisse a administração. Hoje em dia ela se localiza mais uma vez na Catedral.

8 A Igreja Católica é composta por 24 igrejas autônomas, sendo a Apostólica Romana a única representante ocidental, as demais são consideradas orientais.

4.2.2 Dimensão Espacial

ESPAÇO EXTERNO

Em relação à área externa ao objeto de estudo e seu entorno imediato, como já dito o conjunto localiza-se na área central da cidade, e inclusive foi responsável por boa parte da definição do traçado inicial urbano (BRITTO, 1995). Seu entorno imediato caracteriza-se por ser uma área majoritariamente comercial, com a presença de lojas, bancos e serviços de alimentação, com destaque para a sede da Prefeitura Municipal, a Emissora Rural⁹, o edifício dos Correios, o Palácio Episcopal e o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, que se situam em seus arredores.

A topografia onde o conjunto se encontra não possui praticamente nenhuma inclinação, sendo quase que totalmente plana. A única mudança mais brusca de topografia se situa na área da Concha Acústica, onde existe a elevação que gera a inclinação da plateia em direção ao palco (Figura 41).

No que se refere ao gabarito da área, no entorno imediato da Igreja, ela permanece sendo a construção de gabarito mais elevado, com aproximadamente 30 metros de altura em seu volume geral, à exceção das duas torres, que possuem cerca de 47 metros de altura. Tomando em conta essa medida, tal dado faz com que a Catedral seja o edifício mais alto do centro em um raio de 300 metros, logo, considerando que a grande maioria das edificações desta área possuem gabarito de térreo+3 pavimentos, salvo poucas exceções, podemos compreender também quão marcada é a sua presença na paisagem local, e porque também é um marco visual na cidade.

Sobre a implantação, o conjunto encontra-se orientado no sentido Leste-Oeste¹⁰, o que, em relação à igreja, foi uma demanda de projeto que o altar estivesse orientado em direção ao nascer do sol.

9 A Emissora Rural (A voz do São Francisco), foi a primeira rádio criada na cidade, em 1962, e também pertence à Diocese Petrolinense.

10 Antiga regra litúrgica, na qual a cabeceira da igreja deve estar voltada para o oriente (de onde nasce a luz matutina, onde se localiza a Terra Santa e também o túmulo de Cristo). (CAVALCANTI, 1999).

Além disso, essa orientação concorda com a demanda regional de amenizar a insolação, já que as maiores fachadas estão orientadas no sentido Norte-Sul. A ventilação em Petrolina majoritariamente se dirige desde o Leste-Sudeste, o que, no que se refere tanto à Praça em geral, e mais especificamente à Concha Acústica é muito benéfico, pois esta foi projetada considerando este aspecto, sendo o palco e os assentos situados “a favor” dos ventos predominantes (Figura 42).

No tocante à Igreja, a circulação do vento internamente foi otimizada, pois as fachadas que atualmente possuem aberturas, orientadas no sentido Norte-Sul, permitem que o vento oriundo do Sudeste circule pelas esquadrias; porém, como será abordado mais à frente, esta foi uma solução empregada na última reforma sofrida pela Catedral, pois esta antigamente não possuía outras aberturas que não fossem as portas laterais e principal.

ESPAÇO INTERNO

Praça Dom Malan

Como já anteriormente mencionado, apesar de hoje em dia ser um único espaço conectado, é considerada por grande parte da população como áreas livres distintas, sendo a Praça Dom Malan a área mais próxima à Igreja e a Praça Maria Auxiliadora a área mais próxima ao colégio, correspondendo à antiga divisão dos espaços.

Em relação às funções apresentadas no espaço livre, temos no geral zonas de permanência e contemplação; a área de função mais específica é a Concha Acústica, por se tratar de um espaço de apresentações. Quanto ao paisagismo, o espaço possui uma arborização satisfatória, mas que necessita ser mais bem cuidada; as áreas de permanência contam com bancos de madeira, e a iluminação fica a cargo dos antigos postes que ainda se conservam no local. A praça ainda conta com três fontes, uma região oeste e duas na região leste da praça (em frente ao colégio).

No lado oeste figura a estátua feita em homenagem a D. Malan, enquanto no lado leste, figura a estátua de Nossa Senhora Auxiliadora; ainda sobre o paisagismo da área, existe uma paginação de

piso que recobre todo o local, feita de pedra portuguesa, porém não se sabe o autor do desenho e nem a data em que foi feito¹¹. Por fim, o local conta com três áreas de estacionamento, situadas nos lados norte, sul e oeste da praça. A porção oeste atualmente ainda conta com um ponto de moto táxi.

É importante destacar que, devido à amplitude e ao constante fluxo de pessoas da área livre, é comum hoje em dia encontrarmos barraquinhas de comércio informal, geralmente de alimentos, em diversos pontos da praça. Alguns desses comerciantes já trabalham na área há tanto tempo que algumas das barraquinhas, feitas de estruturas metálicas, já ficam de maneira permanente no local¹².

Catedral

Quanto ao espaço interior da edificação, temos o programa de necessidades original contendo, no térreo: Hall de entrada (ou Sob-Coro), Batistério, Nave central, Naves laterais, Abside (ou Capela-Mor), Transepto, Sacristia, Deambulatório e Absidíolas (ou Capelas menores); já na parte superior, acima do Hall de entrada, temos o Coro, pelo qual se tem acesso através da torre direita. Nesta, mais acima, encontram-se os três sinos e o maquinário destes e do relógio. A torre esquerda não possui elementos em seu interior.

Sobre os acessos, estes se dão por três entradas: a principal, na fachada frontal da edificação, e as laterais, nas fachadas norte e sul. As áreas de livre acesso aos visitantes correspondem às naves (central e laterais), o transepto, o deambulatório e as absidíolas; as áreas de acesso mais restrito são as torres, o coro, o altar e a sacristia.

No que concerne o espaço interno da edificação, o ponto focal e área de maior relevância em construções religiosas se trata do altar. Originalmente, além da estrutura branca e dourada que

11 É provável que, tanto a união dos espaços em uma só área livre, quanto a paginação de piso existente hoje, tenha sido feita junto ao projeto da Concha Acústica, datada da década de 70, porém não foi possível ter a confirmação desta suposição.

12 Também não foi possível confirmar se esses comerciantes possuem aval da administração municipal para exercerem essas atividades no local.

leva as imagens santas, o Altar-mor continha púlpitos, assim como “mesas de comunhão”, que eram estruturas similares a “guarda-corpos” de peitoril baixo, se se situavam na frente do altar. No que se refere às capelinhas ou absidiólas, existem no total cinco delas, as quais se localizam na parte posterior à capela principal (CAVALCANTI, 1999) (Figuras 44 e 45).

A capelinha principal, que se encontram em uma posição mais central, se configura em posição de destaque por ser dedicada à São José, patrono universal da igreja (CAVALCANTI, 1999). Nesta capela, encontra-se sepultado o Bispo Dom Malan. Cada absidióla é dedicada a um santo diferente, e conta com um altar no qual se vê uma imagem do santo, vitrais nas janelas que contam através de suas imagens passagens importantes nas vidas dessas personalidades santas, além das “mesas de comunhão”.

As naves por sua vez, tanto central como laterais, possuem bancos de madeira para que os fiéis possam acompanhar as missas. As paredes das naves laterais são adornadas com elementos em madeira que descrevem o processo da Via Crucis de Jesus Cristo (Figura 46). Por fim, um outro elemento de destaque é a pia batismal original (Figura 47), que ainda se conserva, porém não mais próxima ao altar, como era antigamente. Hoje se situa na área correspondente à torre esquerda.



Figura 41: Inclinação dos assentos da Concha Acústica (2017)

Fonte: Arquivo Pessoal/ Jade Felizola

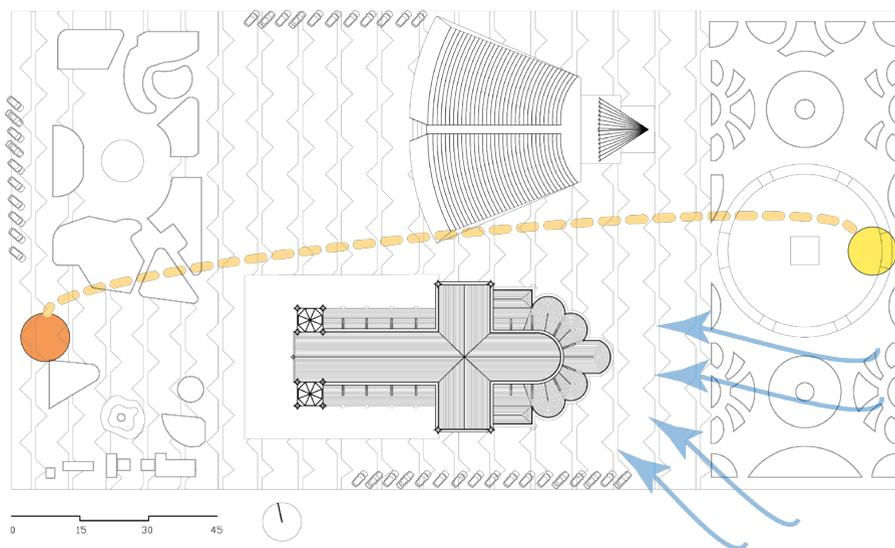
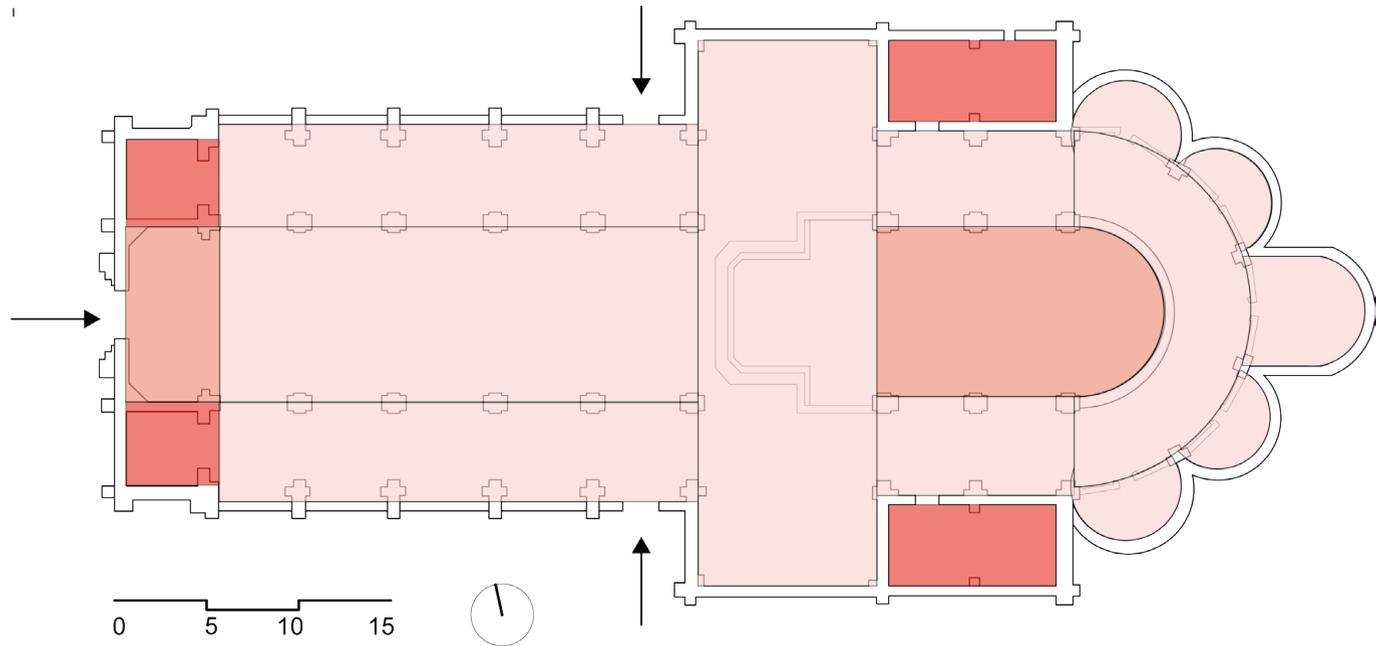


Figura 42: Implantação da Catedral na Praça Dom Malan, esquematizando Insolação e Ventilação

Fonte: Elaborado por Felizola, 2018



LEGENDA

-  ACESSO RESTRITO
-  ACESSO PARCIAL
-  LIVRE ACESSO
-  ENTRADAS

Figura 43: Planta baixa da Catedral, esquematizando as áreas por acesso

Fonte: Elaborado por Felizola, 2018

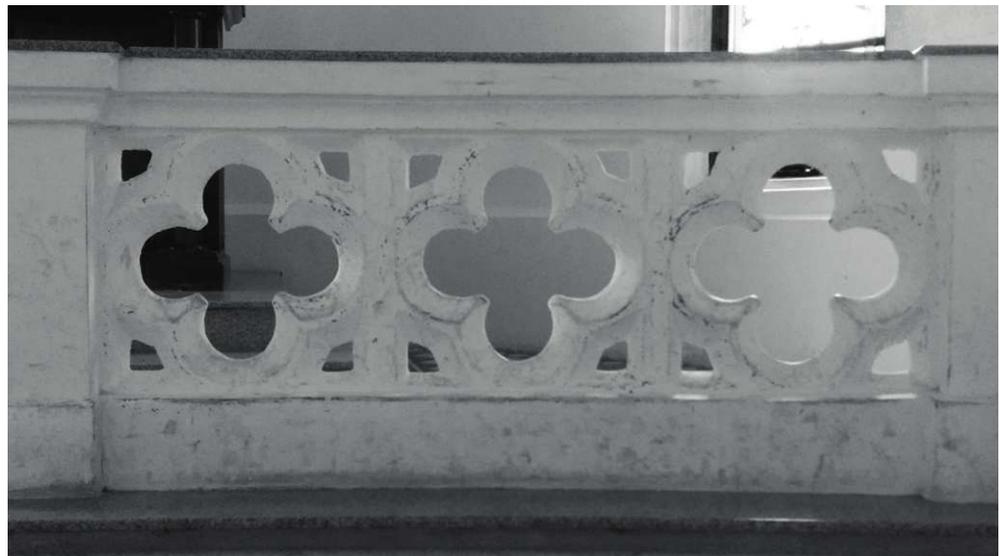
Figura 44: Imagem do interior da Catedral, na qual se pode perceber a presença dos púlpitos nas laterais e da mesa de comunhão coberta por tecidos, em frente ao Altar

Fonte: CAVALCANTI, 1999;
Editado por Felizola, 2018



Figura 45: Peitoril da área das Absidiólas, semelhante à mesa de comunhão que antes existia no Altar (2017)

Fonte: Arquivo Pessoal/ Jade Felizola





Da esquerda para a direita -
Figura 46: Elemento decorativo
de madeira nas Naves laterais,
ilustrando o processo da *Via
Crucis*
Figura 47: Pia batismal original
feita de mármore

Fonte: Arquivo Pessoal/ Jade
Felizola, 2018

4.2.3 Dimensão Formal

ESTILO ARQUITETÔNICO

Em relação ao estilo, como já mencionado, a Catedral de Petrolina pertence ao estilo Neogótico, nascido do movimento eclético, retomando elementos da arquitetura Gótica medieval. Como principais características deste estilo podem ser citadas: Arcos ogivais, Abóbadas de cruzaria (ou nervurada), Torres, Agulhões, Vitrais e a Rosácea.

Além desses elementos, também temos componentes de caráter mais estrutural, herdados do gótico, como os Arcos Botantes e os Contra-fortes; também questões como a importância da luz na composição do espaço, assim como a mesma altura das edificações, eram elementos que, combinados, compunham e caracterizavam os espaços góticos e neogóticos. Como já discutido anteriormente, o movimento eclético, no qual o neogótico está inserido, trouxe inovações no sentido de não somente se restringir a copiar as características do gótico medieval, mas também incorporar elementos e técnicas novas e até mesmo pertencentes a outros estilos arquitetônicos.

Neste sentido, a Catedral também se destaca pois possui características próprias, oriundas de elementos e técnicas locais, como: linhas mais suaves e discretas; substituição dos arcos botantes por elementos retos; e ainda paredes externas revestidas de pedras graníticas extraídas da região e cortadas de forma irregular (CAVALCANTI, 1999). Todas essas atribuições demonstram o caráter regionalista aliado ao estilo oriundo da Europa, o que confere à edificação sua particularidade e daí também seu valor histórico e arquitetônico.

No tocante à escolha do estilo para a construção, CAVALCANTI (1999) nos conta que é provável que o neogótico tenha sido escolhido por D. Malan pelo fato de este ser naturalizado francês e ter tido familiaridade com o estilo; além disso, pode ter levado em conta também a facilidade de obtenção de recursos através de suas viagens para a Europa; por fim, um outro fator que pode ter contribuído para a escolha pode ter sido a presença do Pe. Cottar na região, o qual já havia sido responsável por obras neogóticas e já era especializado no estilo em questão.

VOLUMETRIA

A igreja, como já mostrado, tem uma planta em forma de cruz romana, com aproximadamente 67 metros de comprimento e 25 metros de largura. No que se refere às fachadas, a frontal é a que conta com a maior quantidade de elementos visuais. A entrada é composta pelo portal, tímpano (elemento acima do portal) e o pórtico (parte coberta) arrematado pelo pinhão (elemento triangular e pontiagudo na parte superior) (CAVALCANTI, 1999).

Acima do pórtico, encontram-se três nichos, nos quais se instalam três estátuas de bronze: a central sendo uma imagem de Jesus o Cristo, remetendo ao nome recebido pela catedral; a da direita corresponde a São Paulo, e a da esquerda equivale à imagem de São Pedro. Todas as três estátuas foram confeccionadas em Paris e trazidas por Dom Malan (CAVALCANTI, 1999) (Figura 48).

Por fim, outros elementos que compõem a fachada frontal são: a rosácea, localizada acima dos elementos já citados e formada por vitrais que também remetem ao sagrado coração de Jesus. As duas torres laterais terminam de compor a fachada frontal, expondo, na esquerda, um trevo formado por cúspides, e na direita o já citado relógio, doado à Dom Malan pelo Padre Cícero, famoso sacerdote do Juazeiro do Norte, Ceará (Figura 49).

As fachadas laterais (Figura 50), que são iguais, são compostas de dez esquadrias com vitrais, cinco superiores e cinco inferiores, na parte anterior ao transepto (ou “braço” da cruz); após o transepto existem mais quatro esquadrias, duas superiores e duas inferiores. Todas as esquadrias laterais são em arcos ogivais, sendo as superiores compostas por trevos de cúspides.

Nas partes laterais correspondentes ao transepto, vemos um grande arco ogival, composto internamente por três vitrais e uma rosácea acima. Nas esquinas, contrafortes arrematados por pináculos. Estes elementos são essenciais na caracterização da arquitetura gótica/neogótica: os contrafortes, que são elementos estruturais de sustentação, arrematados na ponta por pináculos; os capitéis (de tipo coríntio), assim como as janelas em arco ogival. A fachada posterior, correspondente ao altar e às absídiolas, é composta de formas semicirculares, e possui cinco esquadrias superiores e quinze inferiores, na área

que corresponde às capelinhas. Cada capelinha possui três vitrais, os quais exibem fatos da vida do santo para cuja capelinha é dedicada.

Por fim, a cobertura é formada por partes separadas: na parte mais elevada da construção, correspondente ao “corpo principal” ou à “cruz”, existem quatro telhados, cada um contendo duas águas; a parte do telhado correspondente ao lado posterior, possui também a característica de ser semicircular. Os telhados das absidíolas também possuem as mesmas características do telhado posterior (semicircular com duas águas). As únicas exceções são os telhados das áreas equivalentes à sacristia, os quais são compostos por uma caída de uma água, seguidos de um telhado em três águas.



Da esquerda para a direita - Figura 48: Detalhe dos nichos e tímpano da fachada frontal (2017)
Figura 49: Relógio da torre doado por Padre Cícero

Fonte: Arquivo Pesoad/ Jade Felizola; Editado, 2018



Figura 50: Fachada lateral
norte da Catedral (2018)

Fonte: Arquivo Pessoal/ Pedro
Salinas

4.2.4 Dimensão Tectônica

A Catedral foi erigida seguindo o sistema construtivo característico das construções góticas tradicionais, ou seja, naves em abóbadas de cruzaria, que diminuem os esforços e os descarregam em pilares; e paredes compridas com apoio estrutural nos arcos botantes, que por sua vez distribuíam as cargas para os contrafortes, os quais são os pilares de sustentação da construção, por assim dizer.

No caso dos arcos botantes, como já mencionado, foram adaptados em elementos diagonais retos, mais leves e discretos que os arcos tradicionais franceses. Sobre os materiais que compõe a construção, consta nos registros antigos da comissão formada para arrecadar fundos para a obra, a presença de cimento, ferro (alicerce e elementos estruturais), rochas graníticas (paredes externas), tijolos crus (paredes internas), madeira (coberta e estrutura interna da torre direita) e telhas (coberta) (CAVALCANTI, 1999).

Internamente, a estrutura se destaca visualmente através do teto e das colunas (Figura 51). A composição dos arcos ogivais que formam as abóbadas de cruzaria na parte da nave central finalizam na abside (altar-mor), com a formação de um leque no fim da igreja, que destaca o altar, fortalecendo também o caráter do estilo arquitetônico.

Os corredores laterais, por sua vez, são formados por abóbadas de arestas, arrematadas pela repetição de arcos ogivais, gerando perspectivas que transmitem a sensação de amplitude (Figura 52). Já nas áreas do deambulatório e absidíolas, o teto é formado apenas pelas abóbadas de aresta, que possuem também função estrutural, mas são menos eficientes em relação às abóbadas de cruzaria, porém são suficientes para as áreas menores e de menor altura onde foram aplicadas. Além disso, seu teor mais discreto cumpre o papel de dar destaque aos outros elementos presentes nas áreas como os vitrais e os altares dos santos.

Os pilares que recebem as cargas dos arcos que formam o teto da construção são constituídos de uma junção de fustes, também chamados de pilares em feixe, característicos dos estilos românico e gótico. Na parte superior, os pilares são arrematados por capitéis de estilo coríntio (Figura 53).

Em relação ao plano de piso, originalmente a paginação era de tipo “mosaico” ou ladrilho hidráulico, como também é conhecido, e ia desde as naves até as capelinhas, na parte de trás do altar. Na primeira reforma da Catedral, 70 anos depois de sua inauguração, esse piso foi trocado por mármore “travertino” (CAVALCANTI, 1999).

Por fim, no plano vertical, um dos elementos de maior destaque da edificação são seus vitrais. Trazidos da França por Dom Malan, os 57 vitrais estão distribuídos por todo o edifício, e trazem vários temas relativos às narrativas religiosas, servindo de elemento catequizador (Figura 54). Alguns passaram por restaurações ao longo do tempo, na primeira e/ou segunda reforma da igreja (respectivamente, 1999 e 2016). Abaixo dos vitrais laterais, existiam molduras de alvenaria comum que foram modificadas após a segunda reforma, sendo as absidíolas os únicos lugares da igreja que conservaram esses fechamentos.



Da esquerda para a direita - Figura 51: Teto da Nave central (2017);
Figura 52: Vista da Nave lateral (2017)

Fonte: Arquivo Pesoad/ Jade Felizola; Editado, 2018



Da esquerda para a direita - Figura 53: Detalhe do fuste dos pilares, com arremate do capitel coríntio (2017);
Figura 54: Exemplo de um dos vitrais da Catedral (2017)

Fonte: Arquivo Pessoal/ Jade Felizola; Editado, 2018

CAPÍTULO 5

ESTUDO DA CONSERVAÇÃO DA OBRA

5.1 Vistoria

TINOCO (2009), baseado em LICHTENSTEIN (1986) define a vistoria como “uma inspeção com o propósito de procurar indícios e sintomas da ocorrência de algum fenômeno prejudicial ao bom desempenho dos componentes construtivos da edificação”. O autor ainda afirma que, para tal fim, é necessário que se verifique a existência e gravidade dos possíveis danos, a extensão e alcance dos mesmos, assim como as características físico-químicas dos materiais e dos danos para, por fim, fazer um registro final do estudo, os quais, nesta pesquisa, correspondem às FIDs e ao Mapa de Danos.

Foram feitas, no total, cerca de quatro vistorias aos objetos de estudo, nas quais foram feitos os registros fotográficos necessários. As duas primeiras visitas ao local tiveram um caráter mais geral, de análise do contexto do entorno e da relação do objeto com a cidade. As duas últimas, por sua vez, tiveram um caráter mais específico de análise de detalhes em relação à conservação dos objetos e aos elementos arquitetônicos e construtivos.

Sobre a Praça, além da experiência pessoal de ter morado na cidade por oito anos, convivendo e usufruindo do espaço em questão, foi observada, nas quatro visitas feitas, a relação da população com a área livre, se a apropriação do espaço pelos usuários continuava forte ou se essa relação havia mudado, além dos aspectos físicos, como os materiais, as mudanças, e o estado de conservação, tanto do local em si quanto dos equipamentos que existem nele.

Quanto à Igreja, as duas primeiras visitas também abordaram aspectos mais gerais da construção, através de análise dos espaços de livre circulação (naves, altar, capelinhas). Já nas duas últimas visitas, foram analisados os aspectos de conservação da obra, externa e internamente, além das áreas de circulação restrita, como a sacristia, o deambulatório, as torres e o coro.

Além das visitas aos objetos de estudo, também foram feitos registros fotográficos do entorno imediato da área. Também foi feita uma visita ao Palácio Episcopal, e duas ao Museu do Sertão, em busca de qualquer tipo de documentação e/ou registros que pudessem embasar a pesquisa. No Museu foram obtidos registros fotográficos e artigos de revistas sobre o processo de construção da obra. No Palácio apenas foi possível fazer o registro fotográfico do próprio prédio.

SEÇÃO **5.2**

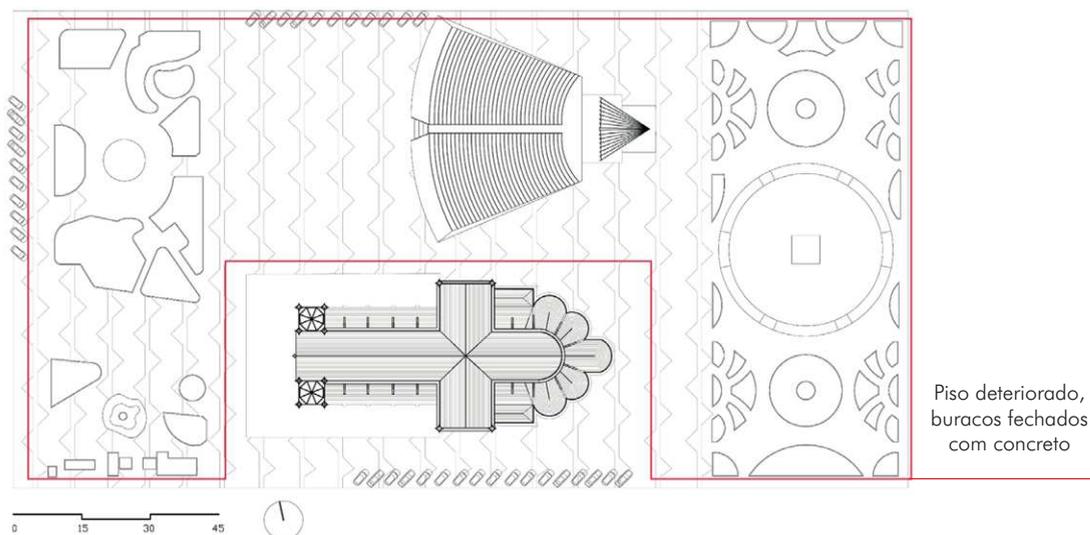
FICHAS DE INVENTÁRIO DE DANOS

FICHA DE INVENTÁRIO DE DANOS
PRAÇA DOM MALAN

DANO:
PRECARIEDADE DO PISO

FID
01/11

PLANTA BAIXA - PLANO DE PISO



SINTOMA: PISO DESFALCADO, INTERVENÇÕES
REPARADORAS EQUIVOCADAS
MANIFESTAÇÃO: PAGINAÇÃO DE PISO

EXTENSÃO: PARCIAL
CAUSA: FALTA DE MANUTENÇÃO
FENÔMENO: FÍSICO + ATMOSFÉRICO

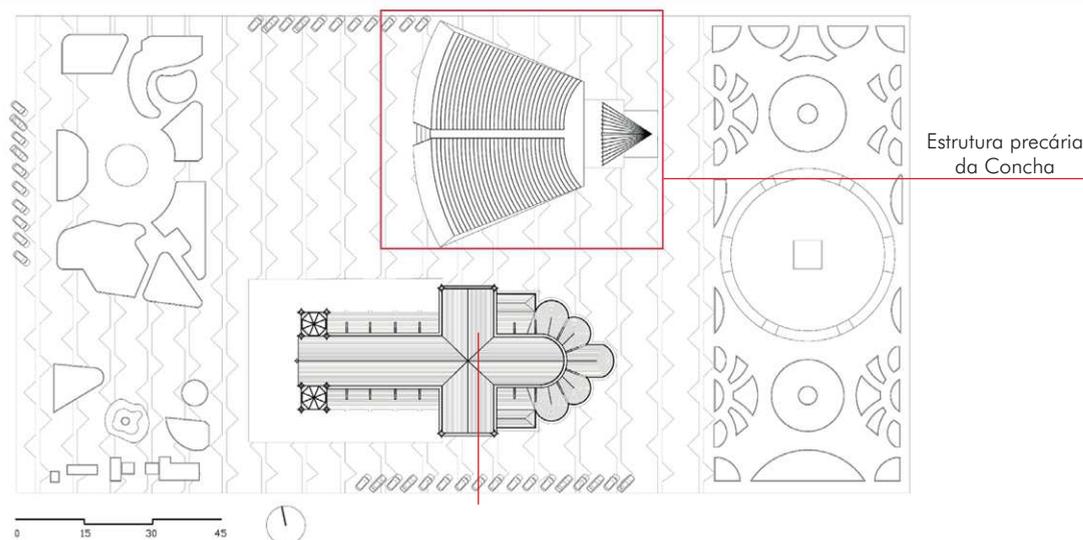


FICHA DE INVENTÁRIO DE DANOS
PRAÇA DOM MALAN

DANO:
PRECARIEDADE DA CONCHA ACÚSTICA

FID
02/11

PLANTA BAIXA - EQUIPAMENTO



SINTOMA: DESCAMAÇÃO DA PINTURA, ACÚMULO DE
ÁGUA, FISSURAS NOS ASSENTOS
MANIFESTAÇÃO: CONCHA ACÚSTICA

EXTENSÃO: QUASE TOTAL
CAUSA: FALTA DE MANUTENÇÃO
FENÔMENO: ATMOSFÉRICO + QUÍMICO





Figura 55: Coberta da Concha Acústica; na imagem, pode-se perceber os fortes sinais de descamação da tinta (2017)

Fonte: Arquivo Pesoad/ Jade Felizola; Editado, 2018



Figura 56: Degraus de acesso ao palco da Concha; Percebe-se que encontram-se também desgastados e inclusive quebrados (2017)

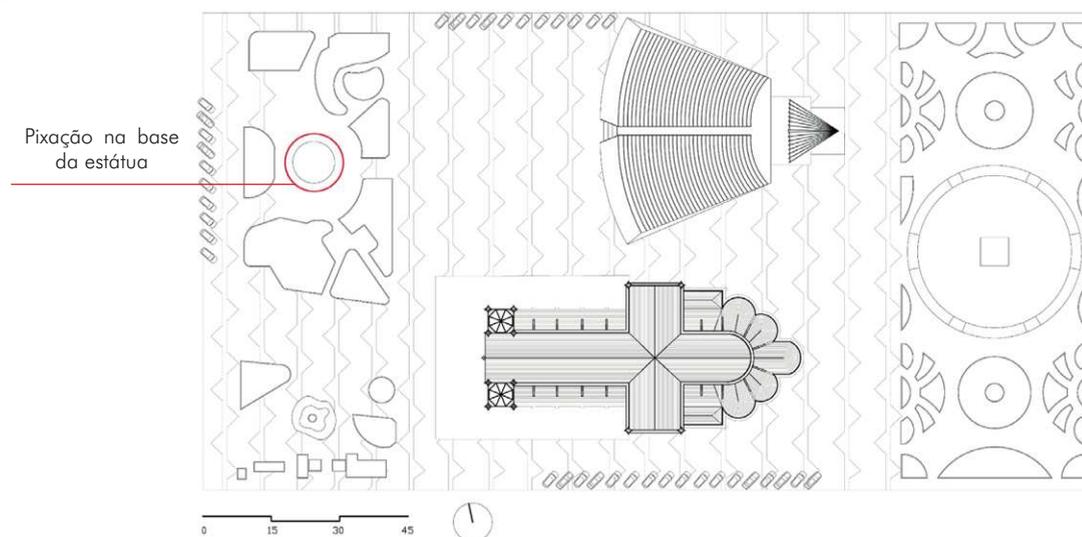
Fonte: Arquivo Pesoad/ Jade Felizola; Editado, 2018

FICHA DE INVENTÁRIO DE DANOS
PRAÇA DOM MALAN

DANO:
PICHANÇA

FID
03/11

PLANTA BAIXA - ELEMENTO CONTEMPLATIVO



SINTOMA: PIXAÇÃO
MANIFESTAÇÃO: ESTÁTUA EM
HOMENAGEM A DOM MALAN

EXTENSÃO: PONTUAL
CAUSA: VANDALISMO, FALTA DE SEGURANÇA
FENÔMENO: FÍSICO

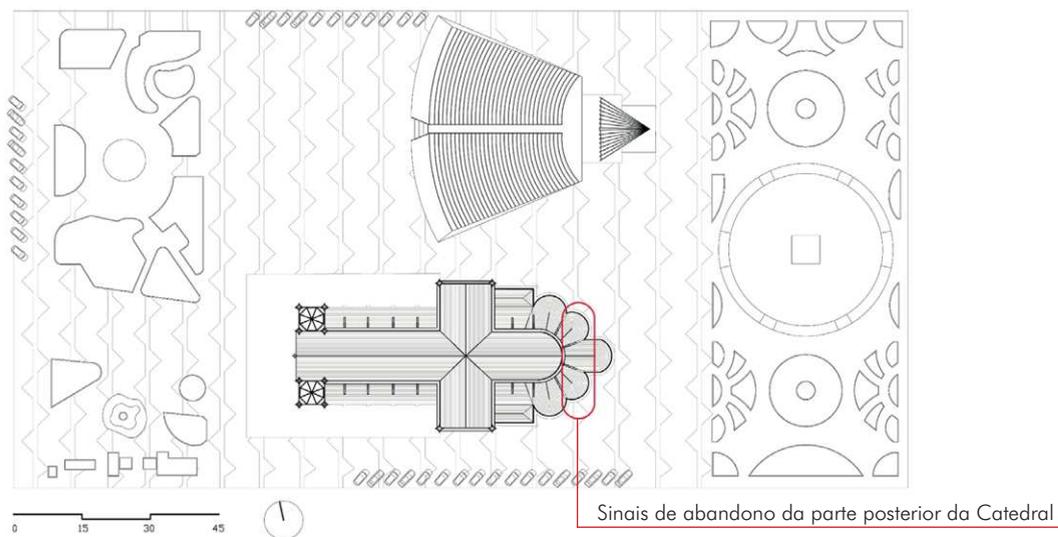


FICHA DE INVENTÁRIO DE DANOS
CATEDRAL

DANO:
NEGLIGÊNCIA DA ÁREA EXTERNA

FID
04/11

PLANTA DE LOCAÇÃO - ÁREA EXTERNA



SINTOMA: EFLORESCÊNCIA, PRESENÇA DE MATERIAIS
DESPEJADOS NO LOCAL
MANIFESTAÇÃO: PARTE EXTERNA DAS ABSIDIÓLAS

EXTENSÃO: PONTUAL
CAUSA: FALTA DE MANUTENÇÃO
FENÔMENO: BIOLÓGICO - FÍSICO



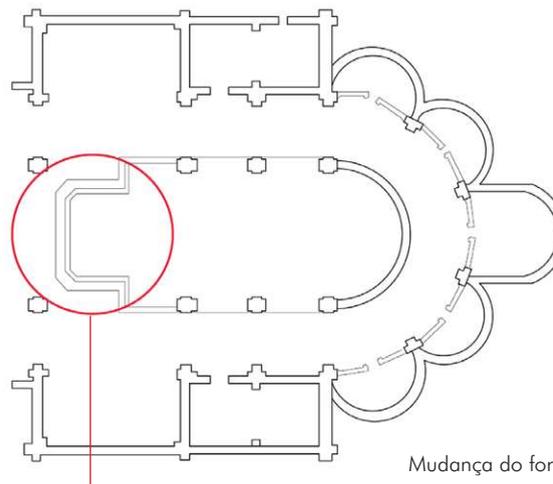
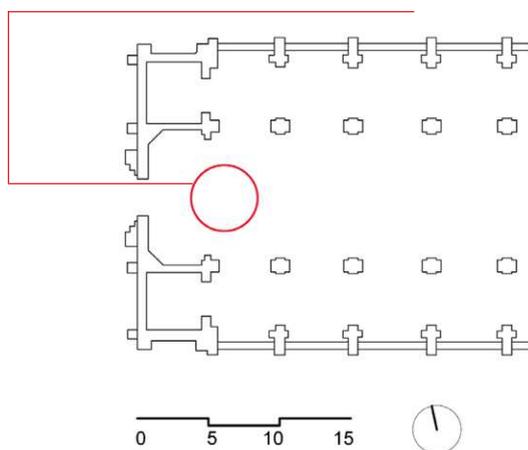
FICHA DE INVENTÁRIO DE DANOS
CATEDRAL

DANO:
DESCARACTERIZAÇÃO

FID
05/11

PLANTA BAIXA - PLANO DE PISO

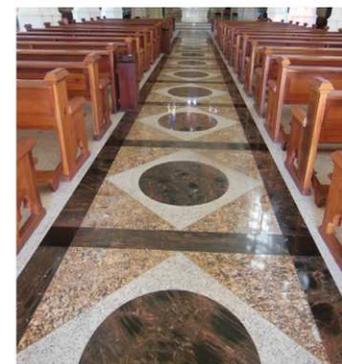
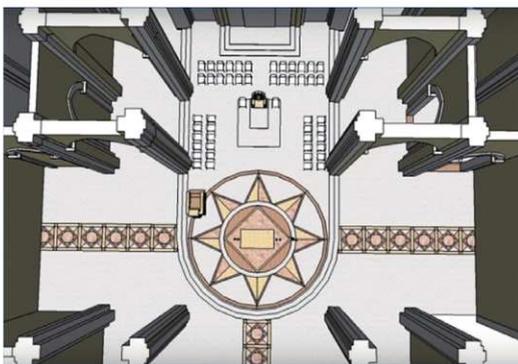
Mudança do piso de mosaico para mármore



Mudança do formato do altar

SINTOMA: DESCARACTERIZAÇÃO
MANIFESTAÇÃO: NAVES, ALTAR, SACRISTIA,
DEAMBULATÓRIO

EXTENSÃO: QUASE TOTAL
CAUSA: INTERVENÇÃO PROJETUAL INADEQUADA
FENÔMENO: FÍSICO



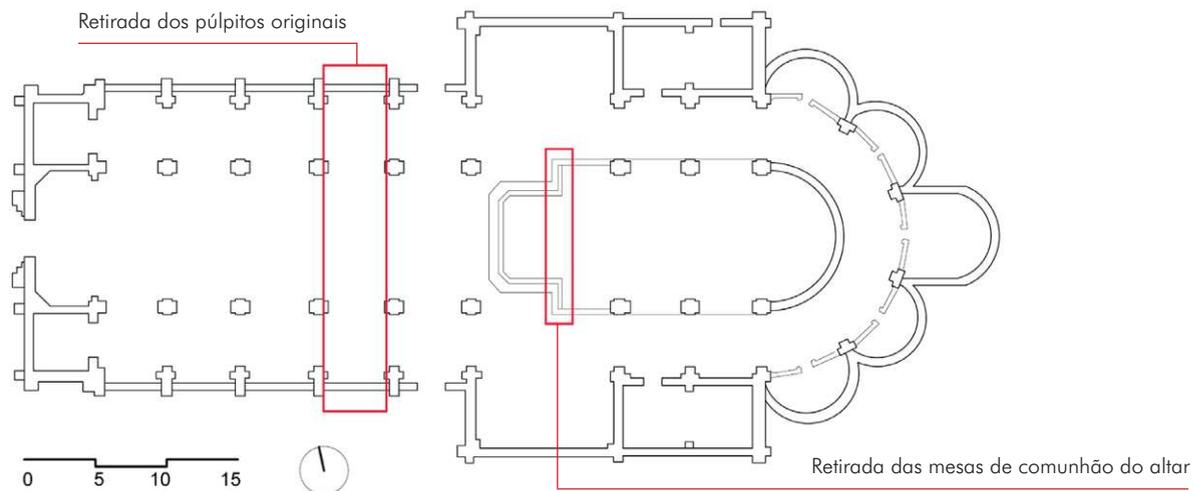
FONTE DA IMAGEM: ARQUIVO/JOSÉ FILHO, 2014

FICHA DE INVENTÁRIO DE DANOS
CATEDRAL

DANO:
DESCARACTERIZAÇÃO

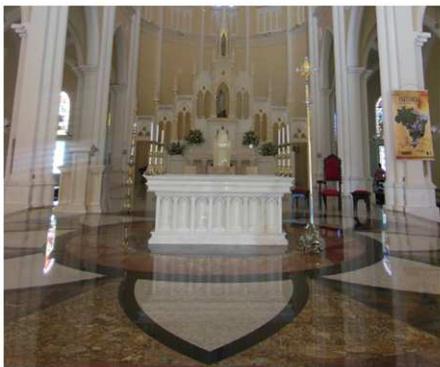
FID
06/11

PLANTA BAIXA - ELEMENTOS ORNAMENTAIS



SINTOMA: RETIRADA DE ELEMENTOS ORIGINAIS
MANIFESTAÇÃO: NAVES LATERAIS, ALTAR

EXTENSÃO: PONTUAL
CAUSA: INTERVENÇÃO PROJETUAL INADEQUADA
FENÔMENO: FÍSICO

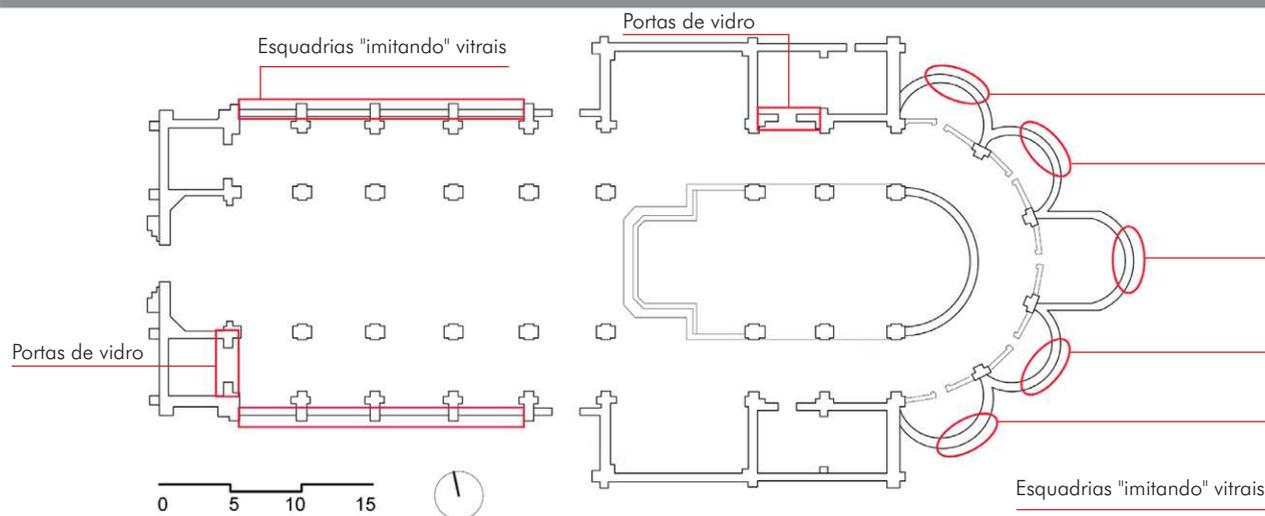


FICHA DE INVENTÁRIO DE DANOS
CATEDRAL

DANO:
DESCARACTERIZAÇÃO

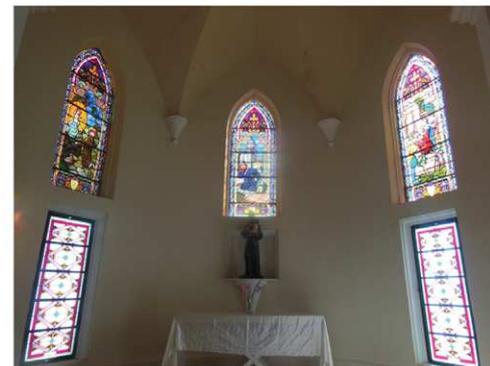
FID
07/11

PLANTA BAIXA - PLANO VERTICAL



SINTOMA: ADIÇÃO DE ESQUADRIAS INADEQUADAS
MANIFESTAÇÃO: PAREDES DAS FACHADAS NORTE E
SUL, ABSIDÍOLAS
EXTENSÃO: QUASE TOTAL

CAUSA: INTERVENÇÃO PROJETUAL INADEQUADA,
DESCONFORTO TÉRMICO
FENÔMENO: FÍSICO



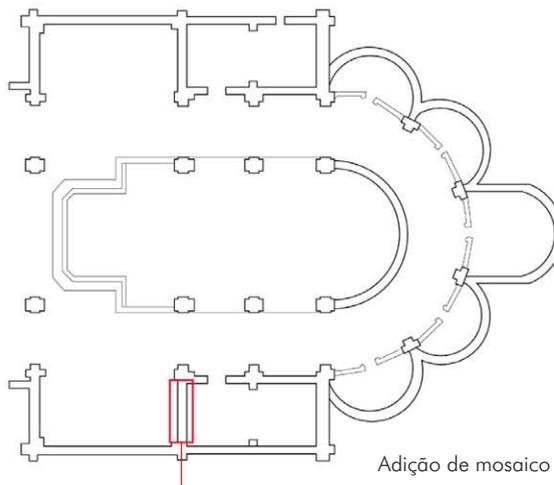
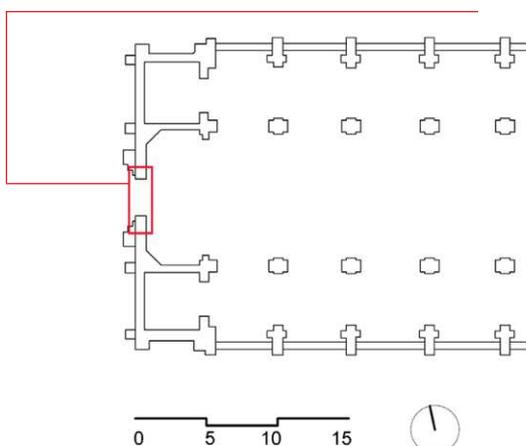
FICHA DE INVENTÁRIO DE DANOS
CATEDRAL

DANO:
DESCARACTERIZAÇÃO

FID
08/11

PLANTA BAIXA - ELEMENTOS ORNAMENTAIS

Adição de mosaico no Tímpano da Fachada Frontal



Adição de mosaico no Transepto

SINTOMA: ADIÇÃO DE ELEMENTOS DE OUTRO ESTILO
ARQUITETÔNICO
MANIFESTAÇÃO: FACHADA FRONTAL, TRANSEPTO

EXTENSÃO: PONTUAL
CAUSA: INTERVENÇÃO PROJETUAL INADEQUADA
FENÔMENO: FÍSICO

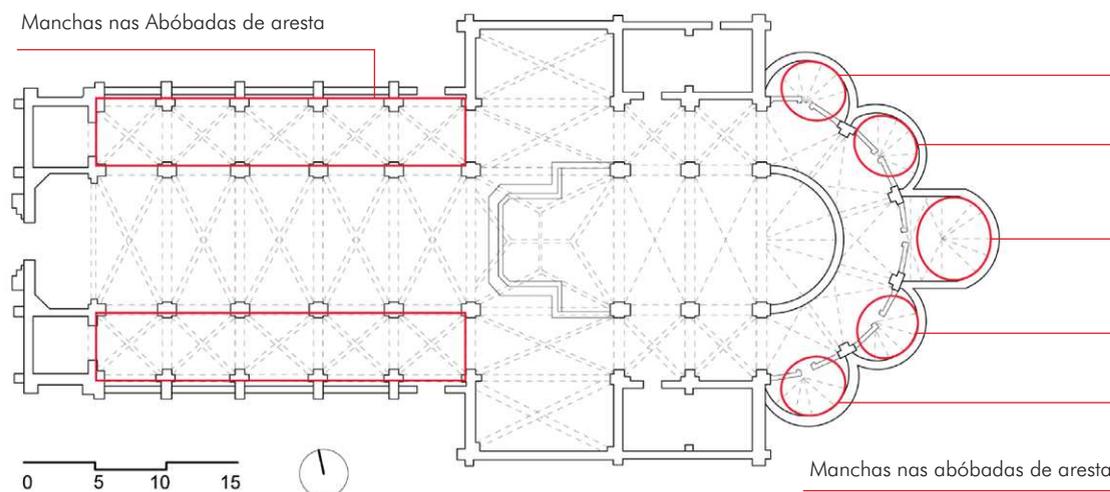


FICHA DE INVENTÁRIO DE DANOS
CATEDRAL

DANO:
APARECIMENTO DE MOFO

FID
09/11

PLANTA DE TETO - FORRO



SINTOMA: MANCHAS NA PINTURA
MANIFESTAÇÃO: FORRO DAS NAVES LATERAIS,
ABSÍDIOLAS

EXTENSÃO: PARCIAL
CAUSA: INFILTRAÇÃO DE ÁGUA
FENÔMENO: ATMOSFÉRICO - CHUVA



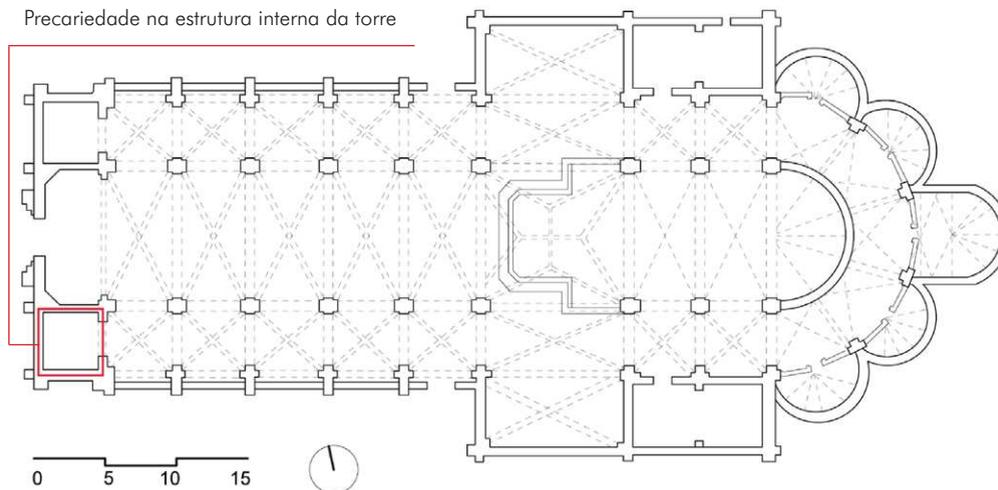
FICHA DE INVENTÁRIO DE DANOS
CATEDRAL

DANO:
PRECARIEDADE DAS ESTRUTURAS

FID
10/11

PLANTA DE TETO - TORRE

Precariedade na estrutura interna da torre



SINTOMA: PRECARIEDADE DE ACESSOS,
APODRECIMENTO DA ESTRUTURA DE MADEIRA, MANCHAS
NA ALVENARIA
MANIFESTAÇÃO: TORRE DO RELÓGIO

EXTENSÃO: PONTUAL
CAUSA: INFILTRAÇÃO; EXPOSIÇÃO DA ESTRUTURA À CHUVA
FENÔMENO: ATMOSFÉRICO - CHUVA

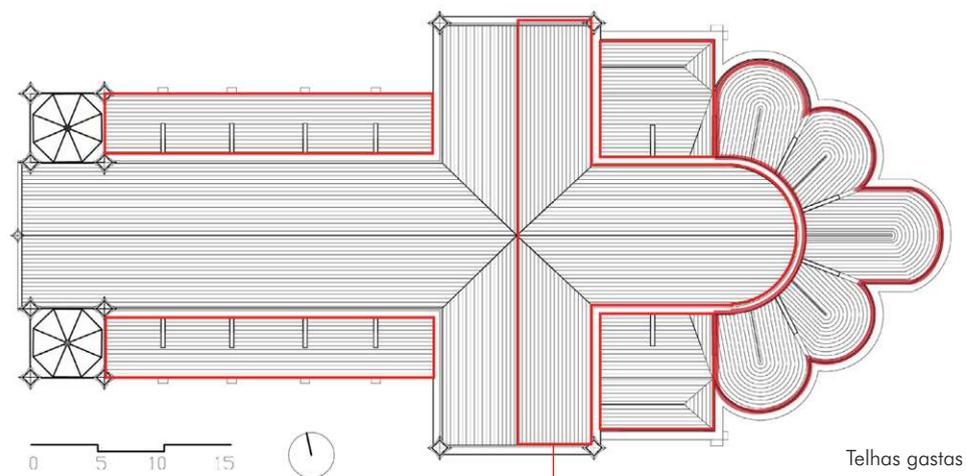


FICHA DE INVENTÁRIO DE DANOS
CATEDRAL

DANO:
DESGASTE DO TELHADO

FID
11/11

PLANTA DE COBERTA - TELHADO



SINTOMA: TELHAS MANCHADAS, ÁGUAS DESFALCADAS
MANIFESTAÇÃO: COBERTA DAS NAVES LATERAIS, SACRISTIA,
PARTE DO TRANSEPTO, ALTAR E ABSÍDIOLAS

EXTENSÃO: QUASE TOTAL
CAUSA: FALTA DE MANUTENÇÃO
FENÔMENO: ATMOSFÉRICO - SOL INTENSO, CHUVA, VENTOS



FONTE DAS IMAGENS: ARQUIVO/ KAIO CADS, 2018

SEÇÃO **5.3**

MAPA DE DANOS

MAPA DE DANOS - PLANO DE PISO E VERTICAL (PRAÇA)

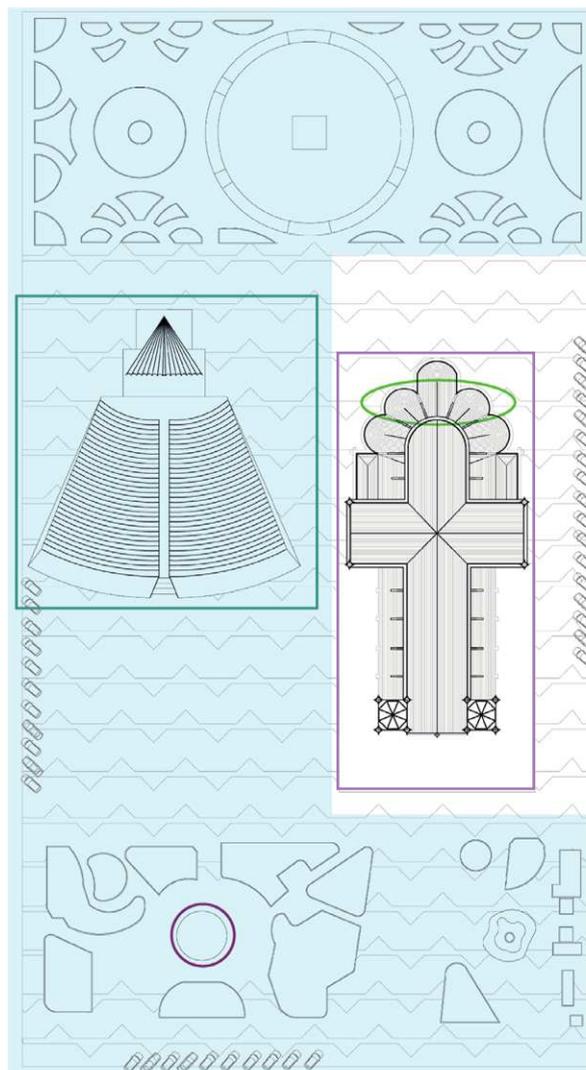
■ PRECARIIDADE DO PISO

■ PRECARIIDADE DE EQUIPAMENTO

■ PIXAÇÃO

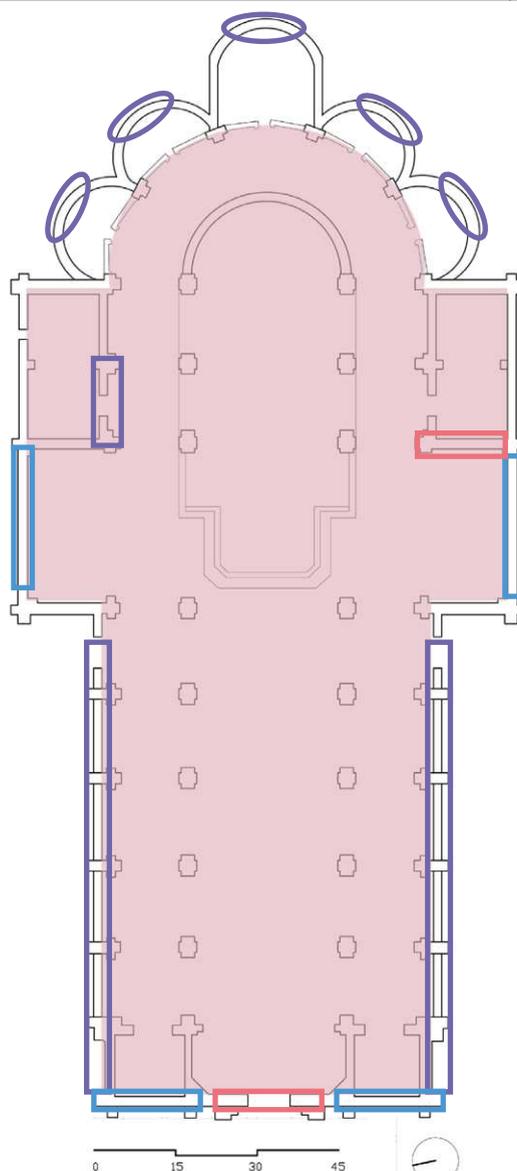
■ NEGLIGÊNCIA

■ BARREIRA FÍSICA



MAPA DE DANOS - PLANO DE PISO E VERTICAL (CATEDRAL)

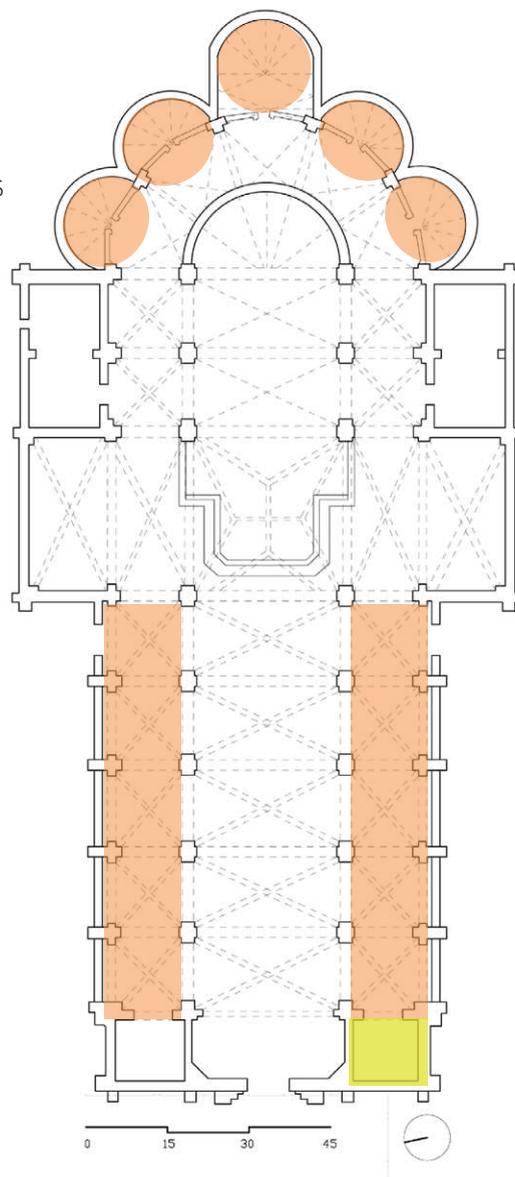
- DESCARACTERIZAÇÃO
- ESQUADRIAS INADEQUADAS
- ELEMENTO DISTOANTE
- ESQUADRIAS DANIFICADAS



MAPA DE DANOS - PLANO DE TETO (CATEDRAL)

■ APARECIMENTO DE MOFO

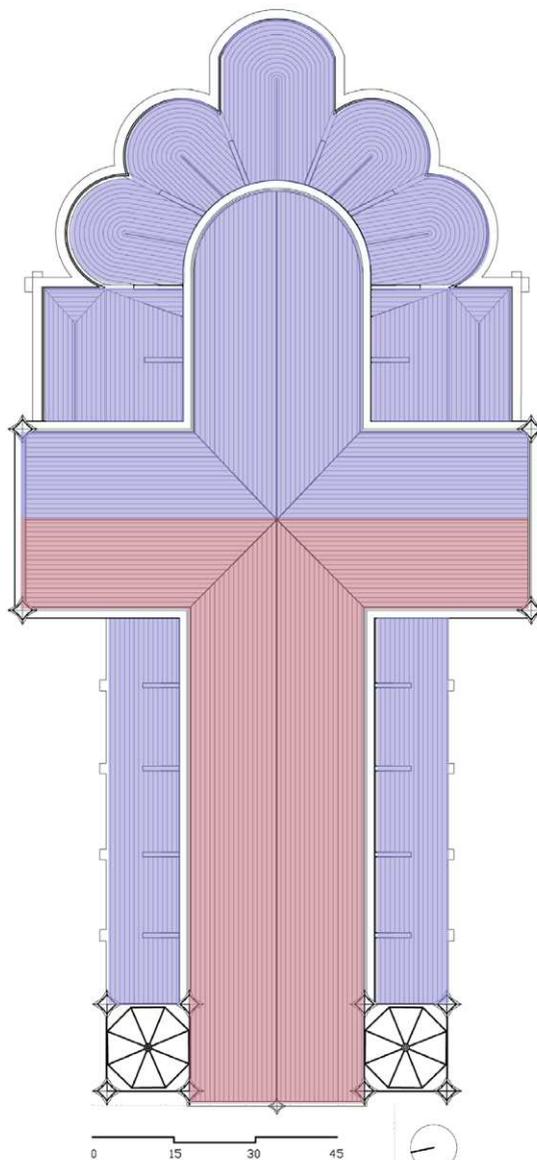
■ PRECARIIDADE DAS ESTRUTURAS



MAPA DE DANOS - COBERTA (CATEDRAL)

DESCARACTERIZAÇÃO

DESGASTE



CAPÍTULO 6
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Após o diagnóstico realizado, se chegou a algumas conclusões a respeito dos aspectos analisados, gerando diretrizes direcionadas à conservação do conjunto histórico, a saber:

6.1 Aspectos Legais

Como pôde ser apreendido através dos estudos, o conjunto encontra-se vulnerável legalmente, pois a legislação municipal não prevê diretrizes e condutas de proteção e intervenção no patrimônio local, apenas recentemente restringiu a intervenção em construções específicas da cidade. Em relação a isso, seriam necessários a complementação e o aprofundamento dos aspectos relativos à Zona de Patrimônio Histórico (ZPH) no Plano Diretor do município, incluindo essas diretrizes e condutas de intervenção, para que exista uma orientação mais adequada relativa ao projeto em patrimônio histórico.

Uma outra questão que deveria ser considerada pela administração local na complementação do Plano Diretor seria a realização de um inventário geral das construções de valor histórico da cidade, o qual é uma ferramenta valiosa de análise e pesquisa, além de ser uma forma de controle do acervo arquitetônico de município.

Mais especificamente do conjunto em estudo, seria essencial fazer esse tipo de levantamento, com descrição das características espaciais, estilísticas, tectônicas e formais, assim como informações de elementos decorativos e intervenções já ocorridas, para que se possa compreender a real situação do complexo e poder guiar os proprietários sobre a maneira correta de intervir nestes.

Além desse ponto, seria de grande importância que o órgão estadual de proteção patrimonial (Fundarpe), incluísse o conjunto no acervo tanto de sítios históricos, como o de patrimônio religioso do estado de Pernambuco, através do tombamento dos objetos em nível estadual, visto que tal medida fortaleceria a importância do aspecto da conservação, além de corroborar o valor histórico e arquitetônico não só na esfera local dos bens em questão.

6.2 Educação Patrimonial

Segundo o “Guia Básico de Educação Patrimonial” (IPHAN), esta se trata de “[...] um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da auto-estima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural”. Ainda segundo o IPHAN, alguns dos agentes de promoção desta educação são as escolas, também associações religiosas, de classes, recreativas, sindicais, assim como grupos artísticos, etc.

Como se pôde perceber ao longo do estudo, é de extrema importância que haja uma memória coletiva de identidade da população em relação aos bens culturais, pois tal interação auxilia na compreensão da conservação dos mesmos; mais importante ainda é que essa consciência patrimonial abranja os proprietários de construções de valor histórico, para que os mesmos busquem as formas adequadas de conservação e intervenção quando necessário.

Dito isso, uma outra diretriz proposta é que seja feita, por parte dos órgãos de proteção do patrimônio, uma educação patrimonial, da população e também dos proprietários de bens culturais, para que seja fomentada essa consciência nos principais responsáveis pela manutenção desses bens; no caso da Catedral em concreto, tal ação teria de ser aplicada no âmbito da Diocese e sua administração; já no caso da Praça, seria em relação à própria administração municipal e aos órgãos responsáveis pela intervenção nos espaços públicos, como por exemplo a Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Sustentabilidade e a Secretaria Municipal de Infraestrutura, Habitação e Mobilidade.

6.3 Conservação Física

E por fim, sobre os aspectos físicos dos objetos de estudo, temos as condutas em relação à cada Mapa de Dano, tanto na parte correspondente à Praça Dom Malan, quanto à Catedral:

Praça:

Em relação a esse espaço livre, temos primeiramente um dano muito grave relacionado ao piso. O piso de pedra portuguesa por si só já gera controvérsias hoje em dia por conta das normas de acessibilidade, logo, é imprescindível que sua manutenção seja feita da melhor forma possível, tanto para evitar qualquer tipo de acidente com os usuários, como também para preservar o aspecto estético original do local.

Portanto, seria necessário o reassentamento das pedras que estão soltas e a reposição, tanto nas áreas que possuem buracos, como nas partes onde estes mesmos buracos foram fechados com concreto, justamente para evitar acidentes e possibilitar o uso da área livre. O tratamento correto do piso de pedra portuguesa, quando as pedras são posicionadas de forma a não deixar espaçamento entre elas, possibilita a facilidade na limpeza e em futuras manutenções, assim como evita a eflorescência nas brechas.

No que se refere à Concha Acústica, é lamentável que um equipamento tão importante para a cidade, onde ocorrem tantos eventos durante o ano, esteja tão degradado. É possível que tal degradação se dê pelo fato de que cada organização de evento, seja esse uma escola, uma produção de show, etc, quando vai utilizar o espaço, pinta a área do palco e a parte interna da cobertura, e depois é responsável por repintar o local da cor original. Provavelmente, algumas tintas utilizadas não eram adequadas ao equipamento, que está sempre exposto às intempéries naturais, por isso se gerou a descamação da cobertura.

Portanto, nesse aspecto é necessário, primeiramente, que se faça uma restauração dessa área do palco, da cobertura, e de outras que sofrem com a descamação, retirando as camadas anteriores de

tinta, pintando uma nova camada de tinta adequada, com aplicação de impermeabilizante; e em relação à utilização de tinta pelas pessoas que usam o espaço, pode se estabelecer o material que tem que ser utilizado para retocar as áreas que seriam modificadas temporariamente, garantindo a manutenção e utilização dos materiais corretos.

Ainda no campo da manutenção, essa também é necessária das áreas dos assentos, que se encontram com diversas fissuras e rachaduras. Sobre o acúmulo de água, é importante que sejam tomadas algumas medidas de drenagem dessas áreas, talvez criando canaletas que direcionem a água acumulada para o sistema de drenagem urbano, ou até desviando essa água para os jardins e canteiros existentes na própria praça. Também, é essencial que seja feita a limpeza da área para evitar acúmulo de lixo.

No tocante à pichação, é necessário que seja retirada da base de mármore, para conservar o aspecto original do ornamento. As condutas para evitar que tal fato ocorra novamente seriam, em primeiro lugar, a educação patrimonial, que já foi citada, como uma ferramenta de conscientização da população local em relação à importância da conservação dos bens históricos.

Em segundo lugar, seria interessante que houvesse algum tipo de fiscalização na área, para impedir qualquer dano e/ou vandalismo, tanto no conjunto praça + catedral, como no entorno do mesmo também, onde existem outras edificações de valor histórico já mencionadas, como a sede dos Correios e o Colégio Maria Auxiliadora.

Por fim, em relação à área externa da Catedral, temos na parte posterior a eflorescência, causada em grande parte pela falta de manutenção das pedras portuguesas do local, criando brechas que permitem a proliferação de vegetação rasteira, o que também seria solucionado, primeiramente com a limpeza do local e a retirada dessa vegetação, e posteriormente o correto assentamento das pedras.

Catedral:

No tocante às fachadas da igreja, se recomenda a restauração dos vitrais que se encontram quebrados, assim como a retirada das grades e telas de proteção, que poluem a estética externa do edifício, concomitante às medidas de educação patrimonial e de fiscalização da área.

Outro elemento que se recomenda a retirada são os gradis que foram postos nos arredores da edificação, visto que os mesmos segregam o espaço, além de objetivamente não possuírem função alguma, sendo apenas um elemento de “falsa segurança”.

No que se refere às modificações descaracterizantes, as condutas apenas podem indicar que se evite ao máximo intervenções desta natureza, preservando as características originais que ainda se conservam no patrimônio, e buscando maneiras de deixar clara a diferença dos elementos originais e das intervenções.

No interior da catedral, se indica a manutenção do forro das áreas afetadas por mofo e infiltração, além da manutenção das partes desfalcadas do telhado, onde se recomenda o reassentamento das telhas originais que estão fora de lugar, e a complementação das áreas de desfalque com o mesmo tipo de telha, em vez da substituição total da cobertura por um tipo de telha diferente.

Além desse ponto, também é mais que urgente a reestruturação do esqueleto interno da torre do relógio, com a substituição da madeira apodrecida e o melhoramento dos acessos, assim como a reposição dos brises no topo da torre, pois o desfalque destes é o que permite a infiltração de água, gerando a deterioração da estrutura interna.

CAPÍTULO 7

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todas as etapas de estudo e análise, como também de elaboração de diretrizes, se conclui que, apesar dos problemas apresentados pelos objetos de estudo, estes ainda conservam em si tanto o valor histórico e arquitetônico, como o valor simbólico do que representaram e ainda representam até hoje, para a população, o município e toda a região onde se encontra.

A situação na qual os bens se encontram só reflete o descaso e a negligência sofrida pelo patrimônio histórico na cidade, portanto, é necessário que se tomem medidas de manutenção e proteção para conservação deste conjunto, para que assim, eles possam não só ser um registro do passado, mas também se manter como parte do presente e conquistar seu espaço no futuro.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Denise Puertas. O pensamento de Camillo Boito. Revista Vitruvius, ano 04, jul. 2005.

A representação religiosa do neogótico no interior do Rio Grande do Sul. VIII Mostra de Iniciação Científica IMED. Passo fundo, 2014.

CARVALHO, Cid. Petrolina: entre as cinzas do passado e os albores do porvir. Petrolina: [s.n.], 1993.

CAVALCANTI, Francisco José. Catedral de Petrolina - Profecia e Evocação. Petrolina: Editora e Gráfica Franciscana, 1999.

CHOAY, Françoise. A Alegoria do patrimônio. São Paulo: Estação Liberdade/ Editora UNESP, 2001.

COLE, Emily (Edição Geral). História Ilustrada da Arquitetura. São Paulo: Publifolha, 2014.

D'ÁVILA, Polyana. O Século XIX e o Neogótico na Arquitetura Brasileira: Um Estudo de Caracterização. Revista Ohun, ano 4, n. 4, p.100-115, dez 2008.

DIÁRIO OFICIAL. Prefeitura Municipal de Petrolina. Edição 1.740, ano 7, 31 de agosto de 2017.

FUNDARPE. Disponível em: <<http://www.cultura.pe.gov.br/fundarpe/>> acesso em: 06 de junho, às 10:23

GUIA BÁSICO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL. IPHAN. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial.pdf.pdf> acesso em: 15 de julho, às 14:37

GUIA DO ESTUDANTE. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/resumo-de-geografia-o-vale-do-sao-francisco-agricultura-e-caracteristicas-climaticas/>> acesso em: 11 de junho de 2018, às 9:40

IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/petrolina/historico>> acesso em: 21 de

abril de 2018, às 11:10; < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/historico>> acesso em: 11 de junho de 2018, às 9:30.

JESUS, Katharynne N. D.; CARVALHO, Isabelle M. Reflexões Sobre a Arquitetura Sacra e Influências Estilísticas no Ceará e Piauí. 4º Seminário Íbero-americano: Arquitetura e Documentação. Belo Horizonte, novembro de 2015.

LEI ORGÂNICA DE PETROLINA. Janeiro de 2001. Disponível em: <<http://petrolina.pe.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/Lei-Orga%CC%82nica-de-Petrolina-PE.pdf>> acesso em: 08 de junho, às 9:26.

LICHTENSTEIN, Noberto. Patologia das construções. Publicado no Boletim Técnico N°06/86 da Escola Politécnica da USP. São Paulo:USP, 1986

LUZ, Marta. Cronologia Histórico-Cultural: Petrolina, a terra dos impossíveis. Petrolina: [s.n.], 1995.

NOBREGA, Claudia; RIBEIRO, Rosina Trevisan M. Projeto e Patrimônio. Reflexões e Aplicações. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2016.

OLIVEIRA, Rodrigo Pinto Dias. O pensamento de John Ruskin. Revista Vitruvius, ano 07, fev. 2008; O idealismo de Viollet-le-Duc. Revista Vitruvius, ano 08, mar. 2009; O equilíbrio em Camillo Boito. Revista Vitruvius, ano 08, fev. 2009.

PASTICHE. Dicionário online de Cambridge, 2018. Disponível em: <dictionary.cambridge.org> acesso em 21 de junho de 2018, às 10:33.

PLANO DIRETOR DE PETROLINA. Procuradoria Geral do Município. Lei N° 1.875, de 14 de novembro de 2006. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/plano-diretor-petrolina-pe>> acesso em: 08 de junho, às 8:50

ROTA DO RIO SÃO FRANCISCO. Guia Turístico. Secretaria de Turismo de Pernambuco. Caruaru: [s.n.], 2014.

RTV CAATINGA. UNIVASF. Memória Sertão. Disponível em: <<http://www.rtvcaatinga.univasf.edu.br/memoriasertao>> acesso em: 24 de abril de 2018, às 10:55.

TINOCO, Jorge Eduardo. Mapa de danos. Recomendações básicas. Recife: CECI/MDU. 2009.

<<https://antesquesuma.com.br/memoria/mansao-gibson-rui-barbosa-ponte-duchoa/>> acesso em 15 de julho, às 16:28.

<http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2015/10/30/interna_vidaurbana,607411/capela-do-cemiterio-de-santo-amaro-entregue-requalificada-as-vesperas-do-dia-de-finados.shtml> acesso em: 15 de julho, às 17:35.

<<http://g1.globo.com/pe/petrolina-regiao/noticia/2014/11/reforma-da-catedral-de-petrolina-deve-se-estender-por-mais-um-ano.html>> acesso em: 06 de junho, às 8:35.

<<https://g1.globo.com/pe/petrolina-regiao/noticia/palacio-diocesano-de-petrolina-entra-em-processo-de-tombamento-como-patrimonio-historico.ghtml>> acesso em: 06 de junho de 2018, às 09:30.

<<https://g1.globo.com/pe/petrolina-regiao/noticia/prefeito-assina-decreto-para-preservacao-de-imoveis-historicos-de-petrolina-veja-lista-dos-bens-protegidos.ghtml>> acesso em: 06 de junho de 2018, às 10:34.

<<http://www1.hdm.imip.org.br/cms/opencms/hdm/pt/conheca/historico.html>> acesso em: 21 de abril de 2018, às 11:30.

<<https://www.masterrochas.com.br/blog/2017/02/22/limpeza-calcada-portuguesa/>> acesso em: 16 de julho, às 18:45.

<<https://www.portalsaofrancisco.com.br/arte/arte-gotica>> acesso em: 09 de julho de 2018, às 16:35

<<http://projetonacasadopai.com.br/igreja-sao-pedro-e-o-estilo-neogotico-no-brasil/>> acesso em: 25 de junho de 2018, às 10:53.

<<http://www.turismo.rs.gov.br/>> acesso em: 25 de junho de 2018, às 9:27.

<<https://www.youtube.com/watch?v=sp6n7vogZdc>> acesso em: 13 de julho, às 22:26

<<https://www.youtube.com/watch?v=FgelKLwe5s0>> acesso em: 13 de julho, às 22: 35.

<<https://www.youtube.com/watch?v=yTkNvhUxnNU>> acesso em: 13 de julho, às 22:48.